

**Universidade Federal do Ceará – UFC
Centro de Humanidades
Departamento de Psicologia
Mestrado Acadêmico em Psicologia**

Evelyn Benevides Carvalho

O papel do pai na fobia e na neurose obsessiva: o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos” em Freud e em Lacan.

Prof. Orientador: Ricardo L. L. Barrocas

Fortaleza/2006

EVELYN BENEVIDES CARVALHO

**O PAPEL DO PAI NA FOBIA E NA NEUROSE OBSESSIVA: o
‘Pequeno Hans’ e o ‘Homem dos Ratos’ em Freud e em Lacan.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicopatologia e Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo L. L. Barrocas

Fortaleza/2006

O papel do pai na fobia e na neurose obsessiva: o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos” em Freud e em Lacan.

Data da Aprovação: 24/11/2006.

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Ricardo L. L. Barrocas –
Universidade Federal do Ceará (U.F.C.).

Profa. Dra. Analuiza Mendes Pinto Nogueira –
Universidade Federal de Ceará (U.F.C.).

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira –
Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Dedico esta dissertação à *memória de meu pai*,
Antônio Jaime Benevides Filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente, à minha avó Edvirges, minhas tias e tios pelo apoio concedido na hora certa.

Ao meu filho querido, Pablo (Pablito), pela paciência, leveza e o seu saber viver.

Às amigas que fiz ao longo do mestrado: Adna, Aline, Delane e Karla, pelo companheirismo.

A Omar Rocha, por estar junto comigo ao longo deste processo.

À pessoas como Laís Alba, Beatriz Mota e Érika Galvão, pela ajuda e amizade desinteressadas.

Aos meus alunos, por participarem comigo do processo de transmissão e produção do conhecimento.

À Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade de uma pós-graduação gratuita e de qualidade.

A todos os professores do departamento de Psicologia da U.F.C. pela contribuição à minha formação e crescimento profissional.

À Fátima Severiano, enquanto professora e atual coordenadora do mestrado, pela colaboração.

Às professoras Leônia Cavalcante Teixeira e Analuiza Mendes Pinto Nogueira pela generosidade das orientações fundamentais que me foram dadas.

Ao meu orientador Ricardo Barrocas, pelo acolhimento, incentivo e orientação que impulsionou meu avanço no estudo da psicopatologia pelo viés da clínica, local primordial de construção do saber psicanalítico.

À FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela contribuição e estímulo à pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar a atuação do pai (entendido, aqui, como pai da realidade), em sua possível contribuição ao encaminhamento do filho para uma neurose obsessiva ou fobia, a partir das relações que acontecem no contexto da triangulação edipiana. Sendo a neurose uma estratégia de defesa frente à castração, que particularidades nas relações desejantes poderiam conduzir a uma ou outra forma típica de defesa? Se a conflitiva obsessiva desenrola-se eminentemente no plano do pensamento; e a fóbica, no plano da realidade (na relação com o objeto fóbico), o que poderia gerar esta diferença? Visando esclarecer alguns aspectos acerca do papel do pai real na estruturação da neurose da criança, é necessário observar o próprio desdobramento da função paterna em seus níveis real, simbólico e imaginário; a relação do pai com diversos outros elementos da dinâmica familiar: a dinâmica desejante no casal parental, a forma como cada um se relaciona com a lei, os elementos que interferem nestas relações, como se dá a circulação do falo em cada caso, dentre outros. Optamos por uma pesquisa bibliográfica e elegemos os casos clínicos ‘Pequeno Hans’ e ‘Homem dos Ratos’ como base primordial de nossa discussão, pois acreditamos que a análise do que é mais particular pode revelar aspectos universais de cada estrutura. Além disso, partimos do princípio de que o texto freudiano não está esgotado em suas possibilidades de nos surpreender e oferecer novos questionamentos. Utilizamos a contribuição lacaniana (em um momento inicial de seu ensino) e sua releitura destes casos clínicos. Autores como Jerusalinsk, Julien, Dor, Ambertín, Gazzola, Melman, dentre outros, também são convocados a enriquecer nossa discussão. Investigamos as semelhanças e diferenças na forma como o pai, em cada caso, cumpriu sua função que é dupla: interditor e modelo de identificação, assim como suas possíveis consequências sobre o sujeito, a forma deste lidar com o desejo e a castração. Na fobia, para delimitar e apaziguar a angústia, o sujeito precisa lançar mão do objeto fóbico como suplência para a função paterna que comparece de forma insuficiente na relação mãe-filho. Este objeto vem fornecer limites ao mundo do sujeito, demarcar pontos de perigo e servir de suporte a uma série de elaborações simbólico-imaginárias que podem possibilitar um remanejamento significativo, como no caso de Hans em que houve uma intervenção analítica. Na neurose obsessiva, observa-se um sujeito atormentado por pensamentos recorrentes e impelido a rituais como tentativas de proteção frente ao perigo, eternamente em conflito com a instância fálica, oscilando entre o desejo de transgredi-la e a submissão fervorosa. Lei que, para o obsessivo ficou difícil de elaborar, talvez por ter sido colocada de forma excessiva ou ambígua no contexto desejante da criança. No obsessivo, a passagem do ‘ser’ ao ‘ter’ torna-se mais problemática pela mensagem de insatisfação materna em relação ao marido. Isto dificulta o sujeito abrir mão de sua identificação fálica imaginária, ao mesmo tempo em que reconhece a existência e teme a instância da lei. Já o fóbico, pode ter ficado mais a mercê do desejo materno, sem uma instância terceira que o proteja do risco de aniquilamento. ‘Matar (o pai) ou morrer’ é o impasse do obsessivo. ‘Escapar (do gozo materno)’ é o esforço do fóbico. Desta forma, buscamos trazer nossas contribuições, reconhecer paradoxos e deixar em aberto algumas perguntas que se abrem ao longo do processo e que podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas.

ABSTRACT

This work aims at thinking upon the actions of the father (here understood as father in reality) in his possible contribution in leading the son to an obsessive neurosis or phobia from the relationships that happen in the context of the Oedipal triangulation. As neurosis is a defense strategy in face of castration, which particularities in the desiring relationships could lead to one typical form of defense or another? If the obsessive conflict unfolds eminently in the level of thought and the phobic in the level of reality (in the relationship with the phobic object), what could generate this difference? Aiming at clarifying some aspects of the role of the real father in structuring the child's neurosis, it is necessary to observe the very development of the paternal function in its real, symbolic and imaginary levels; the relationship of the father with several other elements of the family's dynamics: the desiring dynamics in the parental couple, the way that each of them relates to the law, the elements that interfere in those relationships, how the circulation of the phallus takes place in each case, among others. We have decided to carry out a bibliographical research and selected the clinical cases 'Little Hans' and 'Rat Man' as the fundamental basis of our discussion, as we believe that the analysis of what is most particular can unveil universal aspects of each structure. Furthermore, we start from the principle that the Freudian text is not exhausted in its possibilities of surprising us and offering new questions. We utilize the Lacanian contribution (in an initial moment of his teachings) and another reading of those clinical cases. Authors such as Jerusalinsk, Julien, Dor, Ambertín, Gazzola, Melman, among others, are also summoned to enrich our discussion. We investigate the similarities and the differences in the way that the father, in each case, has performed his function, which is dual: restrainer and model of identification, as well as his possible consequences on the subject, the subject's way of dealing with desire and castration. In phobia, to delimitate and allay the anguish, the subject needs to resort to the phobic object as a supplement to the paternal function that appears in an insufficient form in the relationship mother-son. This object comes to provide limits to the subject's world, to demarcate points of danger and to serve as support to a series of symbolic-imaginary elaborations which can render possible a meaningful change, as in Hans' case, in which there was an analytical intervention. In the obsessive neurosis, there is a subject tormented by recurring thoughts and driven to rituals as attempts of protection in face of danger, permanently in conflict with the phallic instance, oscillating between the wish of transgressing it and the devoted submission. A law that, for the obsessive has become difficult to elaborate, perhaps because it has been put in excessive or ambiguous way in the desiring context of the child. In the obsessive, the passage from the 'being' to the 'having' becomes more problematic due to the message of maternal dissatisfaction in relation to the husband. That makes it difficult to the subject to give up on his imaginary phallic identification, while at the same time he recognizes the existence and fears the instance of the law. As to the phobic, it can be that he has been more at the mercy of maternal desire, without a third instance to protect him of the risk of annihilation. 'Killing (the father) or dying' is the obsessive's impasse. 'Escaping (the maternal pleasure) is the phobic's effort. This way, we attempt to bring our contributions, to recognize paradox and leave unanswered some questions that arise along the process and that can serve as a starting point to future research.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
 CAPÍTULO 1 - Elaboraões freudianas acerca do papel do pai.....	20
1.1. O papel do pai em Freud.....	20
1.1.1. O papel do pai e a neurose.....	25
1.2. O pai de Hans.....	27
1.2.1. Antes da análise.....	28
1.2.2. O início do tratamento.....	30
1.2.3. A visita a Freud.....	32
1.2.4. Depois de Freud – O desfecho do tratamento.....	33
1.2.5. O ‘pai analista’.....	38
1.3. O pai do Homem dos Ratos.....	40
1.3.1. A precocidade sexual.....	41
1.3.2. A incidência da proibição.....	43
1.3.3. Uma vida sexual “obstruída”.....	46
1.3.4. Sobre a mãe.....	48
1.3.5. A neurose desencadeada.....	50
1.4. Semelhanças e diferenças.....	52
1.4.1. Algumas semelhanças.....	53
1.4.2. Algumas diferenças.....	54
1.4.3. Comentários.....	56
 CAPÍTULO 2 - Elaboraões lacanianas acerca da função do pai.....	60
2.1. A função do pai em Lacan.....	60
2.1.1. A metáfora paterna.....	61
2.1.2. Os três tempos do Édipo.....	63
2.1.3. Relação entre neurose individual e parental.....	66
2.2. O pai de Hans.....	68
2.2.1. O “paraíso do engodo”.....	69
2.2.2. A fobia.....	71
2.2.2.1. A necessidade da fobia.....	72

2.2.2.2. O medo e a angústia em Hans.....	74
2.2.3. O curso das fantasias.....	76
2.2.4. A cura “satisfatória” da fobia.....	79
2.3. O pai do Homem dos Ratos.....	87
2.3.1. A articulação mítica.....	87
2.3.2. O obsessivo, o desejo e o Outro.....	89
3.3.3. Sobre o Homem dos Ratos.....	94
2.4. Semelhanças e diferenças.....	97
2.4.1. Semelhanças.....	98
2.4.2. Diferenças.....	99
 CAPÍTULO 3 - A questão do pai na neurose obsessiva e na fobia.....	 104
3.1. A atuação do pai real e a neurose.....	104
3.2. O pai e a neurose obsessiva.....	106
3.2.1. A relação com o desejo da mãe.....	107
3.2.2. Sobre o supereu.....	110
3.2.3. Sobre gozo.....	112
3.2.4. A relação com o pai.....	113
3.3.5. O pai no Homem dos Ratos.....	117
3.3. O pai e a fobia.....	124
3.3.1. A relação com o desejo da mãe.....	127
3.3.2. A relação com o pai.....	128
3.3.3. O pai no pequeno Hans.....	132
3.4. Comparações.....	136
 CONCLUSÕES E QUESTIONAMENTOS.....	 140
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 146

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de problematizar e aprofundar o tema da função do pai na neurose obsessiva e na fobia, compreendendo esta última como aquilo que Freud (1909a) nomeou de histeria de angústia. Em seus textos iniciais, tais como *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia* (1895a), *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* (1895b), *As psiconeuroses de defesa* (1894), Freud elabora o tema da fobia, histeria e da neurose de angústia. No entanto, foi apenas na análise do caso do pequeno Hans (1909a) que ele utiliza o termo “histeria de angústia”. Síndromes fóbicas podem ocorrer em qualquer estrutura psíquica, no entanto o que se dá na histeria de angústia é sintoma estrutural. Optamos por utilizar o termo fobia como sinônimo desta estrutura, tal como Freud tantas vezes o fez ao longo de sua obra.

O papel do pai nas neuroses aludidas será comparado em suas semelhanças e diferenças a partir de dois casos clínicos analisados por Freud: *Análise de um caso de fobia em um menino de 5 anos* (1909a) e *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909b).

O conceito de pai está no cerne da estruturação psíquica do sujeito, do acesso ao simbólico e do processo de sublimação. Em suma, o pai real é quem marcará o sujeito em sua relação com a lei comum da castração: os efeitos psíquicos inconscientes que se podem atrelar à ameaça de castração no homem e à falta de pênis na mulher.

A neurose, falada por Freud, pode ser compreendida tanto em seu aspecto de estrutura, quanto de grupo articulado de sintomas, a “neurose desencadeada”. Em *Os caminhos da formação dos sintomas* (1917a), Freud sistematiza a “equação etiológica” da neurose, suas condições de estruturação. Primeiramente, uma pré-constituição sexual herdada, deduzida do momento mítico de *Totem e Tabu* (1934). Em seguida, viriam as experiências infantis que ativariam algumas questões universais – desejo de incesto e parricídio, por exemplo. Estas experiências são organizadas em torno das ameaças, da angústia e da constatação da castração, atualizando-se na historicidade particular de cada indivíduo. Estas duas condições formam a “série complementar” que somada a fixação (uma ligação regressiva da libido a formas de satisfação infantis, cujos objetivos

e tendências encontram-se mantidas nas fantasias) têm como consequência a constituição de uma “disposição” à neurose.

O pai real (aquele da realidade que terá de cumprir seu papel de agente da castração no terceiro tempo do Édipo)¹ teria sua participação neste processo no momento das “experiências infantis”, contribuindo de algum modo no encaminhamento do filho a um ou outro tipo de neurose. Afinal, se ele é o responsável pela ameaça de castração segundo Freud, ou o próprio agente desta, segundo Lacan – já que, para este último, a castração é uma operação que se dá pela via do simbólico e atua sobre um objeto imaginário – então, diferentes formas de intervenção do pai teriam efeitos e consequências diferentes para a criança.

No entanto, como bem nos lembra Lacan (1999), o que importa é a posição do pai no Édipo e não na família, sendo necessário, portanto, introduzir aí uma dimensão não realista, pois entram em jogo elementos simbólicos e imaginários, principalmente dos três protagonistas do Édipo na referência ao falo. Em *Complexos familiares na formação do indivíduo* (2003), Lacan acrescenta que a criança é mais sensível aos aspectos comunicados afetivamente do que ao comportamento objetivo dos pais. Portanto, “o destino psicológico da criança depende antes de mais nada, da relação que mostram entre si as imagens parentais” (p. 87).

A relação com o Pai² é um ponto chave na compreensão da neurose. Em Freud, esta é nomeada como defesa frente à castração; em Lacan, uma estratégia de responder à falta no Outro. Sabemos que a constituição do sujeito e de seu desejo se faz na relação com o Outro e este, enquanto discurso é antes de tudo, social. Portanto, as mudanças sociais refletem modificações na ordem discursiva e, conseqüentemente, na economia psíquica do sujeito.

Lacan, no seminário *A transferência* (1992), discorre sobre a gradação da decadência da função paterna ao longo dos tempos, o que é somado a uma decadência também da própria figura do pai da realidade. Muito se tem falado sobre a decadência da função paterna na contemporaneidade, e o discurso psicanalítico tem investigado suas possíveis consequências na vida do sujeito e na regulação dos laços sociais. A eleição dos poderes judiciário, médico, pedagógico, religioso e a crise econômica

¹ Conceito bem elaborado por Lacan no seminário *A relação de objeto* e que apresentaremos na página 62 deste trabalho.

² Por Pai definimos a representação psíquica da lei para o sujeito, resultante do imbrincamento de elementos reais, simbólicos e imaginários.

contribuíram para desautorizar o pai da realidade. À medida que estas instâncias revelam-se falhas e desacreditadas, há uma influência na forma de incidência da Lei. Na família, o pai da realidade acaba por tornar-se um pai “humilhado”, como Lacan já nomeara no seminário *A transferência*, a partir na análise das peças de Claudel..

Julien (1997) discorre sobre o declínio da “imagem social do pai” (p.13) e Melman (2003) observa certa falência das instituições que deveriam representar e assegurar a lei para os sujeitos, o que ele nomeia como uma crise das referências. O fato é que a forma de incidência da lei tem se modificado e suas conseqüências ainda estão sendo discutidas dentro do discurso psicanalítico. As neuroses continuam comparecendo na clínica psicanalítica, tomando novas formas, acompanhando os novos discursos sociais.

A neurose obsessiva, pode ser pensada a neurose obsessiva como a neurose do século XXI, visto fazer parte da estratégia obsessiva o sujeito forjar-se como caução para a dívida do Outro, identificar-se com aquilo que poderia preencher a falha paterna.

“É isso, precisamente, que faz da neurose obsessiva a neurose moderna por excelência: é a posição do pai na cultura dos tempos atuais que torna a estratégia obsessiva ainda mais necessária. O pai moderno, como todos sabem é um pai decaído, humilhado (...) Em nossa época, é o próprio símbolo do pai que está em perigo (GAZZOLA, 2003, p. 65).

A instituição familiar tem passado por diversas modificações ao longo do tempo, tal como nos mostra Roudinesco (2003), acompanhando as mudanças econômicas, políticas e sociais. Sabe-se que a função paterna é algo para além e para além de um sujeito real, de um homem. É antes de tudo uma lei simbólica, instituída *no e pelo* social, mas que deve ser engendrada dentro de cada família, a partir da existência de cada nova criança, a fim de que este novo ser se engaje na ordem simbólica e constitua-se como sujeito. Lacan (1999) já falara que muitos Édipos normais ocorrem mesmo sem a presença do pai da realidade.

É preciso, antes de tudo, que a dimensão do pai, como instância terceira que medeia o desejo da mãe, compareça no discurso desta. No entanto, é preciso também que em um momento posterior exista *um real que certifique a existência do Outro*, e este papel, muitas vezes, é desempenhado pelo pai da realidade. O pai da realidade tem

sofrido diversas modificações no que diz respeito ao seu papel na família e na sociedade, em sua função, imagem e status, assim como as neuroses têm mudado sua forma de manifestação.

A Psicanálise enfatiza o papel do pai como função eminentemente simbólica que pode prescindir de um homem, um genitor. De fato, não se trata do homem em si, mas de como ele desempenhou sua função no Édipo, como se fez ou não porta-voz da lei naquela situação específica.

O objetivo desta pesquisa é estudar a função paterna justamente quando ela é exercida por um homem, este que Lacan (1999) denomina de “pobre coitado”, pequeno diante de sua função, insuficiente e tendo de dar provas de possuir aquilo que de fato não tem. Não se trata de analisar o pai como pessoa, mas o pai dentro do Édipo - tal como Freud e Lacan nos ensinaram – e daí articular sua implicação na neurose do filho.

A posição paterna que é estruturante para o sujeito é eminentemente simbólica, mas se constitui no imbrincamento com as dimensões imaginária e real, de modo que o pai real (como pai da realidade, já que este é muitas vezes colocado nesta função) não será indiferente à forma como a lei irá incidir sobre o sujeito. Quanto a isso, ele pode ajudar ou atrapalhar.

O investimento fálico imaginário em uma terceira instância é, antes de tudo, uma construção do próprio sujeito, mas a atuação do pai dentro do contexto edipiano será indiferente a este investimento? Acreditamos que não. O investimento maior ou menor poderia ser de responsabilidade apenas do sujeito? Não é possível falar de desejo sem que se remeta ao desejo do Outro, já que é aí que o desejo do sujeito se constitui.

O desejo do Outro está inserido em um contexto relacional composto de elementos de realidade e de fantasia. A elaboração do pai imaginário, embora seja tarefa do sujeito, ocorre dentro deste contexto que envolve elementos reais, simbólicos e imaginários, e todos devem ser levados em consideração, mesmo que consideremos ‘real’ como ‘realidade’. Não queremos estabelecer nenhuma tipologia para cada neurose, criar regras, nem estabelecer vinculações simplistas, mas também não ‘tentar foracuir’ o lugar do pai da realidade na teorização da metáfora paterna dentro do discurso psicanalítico.

Autores como Jerusalink (1999), Dorey (2003), Dor (1994), além do próprio Lacan (1999), dentre outros, ao mesmo tempo em que criticam abordagens “naturalistas”, “antropológicas”, “ambientalistas”, “psicologizantes”, “socio-

psicológicas” ou “educativas”, descrevem e constatam constelações familiares típicas encontradas em cada neurose a partir de relatos clínicos. Se o pai real foi o suporte da lei em determinado momento, é necessário ver como ele participou do drama edipiano. Daí, as descrições comumente encontradas. Afinal, se a dimensão da realidade fosse completamente indiferente, aqueles que se relacionam com a criança poderiam fazer qualquer coisa que fosse, já que a elaboração imaginária e simbólica diria respeito somente a ela. Assim, os pais nada teriam a ver com a neurose, psicose ou perversão do filho. E estas seriam de responsabilidade exclusiva do sujeito. Como esta idéia acima nos parece absurda, resta-nos compreender a contribuição de cada elemento envolvido no jogo.

Aprofundar o conhecimento nesta questão contribui para a prática clínica do psicanalista, embora a Psicanálise não se proponha a atuar de forma “preventiva”, propondo aos pais determinada forma de comportamento, pois sabemos que este só terá efeito sobre a criança se forem autênticos, correspondentes ao desejo, e sobre este, o sujeito não poderá ter controle. No entanto, o psicanalista pode atuar sobre os efeitos psíquicos da forma como se deu (ou se dá) a triangulação edipiana, a internalização da lei e a posição do sujeito diante desta.

É, então, em torno da atuação do pai na triangulação edípica que enfocaremos esta pesquisa, buscando compreender melhor sua contribuição na formação da neurose. Para isso, propomos uma pesquisa estritamente bibliográfica, considerando como objeto de estudo privilegiado os textos freudianos, partindo do princípio de que estes não estão esgotados em suas possibilidades de nos surpreender e revelar novos dados, mesmo sobre temas já bem trabalhados pela literatura psicanalítica.

O papel do pai nas duas neuroses – fóbica e obsessiva – será abordado a partir dos casos clínicos do “Pequeno Hans” (FREUD, 1909a) e “Homem dos Ratos” (FREUD, 1909b), pelo que Freud e Lacan comentam e, principalmente, do que o sujeito lembra ou representa. Este aspecto abrange não só os ditos e comportamentos do pai, mas também seus não-ditos e seus “mal-ditos”, no tocante à relação mãe-filho e ao seu desejo em relação à cônjuge, e ainda do que resulta daí: o discurso do casal em relação à criança. Deste discurso, infere-se o que se chamará aqui de “constelação familiar”: a relação do desejo no casal, as posições de cada um em relação à lei simbólica e a forma como assumem o modelo sexual que representam.

Alguns textos freudianos se constituem como base essencial de nossa discussão. Além dos dois casos clínicos já mencionados, destacamos: *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926), *Os caminhos da formação dos sintomas* (1917a), *Os instintos e suas vicissitudes* (1915b), *Repressão* (1915a), *O Ego e o Id* (1923b), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924a), *O problema econômico do masoquismo* (1924b). Já em Lacan, ressaltaremos as elaborações feitas nos seminários *A relação de objeto* (1995), *As formações do inconsciente* (1999) e em *O mito individual do neurótico* (1987). Na leitura destes textos, assim como na de autores como Peres (2003), Gazzola (2002), Ambertín (2006), Jerusalinsk (1999), Melman (1999), Dorey (2003), Dor (1994), dentre outros, estaremos sempre colocando nossas próprias idéias e levantando questões, mesmo que deixemo-las em aberto para que, talvez, possam servir como ponto de partida para pesquisas posteriores.

Em um primeiro momento, centramos nossa atenção sobre o texto freudiano. O tema da escolha da neurose sempre intrigou Freud e sua elaboração acerca do papel do pai na neurose passa por etapas. Inicialmente, ainda na teoria do trauma, o pai ocupava o lugar do sedutor. Em seguida, o pai teria sua participação na neurose por exercer o papel de agente na ameaça de castração. E, por fim, esta não precisa ter sido efetivamente proferida, mas apenas imaginada pela criança, a partir das relações que se estabelecem no Édipo. Freud passa a observar a atuação do pai em seus casos clínicos, tal como fez em Hans e no Homem dos Ratos.

O pai teria papel ativo na forma como se dá o Édipo em cada indivíduo, a forma como se vive o complexo de castração, a formação do supereu, da identidade sexual, a formação do Ideal de eu que guia o curso das sublimações. A neurose, constituída como defesa frente à castração, faz do sintoma uma formação de compromisso de modo que permite o retorno do recalado dentro de certos limites. Freud observa o papel do pai em cada neurose e estabelece algumas relações deste com a forma e a significação dos sintomas fóbicos (angústia, objeto fóbico), e obsessivos - pensamentos, cerimoniais, anulação retroativa, formação reativa, a dúvida, a procrastinação, a forte ambivalência dos sentimentos, a fixação à fase anal-sádica da libido, regressão do agir ao pensar, o supereu mais severo. Além dos dois casos clínicos em questão, utilizamos os demais textos freudianos que esclarecem temas tais como Édipo, castração, dinâmica das pulsões, angústia, fobia e neurose obsessiva, além dos demais aspectos relevantes à esta pesquisa.

Em um segundo momento, comentamos o que Lacan elabora como sendo a função paterna na estruturação psíquica do sujeito³. Isto implica uma análise apurada acerca do conceito de metáfora paterna que efetua uma passagem da questão do pai para o plano da linguagem, redimensionando a elaboração de Freud sobre a figura do pai e do complexo de Édipo. Este passa a ser estudado como dividido em três tempos lógicos, em que se desdobram três formas de falta (frustração, privação, castração), os três objetos nos quais a falta incide a os três níveis de atuação do pai (simbólica, imaginária, real) – tem sua forma de atuação específica, embora sempre articuladas.

Utilizaremos também as elaborações lacanianas acerca da relação entre a neurose individual e parental, a importância atribuída ao papel das fixações, da relação do sujeito com o Outro, a relação entre gozo e desejo, embora não nos utilizemos da teoria do gozo em seu desdobramento.

Quanto mais Lacan avança na elaboração do gozo, mais as definições se adicionam, distinguindo diferentes modalidades: gozo da Coisa, do Outro, do ser, gozo fálico, mais-gozar, gozo feminino. Não se pode mais falar de gozo, mas dos gozos que se tenta definir por formalizações cada vez mais precisas (VALAS, 2001, P. 80).

O conceito de gozo será aqui utilizado, mas é importante lembrar que gozo para Freud se refere ao próprio usufruto da sexualidade, enquanto para Lacan o conceito se complexifica. Portanto, o conceito de gozo será utilizado para nomear tanto a satisfação pulsional, quanto o que Chemama compreende as “*diferentes relações com a satisfação* que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso de um objeto desejado” (1995, p.90- grifo nosso). Isto implica a dimensão do mais além do princípio do prazer, é contraditório, satisfaz tanto as pulsões de vida, quanto de morte. Antes da intervenção da lei, a criança se encontra engajada em uma forma de gozo não barrado com a mãe que o coloca em uma posição de objeto. O interdito opera sobre isto, colocando o falo como o elemento que promove uma descarga regulada da satisfação

³ Por ser bem complexa a questão do nome-do-pai em Lacan e polêmica em relação a uma fidelidade ou não à teoria freudiana (PORGE, 1998), optamos por acompanhá-lo até o momento do seminário cinco, *As formações do inconsciente* (LACAN, 1999). Utilizamos as contribuições lacanianas sobre a função do pai apenas no que, ao nosso ver, esclareça o que já está dito no texto freudiano.

pulsional. A função fálica vem possibilitar o acesso a um gozo barrado que permite à criança ascender à condição de sujeito.

Além disto, utilizaremos-nos daquilo que Lacan elabora acerca da angústia, da fobia e da neurose obsessiva, assim como as novas significações que reconhece nos sintomas típicos de cada neurose e no que estes teriam relação com o pai. Além disso, nos deteremos em especial na leitura de Lacan dos casos clínicos de Freud, especialmente o que ele articula sobre a forma como a função paterna operou em Hans e no Homem dos Ratos. Na análise da leitura de Lacan acerca destes casos clínicos, observaremos as possíveis semelhanças e diferenças que o próprio Lacan já aponta na atuação do pai em cada caso.

Em um terceiro momento, faremos um apanhado das contribuições de diversos autores com o objetivo de esclarecer o que Freud e Lacan articulam sobre o pai em sua relação com a fobia e a neurose obsessiva. Isto possibilita o detalhamento de algumas questões, uma diversidade de pontos de vista sobre a atuação do pai em cada neurose, sobre a função do supereu, a discussão a respeito de uma continuidade ou não da elaboração sobre a angústia em Freud e Lacan, além de outros discursos e novas análises sobre Hans e o Homem dos Ratos, casos clínicos clássicos que se tornaram tema de trabalho em diversos autores. Correlacionaremos as proposições de cada um, naquilo em que podem assemelhar-se e divergir, esclarecer e problematizar determinados elementos e acrescentamos a estas idéias o nosso próprio posicionamento.

Lacan define até o momento do seminário *A relação de objeto* (1995), o pai real como sendo aquele da realidade familiar. E o pai, no Édipo, ele define como sendo uma metáfora, um significante que surge no lugar de outro significante (o do desejo da mãe). No entanto, neste mesmo seminário, falando sobre a função do pai real que intervém no terceiro momento do Édipo, ele enfatiza a dimensão realística da atuação do pai. “A relação da mãe com o pai torna a passar para o plano real” (Ibid, p. 200). Este comparece aí como aquele que pode dar provas de que tem o falo e posicionar-se junto à mãe como doador. Tarefa difícil para um homem: dar provas de ter aquilo que de fato não possui. Neste terceiro momento, ele deve fazer valer a lei do interdito, aquela que antes aparecia para a criança apenas mediada pelo discurso da mãe.

O pai no Édipo é um significante, que deve ser veiculado através de um pai real que se faça porta-voz de uma proibição à qual ele mesmo está submetido. Não é autor

desta lei, deve realizar sua transmissão. Lacan (1999) é bem claro ao falar da carência do pai de Hans e suas implicações na fobia do garoto. A angústia surgiria diante do assujeitamento do menino em relação à mãe, já que quase nada comparecia para colocar limite nesta relação. Isto faz com que o garoto busque um objeto externo para suprir o significante do pai simbólico, aquilo que lhe faltava, algo que pusesse barra ao seu gozo com a mãe.

Freud é muito discreto ao falar dos pais de Hans, ao passo que Lacan é bem taxativo. Por isso, qualquer coisa relacionada a uma suposta carência do pai de Hans deve ser retirada das entrelinhas do texto freudiano e daquilo que, ali, fica sugerido. Freud entende a fobia do garoto como

uma grande medida de restrição sobre sua liberdade de movimento [...] uma poderosa reação contra os impulsos [...] dirigidos contra sua mãe [...] que incluía o impulso para copular (FREUD, 1909a : p. 144).

Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1926), Freud esclarece mais alguns aspectos. Diante da intensificação libidinal, surge a angústia de castração como sinal de perigo. Daí, o eu convoca o sintoma (fobia) como defesa frente à angústia, através do deslocamento do objeto ameaçador do pai para o cavalo. Assim, é possível o eu exercer certo controle da situação, pois, mantendo-se afastado do objeto, evita-se a angústia.

Já em relação ao obsessivo, admitimos com Gazzola (2002) que “o que falta em Hans está em excesso no Homem dos Ratos” (p. 64). O autor tece este comentário a respeito de como o pai real é percebido imaginariamente pelo sujeito. O pai de Hans, excessivamente gentil, não era eficaz na interdição do gozo do menino em relação à mãe, enquanto, no segundo caso, o pai teria sido percebido como excessivamente interditor do gozo. É interessante notar que, se em Freud a “carência” fica apenas sugerida no texto sobre Hans, no caso do Homem dos Ratos, ele é mais explícito ao referir-se ao seu caráter e intervenção excessiva junto à sexualidade do garoto. Chega, inclusive, a fazer uma construção ao paciente. Afirma que este deve ter sido, na infância, “[...] duramente castigado por seu pai [pela masturbação]. Esta punição [...] deixara, atrás de si, um rancor inextinguível por seu pai e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual do paciente” (FREUD, 1909b, p. 207).

Daí, decorrem a “vida sexual obstruída” do Homem dos Ratos e o desejo de morte do pai que lhe vinha à mente, toda vez que sentia um desejo de ordem erótica. Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* Freud (1926) deixa claro como a sexualidade é alvo fácil de uma inibição e que esta representa o abandono de uma função do eu porque sua prática produziria angústia diante da possibilidade da castração.

Nas neuroses obsessivas esses processos [dissolução do complexo de Édipo, consolidação do supereu e criação de barreiras éticas e estáticas no eu] são levados mais longe do que o normal [...] a severidade [do supereu] se revela na condenação da tentação de continuar com a masturbação infantil inicial, que agora se liga a idéias (anal-sádicas) regressivas mas que, não obstante, representa a parte não subjugada da organização fálica. Há uma contradição inerente a este estado de coisas, no qual, precisamente no interesse da masculinidade (isto é, pelo medo da castração), toda atividade que pertence à masculinidade é paralisada. Mas também aqui a neurose obsessiva está apenas levando a efeito, de forma excessiva, o método normal de livrar-se do complexo de Édipo” (FREUD, 1926, p. 138).

Se os atos e cerimoniais obsessivos são tão fortemente marcados como proibições e a defesa frente ao desejo precisa ser tão forte, infere-se que a ameaça de castração aí implicada seja também muito forte, tenha tido muito impacto sobre o sujeito. Na neurose obsessiva, o pai é totalmente internalizado e despersonalizado sob a forma do supereu, não há muito como fugir dele, diferentemente da fobia em que ele comparece no exterior e é possível evitá-lo. O que terá gerado esta diferença? Sabemos que simbolizar e elaborar a lei do interdito é uma tarefa comum a todas as crianças. Nos dois casos em questão, a forma como foi veiculada a mensagem da lei não favoreceu a realização desta tarefa. Lembremos, porém, que esta nunca se dá de forma perfeita, daí o retorno do recalado. Mas como é que a forma de veiculação da lei pelo pai repercute na forma da neurose assumida pela criança? É o que pretendemos problematizar e aprofundar ao longo desta pesquisa.

É necessário que retomarmos as bases teóricas sobre a questão da angústia, da fobia e da neurose obsessiva no discurso psicanalítico, visto a disseminação do discurso psiquiátrico em relação ao sofrimento psíquico.

A divisão tradicional entre neurose e psicose que era evidente na CID-9 (ainda que deliberadamente deixada sem qualquer tentativa de definir esses conceitos) não tem sido usada na CID-10. [...] Ao invés de seguir a dicotomia neurótico-psicótico, os transtornos são agora arranjados em grupos de acordo com os principais temas comuns ou semelhanças descritivas, o que dá ao uso uma conveniência crescentes (CID-10, 1993, p.3).

O sofrimento psíquico é considerado apenas em seu aspecto sintomático descritivo. A neurose obsessiva, a angústia e a ansiedade passam a ser classificadas como ‘TOC’ (transtorno obsessivo-compulsivo) e ‘Síndrome do pânico’ (ou ansiedade paroxística episódica) e ‘Transtornos fóbico-ansiosos’. Todos estes englobados em uma categoria comum chamada de ‘Transtornos neuróticos relacionados ao estresse e somatoformes’ nos quais se reconhece “[...] uma substancial (embora incerta) proporção desses transtornos à causação psicológica” (CID-10, 1993, p.132).

Na psiquiatria, busca-se a remissão dos sintomas sem que se pense em seus possíveis significados e sua função na economia psíquica do sujeito. Quais serão os riscos e conseqüências possíveis de se ‘calar’ a voz do sintoma pela via da simples medicalização? Para onde poderá dirigir-se a angústia não elaborada, o desejo não reconhecido?

É necessário que retomemos nosso discurso em torno da função e significado do sintoma no sujeito para que a clínica seja, antes de tudo, um lugar de escuta e elaboração dos conflitos psíquicos, e não apenas de ‘abafamento’. A Psicanálise se constitui como um discurso e uma prática de resistência frente aos métodos médico-sociais de controle do indivíduo, devolvendo a este o direito de falar, e oferecendo-lhe uma verdadeira escuta, *sustentação* e elaboração de suas questões.

Uma vez que o sintoma é, antes de tudo, uma mensagem endereçada a um outro, cabe a nós, então, saber do que se trata. Neste sentido, por mais paradoxal que pareça, é justamente frente as “novas” formas de sofrimento que se faz necessário e urgente um retorno as bases teóricas, a fim de resgatar o sentido destas manifestações na vida do sujeito.

CAPÍTULO I - Elaboraões freudianas acerca do papel do pai.

1.1. O Papel do Pai em Freud

Inicialmente apontado como o sedutor da histérica, o pai sempre teve em Freud importante participação na etiologia das neuroses. Com a constatação de que os relatos de suas pacientes eram mais fictícios do que reais, Freud abandona a teoria do trauma e chega à teoria da fantasia. Assim, o pai ou a mãe aparecem como os sedutores da criança por conta dos desejos edipianos desta, que originavam as fantasias. Fantasia ou realidade, o pai aí comparece.

Em 1897, escrevendo a Fliess a respeito de um sonho seu, Freud diz que o sonho revelava seu *desejo de constatar o pai como o promotor da neurose* (31/05/1897). Sobre a questão da escolha da neurose, articula pela primeira vez a relação entre esta e a fixação em *Dois princípios do funcionamento mental* (1911). Em *A disposição a neurose obsessiva* (1913), comenta que a neurose teria dois determinantes patogênicos: os acidentais que teriam função desencadeante e os constitucionais. Estes teriam “caráter de disposições” (p. 399) e referem-se à hereditariedade e as experiências infantis. Por disposição, entendemos a neurose enquanto uma estrutura psíquica constituída a partir, dentre outros elementos, das experiências infantis. Alguns anos depois, no momento da elaboração da equação etiológica, Freud reafirma a influência da fixação da libido na formação de uma disposição a uma neurose específica. Neste momento, expõe a disposição como sendo resultado de uma constituição sexual pré-histórica, herdada – desejo de incesto, medo da castração – somada às experiências infantis do sujeito, que atualizariam estas questões universais na historicidade de cada indivíduo (FREUD, 1917a).

No decorrer de suas elaborações, a mãe aparece como a “primeira sedutora” da criança, despertando nesta sensações prazerosas através da amamentação e dos demais cuidados maternos. Ela seria a primeira escolha objetual não narcisista da criança, o primeiro e mais importante objeto sexual para os dois sexos (FREUD, 1905). Toda esta situação seria propiciada pelo longo período de tempo em que a criança necessita de cuidados e se engaja em uma relação de dependência que implica a própria sobrevivência. Além de amar aquela que cuida, é necessário fazer-se amar, a fim de não ser abandonada.

Como forma de descarga de sua excitação sexual proveniente da relação com a mãe, além das fantasias, a criança utiliza a masturbação. A partir dos dois anos de idade, a

masturbação já não é puramente auto-erótica. Ela já tem elementos de amor objetal, expressos nas fantasias edipianas. A própria constituição física da criança a impede de consumir seus desejos incestuosos, além das ausências da mãe que indicam que esta possui outros interesses.

A própria descarga fantasística e masturbatória encontra obstáculos a sua satisfação. É aí que o pai desempenha seu mais importante papel na teoria freudiana. Assumindo a função de interditor no domínio sexual, é ele quem vai constranger a atividade sexual auto-erótica da criança. A função do pai no complexo de Édipo é a de interditar o desejo incestuoso do filho através da ameaça de castração - independentemente do fato de ela ter sido pronunciada ou simplesmente fantasiada pela criança (FREUD, 1924a) - e a de oferecer um modelo de identificação a partir do qual é possível ao sujeito vislumbrar uma forma de acesso a certo gozo sexual. Muitas vezes, a ameaça de castração pode não ter sido um fato real, mas fantasiada, pois a criança, “[...] em sua imaginação, capta uma ameaça deste tipo com base em indícios e com a ajuda de um vago conhecimento de que a satisfação auto-erótica lhe é proibida” (FREUD, 1917, p. 431).

O pai aparece, em Freud, como o representante da ameaça de castração, e a criança conclui este castigo ser consequência de seus desejos pela mãe. Aqui, o pai é claramente o porta-voz da proibição do incesto. “[...] na análise, a gente encontra sempre o pai como o portador do interdito” (Correspondência a K. Abraam, 15/02/1924).

É importante lembrarmos que a ameaça de castração traz consequências diferentes para o menino e para a menina. Nesta, as coisas ocorrem de modo peculiar: inicialmente o clitóris se comporta como um pênis, no sentido de que é para ele que a criança dirige sua curiosidade e satisfação (FREUD, 1924a), até que, na comparação a um menino, sente-se injustiçada e inferiorizada. Por um tempo ainda, pode consolar-se, imaginando que o seu ainda pode crescer, mas a constatação da diferença sexual, através da percepção da ausência de pênis na mãe decepçiona a menina. Tem início aí, o que Freud nomeou de ‘inveja do pênis’ em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). A garota sente raiva da mãe que a colocou “tão desprovida no mundo” e volta-se para o pai enquanto novo objeto de amor. Na menina, a castração dá início ao complexo de Édipo. No entanto, logo perceberá que sua relação com o pai não é possível. Seu desejo de ter um pênis, consequência do complexo de castração, será substituído pelo desejo de ter um filho do pai, ápice do complexo de Édipo.

O que ocorre na fase fálica “[...] não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923a, p.180). Daí, conclui-se que o pênis, nesta fase, vem a ser um objeto no real que serve de suporte ao investimento imaginário de algo que cumpra o papel de significante do desejo. Já que, para a menina, a castração é um fato consumado - enquanto para o menino é uma ameaça - o desejo de ter um bebê é uma compensação pela sua falta de pênis. Os dois desejos (ter pênis e ter filho) permanecem inconscientes, preparando a criança para seu papel posterior (FREUD, 1924a).

Na menina, a ameaça que terá efeito, na renúncia dos desejos edipianos, é a da perda do amor. Depois, ela voltar-se-á para a mãe, a fim de identificar-se com esta e aprender como conseguir estar perto daquele que tem um pênis. Freud comenta que a assunção da feminilidade, enquanto posição de objeto e passividade, implica para a menina um motivo a mais para o abandono da atividade masturbatória, além da grande carga de repressão que virá durante o período de latência (1925). E complementa que, a partir daí, a busca por um objeto substituto do pênis promoverá uma valorização da vagina, enquanto “lugar de abrigo para o pênis” (1923a, p.184). Estes aspectos da sexualidade feminina serão importantes ao tentarmos compreender a relação mãe-filho dos casos que estudaremos.

No menino, as coisas ocorrem de outra maneira. Antes da ameaça de castração, ele já está vivendo seu Édipo. Aquela vem para frear seus impulsos eróticos junto à mãe. Primeiramente, o menino não acredita muito nas ameaças, mas estas ganham sentido com a visão dos órgãos genitais femininos. Saindo da teoria da universalidade do pênis, da qual todas as crianças partem, ele constata que existem seres sem pênis e fantasia que uma perda deve ter ocorrido em consequência de algum castigo.

A ausência de pênis pode ser imaginada como uma punição (por desejos semelhantes aos seus – incestuosos). Desta forma, só algumas “mulheres desprezíveis” são castradas. Mulheres importantes (como sua mãe) continuam com pênis durante um tempo em sua fantasia. Ser mulher ainda não é sinônimo de não ter um pênis. Só quando pensar sobre a origem dos bebês e adivinhar que só as mulheres podem fazê-lo, aí a mãe será percebida por sua diferença genital (FREUD, 1923a).

O menino imagina que a satisfação edipiana pode custar-lhe o membro e, para preservá-lo, é necessário renunciar ao seu objeto de amor incestuoso. Se a satisfação edipiana pode custar-lhe o pênis, estabelece-se um conflito entre os interesses narcísicos e

a catexia objetal e, por conta deste conflito, o eu volta as costas ao complexo de Édipo. As catexias objetais (sexualizadas) são substituídas por identificações (dessexualizadas). Os desejos incestuosos são inibidos em parte e transformados em afeição. Este processo introduz o período de latência (FREUD, 1924a). Neste momento, o menino voltar-se-á para o pai, identificando-se com este, a fim de aprender como conquistar outras mulheres. Só poderá usufruir de seu pênis posteriormente, com as mulheres, se a mãe tiver sido interditada pelo pai.

A sensação de desamparo própria ao ser humano gera o que Freud nomeia de “anseio pelo pai”, o que faz os homens buscarem figuras de autoridade a quem possam temer e admirar, dirigir suas vidas e quem sabe até maltratá-los (FREUD, 1930) como punição por desejos proibidos e não cumprimento de suas ordens.

É o declínio do Édipo através dos processos de identificação permite ao sujeito lidar com as perdas sofridas através da internalização de traços dos objetos renunciados. Na dissolução do complexo de Édipo, há identificação tanto com a figura masculina, quanto com a feminina e a criança se posicionará em relação à mãe, como querendo “tê-la” ou “ser” como ela, assim também como querendo “ter” ou “ser” como o pai. Pela via do querer “ter”, da identificação quanto a escolha de objeto, define-se sua identidade sexual. Em relação à figura paterna, a criança identifica-se tanto em seu caráter proibitivo (supereu) quanto a seu aspecto exultante (Ideal do Eu).

O Supereu, como “herdeiro do complexo de Édipo”, traz a marca da autoridade paterna, do supereu parental. Esta autoridade, inicialmente externa, é posteriormente internalizada pelo sujeito. Esta instância impõe restrições e renúncias à satisfação pulsional e dela nada pode ser escondido, de onde advém o sentimento de culpa inconsciente. A relação do sujeito com esta instância psíquica revela a forma como a autoridade paterna foi interiorizada. “O Supereu conservará, durante toda a vida, o *caráter* do pai” (FREUD, 1923b- grifo nosso).

A relação do Supereu com o eu “não se exaure com o preceito: ‘você deveria ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘você não pode ser assim (como o seu pai)’, isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz, certas coisas são prerrogativas dele” (FREUD, 1923b, p. 49). Ele chama isto de “aspecto duplo do Ideal do eu”. Embora havendo ainda uma indefinição quanto à nomeação da instância psíquica, o fato relevante aqui é a importância do pai se caracterizar junto à criança não apenas como

proibidor, mas *também como aquele que usufrui de direitos a mais sobre a mãe*. Este aspecto será de extrema importância no decorrer desta pesquisa. O pai precisa ser autor de uma proibição e modelo de identificação que orienta o menino para a conquista de outras mulheres. É pelo pai desfrutar a regalia de gozar da mãe que confere a ele um posto de superioridade e admiração, e, ao mesmo tempo, de inveja e rivalidade por parte da criança. O incesto é proibido porque o pai não quer, a mãe é privilégio deste. Só assim, ele poderá ser erigido ao posto do Ideal do eu.

A internalização de traços paternos pela vertente do Ideal do eu orienta identificações posteriores que guiarão o processo de sublimação. O Ideal do eu constitui-se como um modelo a ser atingido, meio através do qual o sujeito busca recuperar a perfeição narcísica perdida na infância por conta da incidência da castração.

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação deste estado [pelo narcisismo secundário]. Este afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido a um Ideal de ego imposto de fora, sendo a satisfação, a realização deste ideal (FREUD, 1914, p. 117).

O Ideal do eu, orientando o processo de sublimação, permite que o indivíduo, através desta, usufrua de certa descarga de suas pulsões, por outra via que não a sexual. O deslocamento da libido para outras atividades proporciona ao sujeito proteção contra os riscos advindos de uma satisfação pulsional desinibida quanto a seus objetivos.

Até aqui podemos ver a influência do pai na definição da identidade sexual e na formação de instâncias psíquicas extremamente operatórias na economia psíquica do sujeito: o Supereu e o Ideal do eu. Agora, estreitando ainda mais a discussão em torno da relação pai – neurose, veremos, inicialmente, a relação entre pai e recalçamento, operação que funda esta estrutura psíquica.

1.1.1. O papel do pai e a neurose.

Em *Totem e Tabu* (1934), Freud constrói a partir de teses antropológicas uma ficção sobre o pai primevo, único a usufruir das mulheres da tribo e extremo impedidor da vida sexual dos filhos. Estes, ao se rebelarem e matarem o pai gozador e autoritário, ao invés de entregarem-se ao prazer indiscriminadamente, sentiram necessidade de uma lei que regulamentasse e tornasse possível o próprio convívio social. E não apenas por conta disto, mas também por causa da culpa sentida pelo assassinato cometido, a lei que era antes encarnada pela figura do pai, é internalizada e aceita pelos seus filhos. “O pai morto tornou-se mais forte de que o fora vivo” (Ibid., p. 171).

O mito freudiano revela a figura do pai na função de interditor à medida que ele é quem deseja (e pode) usufruir da mulher. O que na Psicanálise se nomeia de pai morto significa o pai simbólico, enquanto significante da Lei, algo universal e inominável. Já o pai real, enquanto genitor, é aquele que interdita a relação da criança com a mãe, proferindo a lei simbólica dentro daquela triangulação específica. O mito do assassinato do pai da horda primitiva explica a instituição da sociedade pela exogamia. O filho, para exercer sua sexualidade, deve simbolizar e internalizar a lei deste pai, o que permite um acesso regulado ao gozo sexual.

Azevedo (2001) ressalta a importância do mito de *Totem e Tabu* na teorização freudiana acerca do pai, momento privilegiado em que teria se realizado uma evolução “[...] da figura do pai ao pai como figura [...] ‘giro’ lingüístico e conceitual do progenitor à metáfora paterna” (p. 27-8) teria tido neste livro de Freud um momento privilegiado. Comentando sobre o valor da construção em análise e a possibilidade de se obter a verdade através dela, a autora afirma que o mito freudiano, enquanto linguagem figurativa, permite construir um saber sobre algo da ordem do inconsciente.

Essa linguagem figurativa fornece [...] uma base para a presença de ambos, ‘totem’ e ‘tabu’, no título do livro [...] são ‘nomes alheios’, instrumentos de articulação do passado e do presente, do representável e do irrepresentável. No idioma freudiano este par pode ser caracterizado como construções que têm por fim revelar uma verdade histórica [...] a erupção no presente de material psíquico do passado que esteve até então recalado (AZEVEDO, 2001, p. 31).

A angústia de castração passa a ser considerada na teoria freudiana como o mais poderoso motor do recalçamento, contribuindo de modo determinante para a formação das neuroses. Se esta angústia é provocada pela ameaça de castração e esta é referida ao pai, desta maneira Freud acaba por realizar o desejo antes revelado a Fliess, de colocar o pai como o promotor da neurose (31/05/1897). “Vemos agora que não há perigo algum em considerarmos a ansiedade de castração como a *única força motriz* dos processos defensivos que conduzem à neurose” (FREUD, 1926, p.167- grifo nosso).

O perigo imposto pela ameaça de castração conduz, no caso da neurose, à defesa pela via do recalçamento das pulsões sexuais infantis. Estas, uma vez recalçadas, perenizam-se no inconsciente e buscam sempre retornar. Desta forma, o sujeito se submete à lei do interdito, da proibição, mas com a condição de “esquecê-la”. “*Verdrängung* é pôr de lado, afastar, expulsar” (RABINOVITCH, 2001, p.33). Estes conteúdos “esquecidos” voltariam, dentre outras formas, pela via do sintoma que, enquanto formação de compromisso, representa tanto a realização do desejo, quanto a sua proibição.

Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1926), Freud confere ao sintoma o estatuto de defesa contra a angústia de castração. O sintoma enquanto processo defensivo pode ser bem observado na fobia e na neurose obsessiva. Como veremos adiante, Freud se refere ao sintoma fóbico como “medida de restrição” e aos atos obsessivos como “medidas protetoras”. Esta “restrição” se dá em relação à libido, evitando a angústia proveniente da ameaça de castração. A “proteção”, da mesma forma, refere-se aos impulsos libidinais que, no obsessivo, são fonte de muita culpa, despertam intensos desejos parricidas, o que torna necessária uma forte defesa contra a ameaça de castração.

A “restrição” da libido pela via da fobia e a “proteção” contra os impulsos libidinais pela via dos pensamentos e atos obsessivos seriam estratégias diferentes de efetuar uma mesma operação de defesa contra a ameaça de castração. “Uma exigência libidinal não é perigosa em si, somente vem a ser assim, visto que acarreta um perigo externo real, o perigo de castração” (Ibid., p.149). Na fobia, o pai é representado pelo objeto fóbico do qual o sujeito pode manter-se afastado. Na neurose obsessiva, o perigo é “totalmente internalizado, o pai é despersonalizado sob a forma do superego” (Ibid., p.152) e a angústia de castração transforma-se em angústia moral ou social indefinida.

O sintoma fóbico “passa a ser visto como a expressão simbólica de um conflito psíquico, e, por isto, Freud vai considerá-la uma *histeria de angústia*. Ela justamente não se refere ao *atual*, e sim, ao *infantil* – sexual e recalcado” (GURFINKEL, 2001, p.p. 37-grifo do autor). Na fobia, o pai passa a ser representado por um objeto externo. Na obsessão, o pai é “totalmente internalizado.” Estes aspectos serão alvos de atenção especial no decorrer desta pesquisa, visto que nosso interesse é compreender de que modo diferentes nuances do pai podem vir a representar a ameaça de castração de diferentes maneiras junto à criança, gerando diferentes defesas, diferentes neuroses. Com isto não estamos dizendo que o pai seja a única variável promotora da neurose. Nosso propósito é esclarecer um pouco mais a sua contribuição na constituição da neurose do filho, perceber em que sua forma de atuação terá implicações com os sintomas estruturais de cada neurose.

1.2 O pai de Hans

Freud tece um extenso comentário sobre a *Análise de um caso de fobia em um menino de 5 anos*, que foi realizada por intermédio do pai do garoto. Freud teve apenas um único encontro com a criança. “A autoridade de um pai e de um médico uniram-se em uma só pessoa” durante o tratamento (FREUD, 1909a, p. 15). Veremos como isso se deu e quais foram os seus efeitos.

Antes de dar início ao comentário sobre o curso desta análise, vale ressaltar que Freud conduz seu relato sobre a fobia e o tratamento de Hans com muita discrição a respeito do comportamento do pai e da mãe de Hans, evitando apontar de forma explícita as possíveis falhas na educação do garoto ou na relação entre o próprio casal. No entanto, em diversas passagens, isto fica bem sugerido nas entrelinhas do texto, como veremos adiante. Tomaremos a liberdade de tentar explicitar aquilo que entendemos estar subentendido, utilizando para auxiliar-nos, nesta tarefa, todo o arcabouço teórico construído pelo próprio Freud alguns anos depois da publicação deste caso clínico.

Entendemos que muitas noções importantes sobre o papel do pai enquanto interditor do incesto e sobre o desejo da mãe em colocar o filho no lugar de seu falo simbólico, só foram publicados depois de 1909, o que não impede que nesta data Freud já pensasse ou estivesse com estas idéias em fase de elaboração. Afinal, a teoria psicanalítica é construída a partir dos elementos fornecidos pela própria clínica.

Não será nosso objetivo uma narrativa detalhada do caso clínico. Partindo da premissa de que o caso já é bastante conhecido, nos restringiremos a citar apenas os fatos que consideramos mais estreitamente relacionados ao objetivo deste trabalho.

1.2.1 Antes da análise

Os pais de Hans eram adeptos da Psicanálise e decidiram educar o filho com o mínimo de coerção possível. Hans realmente usufruía de bastante liberdade. Dormia no quarto dos pais e freqüentemente ia para a cama com eles. Desfrutava de uma relação de intensos carinhos com a mãe, satisfação que obtinha através dos cuidados daquela, como nos agradáveis banhos em que a mãe lavava e passava talco em torno de seu pênis. O menino chegou a pedir que a mãe pegasse em seu “pipi”, dizendo que seria “muito divertido” (FREUD, 1909a, p. 29). Ela retrucou dizendo que isto seria “porcaria”, “não seria correto”. Freud entende este episódio como mais uma tentativa de sedução por parte do menino.

Além do comportamento de sedução, Hans também demonstrava um comportamento de exibicionismo, muitas vezes gostava de fazer xixi, enquanto era observado por suas colegas de brincadeiras. Um dia, uma tia comentou: “que amor de coisinha que ele tem” (referindo-se ao pênis do garoto), e ele, orgulhoso, foi comentar isso com sua mãe.

Freud conclui que, desde os três anos e meio, o menino tinha o hábito da masturbação, o garoto confessa que brincava com seu pênis toda noite (Ibid. p. 38). Foi nesta idade que a mãe o repreendeu por esta prática e proferiu a ameaça de castração, imputada a um tal “Dr. A” que lhe cortaria o pênis, caso continuasse com isso. Neste momento, a ameaça não teve sentido para Hans, mas Freud entende como sendo o momento de aquisição do complexo de castração. Este só ganharia seu efeito mais tarde, com a visão da diferença sexual, a falta de pênis da mulher.

Hans, até este momento, estava envolto em suas teorias sexuais infantis, na idéia da universalidade do pênis. Em um diálogo com a mãe, o menino confessa que pensava que ela deveria ter um pipi do tamanho do de um cavalo, já que ela era tão grande. Freud ressalta esta expectativa do menino, afirmando que “ela [a expectativa] merece ser lembrada”. O garoto insistia para vê-la nua e acompanhá-la ao banheiro. Um dia, afirmou

ter visto o pipi da mãe por baixo da camisa que era pequena. Gostaríamos de chamar atenção para o fato de que *sobre o pênis do pai, o menino não nutria nenhuma expectativa* deste tipo, já o tinha visto tirar a roupa e não tinha visto seu pipi. ‘Papai, você *também* tem um pipi?’, ‘Sim, claro’, ‘Mas eu nunca vi, quando você tirava a roupa’ (FREUD, 1909a, p. 19). Quando sua irmã nasceu, vendo-a tomar banho, concluiu que o pipi dela era pequeno, mas que ainda iria crescer e sentiu-se superior a ela por conta disso. Neste momento, o ‘pipi’ ainda não assinalava nada em relação à diferença sexual.

Hans demonstrava intenso interesse por pipis: queria ver o pipi dos outros, particularmente dos seus pais, de seus colegas, babás, etc. Freud entende que assim Hans fazia comparações entre ele e os demais, de forma a poder mensurar seu valor e seu poder atrativo, já que esta sua parte do corpo estava intensamente investida narcisicamente e era seu principal instrumento de sedução.

O nascimento da irmã, aos seus três anos e meio, foi um importante evento em sua vida: foi transferido do quarto dos pais para o quarto do lado e teve as atenções da mãe reduzidas. A visão dos cuidados com a irmã reavivou os traços mnêmicos da sua época de bebê, em que desfrutava destes mesmos prazeres. Além disso, este evento atiçou sua curiosidade sexual, impelindo-o para a intensificação de suas pesquisas sexuais, o que levou Freud a nomeá-lo de “o jovem investigador”.

Este aumento de excitação, acompanhado de uma privação da mãe, fez com que o garoto descarregasse sua libido através da masturbação e intensificasse suas investidas e estratégias para obter atenção novamente e recuperar seu posto privilegiado junto àquela. Seu pênis tornou-se seu grande trunfo. Era satisfatório para ele constatar que o de Hanna era tão pequeno e nem mesmo ver o de seu pai.

Antes da fobia irromper de vez, o garoto apresentou sinais de angústia em sonhos, nos quais sua mãe ia embora. Outras vezes, a noite, ficava “sentimental”, imaginando como seria ficar sem sua mãe para “mimar” (acariciar). O pai relata a Freud que, “infelizmente sempre que ele mergulhava em um sentimentalismo desses, sua mãe costumava levá-lo para a cama com ela” (Ibid., p. 34).

Se o pai diz “infelizmente”, é porque acha que isso não deveria acontecer, no entanto não o proíbe. Escreve a Freud, queixando-se de que “o terreno [para a fobia] foi preparado por uma superexcitação sexual devida à ternura da mãe de Hans” (Ibid, p. 33). Freud confere a esta acusação “uma certa aparência de justiça” devido às “excessivas

demonstrações de afeto [da mãe] para com Hans, e também à frequência e facilidade com que aquela o levava para sua cama” (FREUD, 1909a, p. 38). Entendemos que esta ‘justiça’, conferida por Freud a queixa do pai de Hans, sugere a existência de certa permissividade no comportamento da mãe em relação ao desejo incestuoso do filho. Freud acrescenta que “ela tinha um papel predestinado a desempenhar”. Que papel seria esse? O de Jocasta? Afinal, aqui Freud já havia chamado o pequeno Hans de “o pequeno Édipo”.

A repreensão da mãe em relação às ‘investidas’ do garoto parecia ser mínima. ‘Seria porcaria’ tocar no pênis do filho. Podemos pensar: porcaria por quê? Uma mãe pode tocar no pênis do filho para fazer a higiene, isso só se configura como algo repreensível, quando o toque vem investido de um *desejo erótico por parte da mãe*. Daí, a formação reativa do nojo. Ela não toca o pênis, mas a região que o circunda, com toda esta carga erótica, até o ponto do menino ficar excitado. A ameaça de castração, que teria como agente o ‘doutor A’, teve como objetivo fazer o menino parar com a masturbação, momento em que ele podia dar vazão à excitação proveniente da própria relação com ela. O papel da mãe parece, então, ficar carregado de certa ambigüidade: desperta o erotismo por um lado através das demonstrações de sua ternura, e, por outro lado, recrimina o garoto quando a excitação daí proveniente se manifesta.

E o pai? Queixa-se do que ocorre em sua própria casa e, confessando-se “sem saber o que fazer”, pede ajuda a Freud.

1.2.2. O início do tratamento

O início da angústia de Hans foi sem objeto definido. Quando se sentia assim, precisava “mimar” com a mãe. Foi durante um passeio com ela que, ao ver um cavalo cair, sua angústia ligou-se a um objeto específico, caracterizando um quadro de fobia a cavalos. O garoto tinha medo de que um cavalo mordesse seu dedo.

O pai de Hans entende que a masturbação do garoto era a principal causa de sua doença e passa a tentar combater esse hábito do menino: “se não puser mais a mão no seu pipi, você logo vai ficar bom de sua bobagem” (Ibid., p. 41). No entanto, *sua fala* não tinha muito efeito sobre o garoto, pois o menino continuava a pôr a mão no seu pipi. O pai tenta a estratégia de colocá-lo em um saco de dormir. Parece não ter muita autoridade sobre Hans. Freud comenta que, além da masturbação, “não faltavam, contudo, indicações da

existência de outros fatores significativos” (FREUD, 1909a, p. 41) que convergiram para a formação da fobia. Quais? É o que somente em um *a posteriori* vai revelando-se.

Freud orienta o pai de Hans a esclarecer para o garoto a origem de sua angústia: a ânsia por sua mãe. E, também, sobre a diferença sexual. Entendemos que este esclarecimento foi feito de forma insuficiente pelo pai. Este apenas informou que as mulheres não têm pipi, mas também não disse o que elas teriam. De forma que a representação psíquica de algo da ordem da genitália feminina, o que daria mais consistência à questão da diferença sexual, fica submersa em um não-dito do pai. Mesmo assim, este esclarecimento dá nova significação à ameaça de castração anteriormente proferida pela mãe, de modo que o menino se defende, rejeitando a princípio esta informação, com a fantasia de ter visto o pipi da mãe e afirmando que “todo mundo tem um pipi” e que o dele “está preso no mesmo lugar, é claro” (Ibid., p. 44).

A fantasia da girafa revela uma postura de desafio de Hans em relação ao pai, a tentativa de apoderar-se da mãe. Quando Hans entra no quarto dos pais, sua mãe “não pode resistir, levando-o com ela para cama” (Ibid., p. 49) como relata o pai. Ele tenta dizer não, ao que ela retruca “com certa irritação” (Ibid., p. 49) e o menino acaba por ficar na cama. Se a função do pai no complexo de Édipo e no complexo de castração é a mesma: promover a separação entre a criança e a mãe, constituindo-se desta forma como um adversário aos interesses sexuais incestuosos da criança, através da ameaça de castração (FREUD, 1934), será que o pai de Hans estava cumprindo seu papel?

Hans tem duas fantasias em que comete *atos proibidos juntamente com o pai*, até que um policial chega e interrompe o ato. Freud entende que Hans suspeitava que tomar posse de sua mãe, assim como o fez na fantasia da girafa, “era um ato proibido e se defrontava com a barreira do incesto. Ele, *contudo*, encarava este aspecto [o incesto] como proibido em si mesmo” (FREUD, 1909a, p. 51-grifo nosso). Em suas fantasias, o pai aparecia como cúmplice, fazendo a mesma coisa que o menino, tal qual quando Hans ia para a cama com a mãe. A coisa enigmática que o pai faz com a mãe e que Hans também queria fazer foi representada nas fantasias por atos violentos: quebrar uma vidraça, forçar a entrada em um espaço fechado. Freud diz que seu pai aparecer aí como cúmplice “não era um detalhe irrelevante” (Ibid., p. 129).

Seu pai ocupava um lugar que ele almejava, usufruía de certos direitos sobre a esposa, mas nada que chegasse a ser um efetivo obstáculo para os desejos incestuosos do

garoto. O proferir de um “não!” proibitivo dava-se de maneira fraca por este pai e logo era desautorizado pela mãe e vencido pelo menino. O pai era menos interditor do que cúmplice. Quando Freud diz que “*contudo*” Hans encarava o incesto como proibido em si mesmo, parece apontar para o fato de que o incesto deveria ser proibido por outra coisa. São nesses pequenos indícios que entendemos a sugestão de Freud para uma possível falha ou “fraqueza” no interdito deste pai. Afinal, em *O Eu e o Isso* (1923b) e *Totem e Tabu* (1934), ele falaria da figura do pai como porta-voz da proibição do incesto por ser apenas ele quem pode gozar da mãe, e é esta a função do pai real.

1.2.3 A visita a Freud

Em única breve consulta, Freud percebeu os detalhes dos cavalos, os quais mais incomodavam a Hans: aquilo que os cavalos usam na frente dos olhos e o preto em torno da boca, o que associou a óculos e bigode, e aí veio a interpretação: o cavalo representava o pai. “Revelei-lhe então que ele tinha medo de seu pai, exatamente porque gostava muito de sua mãe” (FREUD, 1909a, p. 52).

Tal como no Totem, o animal vem representar o pai como proibidor. Freud em *A ansiedade* comenta que “[...] os objetos de ansiedade só podem estabelecer sua conexão com o perigo por meio de uma ligação simbólica” (1917b, p.478). E na análise de Hans, foi no único encontro que teve com o garoto que Freud pôde perceber, pela primeira vez, a relação pai-cavalo.

Freud diz ao garoto que, bem antes de ele nascer, já sabia que iria chegar o pequeno Hans – “pequeno Édipo” (FREUD, 1909a, p. 118) como ele chama mais adiante – que iria gostar muito de sua mãe e, por causa disso, sentiria medo de seu pai (Ibid., p. 52). Esta fala, dentre outras, faz Hans atribuir a Freud um saber e até mesmo se interrogar se o ‘professor’ conversa com Deus. Sendo assim, não é só um saber que Hans está atribuindo a Freud, mas também uma autoridade. Ressaltamos que o pai do garoto, seguindo as idéias do “professor Freud”, incluiu-se (mesmo que timidamente) nesta linhagem Deus-Freud-Pai, revestindo-se de um saber e de uma autoridade. Veremos como isso se demonstra mais adiante e lembramos o que Freud falou no início: “a autoridade de um pai e um médico uniram-se numa só pessoa”, ou ‘em uma só função’, poderíamos pensar...

Freud (1909a) esclarece que Hans deve ter medo de seu pai por conta do amor que sente pela mãe. O pai, muito gentil e atencioso com o garoto, reage a isto, afirmando nunca ter dado motivos para que o menino tivesse medo dele. “Alguma vez eu ralhei ou bati em você?” e o garoto responde: “Você já me bateu”! “Não é verdade”, retruca o pai (p.52). Freud conclui que a fantasia de que o pai havia lhe batido expressa a hostilidade e a necessidade do menino de ser punido, e diz ao garoto que o pai não está com raiva dele e que ele poderia falar abertamente o que quisesse. Freud temia que a hostilidade e o medo do pai pudessem fornecer resistências ao tratamento.

1.2.4. Depois de Freud: O desfecho do tratamento.

Freud (Ibid) considera que agora Hans expressa mais livremente sua ambivalência afetiva em relação ao pai. Sua fobia vai definindo-se por medo (desejo) de que o cavalo (pai) caia (morra) ou medo do cavalo morder (castrar), ou seja, medo de ser punido pelos seus sentimentos hostis e incestuosos.

O menino passa a desafiar ainda mais o pai. Este tenta proibir a presença do filho na cama do casal dizendo: “Enquanto você entrar no nosso quarto, de manhã, seu medo de cavalos não vai melhorar” ao que o garoto respondia: “Não importa, vou entrar mesmo se eu estiver com medo” (Ibid., p. 56). Chamamos atenção para o fato de que o pai conferia ao tratamento o motivo da proibição do incesto, e não a sua vontade de ficar a sós com a esposa. Outras vezes, dizia: “Um bom menino não deseja esse tipo de coisa [ficar sozinho com a mãe]” (Ibid., p. 81), ou ainda, “só os menininhos vão para a cama com suas mães e os meninos grandes dormem nas suas próprias camas” (Ibid., p. 91). Ou seja, a proibição do incesto não tem (ainda) relação com o pai. Este tenta se fazer portador do interdito, mas peca por não fornecer uma origem a esta lei e em *não mostrar a implicação de seu desejo nisto tudo*.

Em um Édipo “típico”, a criança perceberia que a mãe lhe é proibida porque pertencente ao pai. É assim que este poderá tornar-se digno de ser colocado como objeto de identificação, na formação do Ideal do Eu e na definição de uma identidade sexual.

O interessante no caso do pai de Hans, porém, é que, por mais que ele revele certa “fraqueza” do seu interdito, ainda chega a afigurar-se para Hans como detentor de um direito a mais sobre a mãe. É tanto que o garoto tem vontade de tomar seu lugar e

identifica-se com ele: Hans brincava de ser cavalo, trotava. Um dia, o pai lhe perguntou: “Por que você chora toda vez que a mamãe me dá um beijo?”. Hans confessa que tem ciúmes e que gostaria de ser o pai.

Em outra ocasião, o menino comenta que, quando vai para a cama com a mãe, o pai é “orgulhoso” (FREUD, 1909a, p. 90) e revela o desejo de que este se ferisse em uma pedra para que ele pudesse ficar sozinho com a mãe. Isso nos dá mostras de que, por mais que ele desafie o pai, este ainda se constitui para Hans como um obstáculo em relação à mãe, o qual ele gostaria de remover. E o menino curiosamente diz: “Você está zangado [...] Isso tem que ser verdade” (Ibid., p. 91). Freud e o pai de Hans não atentam para o significado desta fala do garoto. Afinal, *o que ele quer desse pai?*

Um dos sonhos angustiantes que teve foi o de uma pessoa que dizia: ‘Quem quer vir até mim?’ e outra respondia que queria. “Então ele teve que obrigar ele a fazer pipi” (Ibid., p. 29). Quando foi contar o sonho novamente, disse: ‘*ela* teve que obrigar’. O pai de Hans entende que isso seja uma fantasia masturbatória em que exhibe seu pênis para suas colegas de brincadeiras (Olga e Berta). Podemos ver aí o caráter de jogo especular no qual Hans ainda estava engajado. Resta saber se este ‘*ela*’ realmente se refere apenas às suas coleguinhas, tal como o pai rapidamente interpretou. Afinal, quem é este Outro a quem o menino submete-se em uma fantasia de passividade e sedução?

Outro dia, o garoto diz ao pai que vai ficar na cama com Grette (a boneca) e com seus filhos. E acrescenta: “Meus filhos estão sempre na cama comigo. Você pode me dizer *por que é assim?*” (Ibid., p. 100- grifo nosso). Entendemos que o menino queria saber *por que* o filho pode ficar na cama com os pais, ou por que não pode, mas o pai deixou a pergunta sem resposta.

Nas associações de fantasias e recordações de Hans, o menino traz ao discurso o elemento ‘cocô’. O barulho que os cavalos fazem com os pés lembra cocô (*lumft*) caindo. A barriga cheia do cavalo que cai é associada à gravidez. O desejo sádico em relação à mãe grávida comparece. Um dia, revela que queria bater em sua mãe (Ibid., p.89). A teoria cloacal da origem dos bebês que Freud já falara nos *Três ensaios...* mostra sua faceta na história de Hans, quando este associa o cocô ao nascimento da irmã, Hanna. Freud repreende-se por ter deixado de alertar o pai sobre “[...] o complexo excremental. Foi devido a esta negligência de minha parte que o progresso do caso se tornou temporariamente obscurecido” (Ibid., 1909a, p. 83).

Há uma passagem no texto que Freud parece não ter focado muito sua atenção: o garoto gostava de brincar de pular e, em uma dessas ocasiões, perguntou ao pai se pular tornava *mais fácil fazer cocô*. Em uma das cartas a Freud, relata:

Tem havido *problemas com suas evacuações desde tenra idade*; e o emprego de laxantes e enemas era freqüentemente necessário. Em certa época, sua constipação era tão grande que minha esposa chamou o Dr. L. Sua opinião foi de que *Hans era superalimentado*, o que com efeito, era o caso, e recomendou uma dieta mais moderada – e a situação logo se resolveu. Recentemente a constipação voltou a aparecer com certa freqüência (FREUD, 1909a, p. 65 – grifos nossos).

Freud nos fala do prazer ligado às funções excretórias e do cocô como um objeto de si mesmo que se perde. Na equação simbólica, as fezes podem ocupar o lugar do pênis. Era freqüente o garoto ficar com raiva e bater os pés quando tinha de parar de brincar para ir fazer cocô. Hans não queria ‘colocar para fora ou perder’ exatamente o quê? Por que tantas constipações? Outra coisa: em função de que este menino é ‘superalimentado’? Por que este exagero na satisfação da demanda oral? Se o que está em jogo, na oralidade, é o afeto que é passado junto com a comida, podemos interrogar-nos sobre um excesso da mãe no ‘dar comida’ (afeto) ao menino. Este, com sua constipação, tentava evitar ‘colocar pra fora’ o que recebeu? São perguntas que vamos deixar em aberto.

Hans continua uma intensa investigação a respeito da origem dos bebês. A este respeito, os pais lhe esclareceram “até um certo ponto”: os bebês crescem dentro das mães, e saem para o mundo como um cocô, e que isso envolve muita dor (Ibid., 1909a, p. 95). A explicação, além de reforçar a teoria cloacal, não satisfaz a Hans que continua querendo saber sobre a origem da vida. O pai lhe conta histórias de cegonha e Hans sabe que ele esconde um saber sobre o assunto. O garoto fica chateado com a ‘explicação’ da cegonha e começa a inventar histórias mirabolantes, em uma espécie de vingança: “Nada disso é verdade. Eu só contei para me divertir” (Ibid., p. 88).

O menino passa a investigar *o papel do pai na fabricação dos bebês*. A mãe diz que ter bebês depende da vontade dela. O pai diz que depende da vontade de Deus. Hans confronta as duas informações, e a mãe as reconcilia, dizendo que, se ela não quisesse,

Deus também não iria querer. O pai não entra em nenhum momento neste “querer”. Apesar disso, o garoto ainda diz ao pai: “Você sabe melhor, com certeza” (FREUD, 1909a, p. 99). O pai omitia sua participação, e Hans sabia disso: “Você sabe tudo, eu não sabia nada” (Ibid., p. 98). Aí, o menino entra em um terreno onde realmente não tinha como disputar com o pai.

A sexualidade e o nascimento de bebês continuaram a ser um enigma para ele, sobre o qual não recebeu nenhuma informação, mas teve “sensações premonitórias”. “O pipi tem algo a ver com isso, pois o seu próprio ficou excitado toda vez que ele pensou nestas coisas” (Ibid., p. 140). Freud comenta que Hans supunha sobre isso algo como um ato de violência sobre sua mãe, “de quebrar alguma coisa, de forçar um caminho num espaço fechado, tais eram os impulsos que ele sentiu agitando-se dentro dele” (Ibid., p. 140). No entanto, não tinha como pressupor uma vagina.

Finalmente, chegou-se ao domínio da sexualidade (no sentido genital), em um ponto em que seu pai era definitivamente superior. Hans sabia que o pai tinha alguma implicação na origem dos bebês, mas ele não lhe dizia qual. O pipi tinha a ver com isso e o seu era de fato menor que o dele. Neste quesito, não havia meios de rivalizar com o pai. A pergunta de Hans “como é que funciona a minha vontade de ser papai?” (Ibid., p.100) continuou sem uma resposta satisfatória. A questão gira em torno da masculinidade. A pergunta poderia ser traduzida por ‘para que serve meu pipi?’, ‘como funciona minha vontade no pipi?’.

Suas duas últimas fantasias finais realizavam, na visão de Freud, o desejo do garoto de ter um pipi maior (a segunda fantasia do bombeiro), casar e ter filhos com a mãe, enquanto o pai se casaria com a própria mãe, não precisaria morrer. Freud considera que estas fantasias vêm para amenizar o medo proveniente do complexo de castração.

Sobre o processo de formação da fobia de Hans, Freud fala que, com o nascimento da irmã e a privação e intensificação da libido daí decorrentes, tendências que já haviam sido recalcadas, hostis em relação ao pai e erótico-sádicas (“impulso para copular”) em relação à mãe, “tentaram romper sua saída com força redobrada” (Ibid., p. 144), buscando expressão. Estes impulsos acarretam o perigo de castração e é diante deste que surge a angústia, como sinal frente ao perigo (FREUD, 1926, p.149).

A fobia se constituía para Hans como

uma grande medida de restrição sobre sua liberdade de movimento [...] uma poderosa reação contra os impulsos [...] dirigidos contra sua mãe [...] que incluía o impulso para copular, a neurose impôs uma restrição a este (FREUD, 1909a, p.144).

Desta forma, a fobia proporciona um obstáculo em relação à mãe e, por outro lado, permite ficar com ela, o que se traduz no precisar “mimar” com ela, em uma típica formação de compromisso. A faceta proibitiva de sua doença, a fobia a cavalos (medo de que estes o mordessem) simboliza o que seria esperado da atuação castradora do pai.

Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1926), Freud esclarece mais alguns aspectos. É a angústia de castração que convoca o sintoma (fobia) como defesa, através do deslocamento e distorção do objeto ameaçador do pai para o cavalo. Assim, é possível o eu exercer certo controle da situação, pois, mantendo-se afastado do objeto, evita-se a angústia. Freud acrescenta que a angústia surge diante da possibilidade de ocorrência de uma situação desagradável que o ego já vivenciou, pelo menos semelhante.

A vivência da angústia e a expectativa do trauma não deixam de ser uma repetição dele em forma atenuada [...] O ego que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso (FREUD, 1926, p.191-192).

A partir daí, podemos concluir com Freud que *algo da ordem de castração já havia incidido sobre Hans* e que agora ele estava apenas evitando isto. Por isso, concluímos que já havia ocorrido recalque originário e seu psiquismo já estava estruturado sob a égide da neurose.

A angústia de castração convoca o recalque como forma de defesa. Podemos entender isso melhor a partir do esquema: recalque – reativação das pulsões – ameaça de castração – sintoma para evitar a angústia de castração (e, ao mesmo tempo, retorno do recalcado) – reforço do recalque. Freud, ao final da discussão da análise de Hans, que durante a fobia comenta que a catexia objetual amorosa foi diminuída, assim como seu exibicionismo e sua prática masturbatória. Hans “foi alcançado por uma grande repressão”

(FREUD, 1909a, p. 143) e iniciou até uma atividade sublimatória através da música, assim como seu pai que era maestro. Prova de que este acabou por funcionar como identificação na formação do Ideal do eu, conduzindo o curso das sublimações.

1.2.5. O 'pai analista'.

Se a questão de Hans era elaborar melhor a problemática da castração, daí suas incansáveis pesquisas sobre pipis, a diferença sexual, o nascimento, o que faz um pai... Freud fala das dificuldades de uma criança quando “é solicitada a superar os componentes instintuais inatos de sua mente; e seu problema levou seu pai a assisti-lo” (Ibid., p. 149).

A fobia de Hans trouxe o pai para protagonizar a cena junto com o menino, saindo do lugar opaco que ocupava. A palavra deste pai, que antes não era levada em consideração, agora se reveste de certo poder por ser uma palavra engajada no discurso do pai Freud, encontra respaldo na Psicanálise, por mais desajeitadas que fossem suas interpretações. ‘Mas um bom menino não deseja esse tipo de coisa [ficar sozinho com a mãe]’, ao que o menino responde: ‘Se ele pensa isso, é bom de todo jeito, porque você pode escrevê-lo para o Professor.’ (Ibid., 1909a, p. 81). O ‘professor’ ensinará ao pai como cumprir seu papel...

Lembramos que o pai inicia sua primeira carta ao ‘estimado professor’, dizendo que “Sem dúvida, o terreno foi preparado por uma superexcitação sexual devido à ternura da mãe de Hans; mas não sou capaz de especificar a causa real da excitação” (Ibid., p.33). Isto nos soa estranho: ao mesmo tempo em que refere a ‘superexcitação’ à ‘ternura’, diz não saber qual a causa da excitação. Afinal, ele sabe ou não sabe? Ou sabe sem o saber, inconscientemente? Sobre o interesse do menino por pipis, acrescenta: “Não posso saber o que fazer desse aspecto. Será que ele viu um exibicionista em alguma parte? Ou tudo isto está relacionado com sua mãe?” (Ibid., p.33). Por que o pai relaciona o interesse do menino por pipis com a relação deste com a mãe? O pai não sabe que já sabe do que se trata, precisa encontrar um suporte que lhe ajude a esclarecer (ou admitir) as coisas, mas ele já vislumbra algo.

É interessante observar as ‘interpretações’ deste ‘pai analista’. Freud orienta que a análise seja encaminhada no sentido de promover no menino uma tomada de consciência a respeito de sua hostilidade e temor diante de seu pai, decorrentes do afeto que nutria pela

mãe. A partir daí, em suas interpretações, o pai passa a se colocar como protagonista de diversas cenas. Na fantasia das girafas, entende que “[...] a girafa grande sou eu mesmo, ou melhor, o meu pênis grande [...]” (FREUD, 1909a, p. 47). Pode ser, Freud acata a interpretação do pai, embora nenhum dos dois se questione o porquê de, na fantasia, a girafa grande gritar, quando ele (Hans) levava a amarrotada (a mãe) para longe, já que, na realidade, não havia grito nenhum do pai. Não se questiona que desejo estaria por trás desta fantasia.

Na primeira fantasia com o bombeiro, o garoto estava na banheira enquanto a mãe lhe dava banho. O bombeiro chegou, desparafusou a banheira (para levá-la para consertar) e o empurrou com uma grande broca. O pai interpreta: “Eu estava na cama com mamãe. Depois papai veio e me tirou de lá. Com seu grande pênis, ele me empurrou do meu lugar, ao lado de mamãe” (Ibid., p. 74). Novamente o pai se coloca como um personagem que tira o filho da relação com a mãe. Isto comparecer freqüentemente nas interpretações do pai revela que existia neste o desejo de cumprir esse papel interditor? Acreditamos que seja um bom indício.

Já na segunda e última fantasia com bombeiro, o menino articula: “O bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com o meu pipi” (Ibid., p. 105). Ao que o pai complementa: “Ele te deu um pipi maior e um traseiro maior [...] como os do papai, porque você gostaria de ser o papai”. Freud concorda com esta interpretação que aponta para a identificação e certa resolução da rivalidade com a figura paterna. Nem Freud, muito menos o pai, atentam para o fato de ter sido este quem complementou a narrativa da fantasia.

De qualquer forma, diante da fobia de Hans, *porque foi exatamente seu pai quem se mobilizou* e buscou ajuda para fazer algo? É como se inconscientemente ele soubesse ser ele quem está em falta em relação a algo que deve ser operado junto ao menino. O que leva a “medida de restrição”, frente aos impulsos, fazer-se em Hans pela via do sintoma? Não havia restrição suficiente já posta? Ou foi quando sua libido sofreu um aumento significativo que o *quantum* de proibição disponível em casa ficou defasado, tornando-se insuficiente e precisando de reforço? Veremos isto mais adiante.

1.3. O Pai do Homem dos Ratos

Freud publica o artigo *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909b), um ano depois do término desta análise, que teve duração de um ano. O paciente, que, nas versões anteriores do caso, foi chamado de “tenente H”, chegou ao consultório de Freud em 1º de outubro de 1907. Portanto a análise do Homem dos Ratos é anterior a do pequeno Hans, que teve início em 1908.

Fato curioso, visto que, em nota de rodapé no texto sobre o obsessivo, Freud é claro ao afirmar que: “constitui uma característica global do complexo nuclear da infância que o pai da criança desempenhe o papel de um oponente sexual e impedor das atividades sexuais auto-eróticas” (FREUD, 1909b, p. 211). Assim, deixa bem clara a função do pai como a de interditora do incesto. Se isto estava bem claro para ele à época – e ao longo deste texto, ele observa a forma como o pai do Homem dos Ratos desempenhou esta função – cabe perguntar-nos o porquê de, em relação ao pai de Hans, o papel do pai não ter sido examinado e problematizado mais explicitamente. Discrição? O pai do Homem dos Ratos já havia morrido, enquanto que o de Hans era um dos seus “mais chegados adeptos”...

Se em Hans ele sugere a fraqueza do interdito, no Homem dos Ratos, ele aponta para o excesso da proibição de modo mais explícito, e não apenas nas entrelinhas¹. Em uma construção feita ao paciente, ele afirma que este deve ter sido, na infância, “duramente castigado por seu pai, [pela masturbação]. Esta punição [...] deixara atrás de si um rancor inextinguível por seu pai e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual do paciente” (Ibid., p. 207). No entender de Freud, foi a “repressão de seu ódio infantil contra o pai o evento que colocou todo seu modo de vida subsequente sob o domínio da neurose” (Ibid., p. 239).

No pensamento freudiano, encontramos o conflito entre a precocidade sexual do Homem dos Ratos e a forma como o desejo incestuoso foi interditado pelo pai, como um elemento importante na formação da disposição à neurose. Fato é que, uma vez esta desencadeada, sempre que um desejo sexual aparecia no Homem dos Ratos, a hostilidade pelo pai era reativada, o que dá origem a vários sintomas neuróticos, inclusive de natureza autopunitiva. Sabemos desde 1926 que os sintomas se formam para evitar a angústia e que

¹ Enfatizaremos esta diferença no terceiro capítulo.

“a força motora da defesa é o complexo de castração e o que está sendo desviado são as tendências do complexo edipiano” (FREUD, 1926, p.137).

O erotismo anal e outros fatores, obviamente têm sua participação na formação desta neurose, no entanto nosso objetivo não será o de descrever detalhadamente todos os aspectos de uma neurose obsessiva, mas o de nos determos naquilo que, dela, dê testemunho mais direto da relação com o pai.

1.3.1 A precocidade sexual

“Minha vida sexual começou muito cedo” diz o Homem dos Ratos a Freud (1909b, p.165). E relata as “liberdades” tomadas com governantas, que incluía meter-se por baixo da saia de uma, apalpando-lhe os genitais com os dedos, e ir para a cama de outra tocar-lhe o corpo nu.

O menino desenvolveu forte desejo de ver mulheres nuas, mas, diferentemente de Hans, não era a guisa de pesquisa sexual, mas de excitação. A diferença sexual ficou para ele bem colocada não só nas experiências com governantas. Segundo o paciente, a primeira vez que constatou esta diferença foi ao ver a irmã sentada no urinol. É importante observar que suas investidas sexuais não eram sobre a figura da mãe, mas sobre babás e governantas, o que revela que *o recalque já incidira sobre o desejo incestuoso*.

O paciente relata que, durante certo período de sua infância, teve vermes, o que desempenhou um importante papel neste período de sua vida. Durante muitos anos, sentia uma ‘irritação’ anal por conta dos vermes, o que lhe proporcionava certa estimulação erótica. Certa vez, ao defecar, viu uma ‘grande lombriga’ em suas fezes. Em outra ocasião, viu um primo defecar e este lhe mostrou um verme grande que estava em suas fezes. O paciente relata que este foi “o maior susto de sua vida” (Ibid., p.307). O erotismo anal vai deixando assim suas marcas na vida do menino, através da visão e sensação destes vermes na mucosa anal. Já maiorzinho, ouviu os gritos de uma surra que o pai deu na irmã, em que este gritava: ‘esta menina tem uma bunda de pedra!’. Momento em que o menino associou este ato a algo da ordem de uma violência sexual. Um dia, sua mãe mostrou-lhe sem querer o traseiro e ele achou que casamento era uma pessoa mostrar as nádegas para a outra, ou seja, este momento foi vivido pelo menino como algo incestuoso, pois sentiu que ela fez

com ele o que só se faz com o marido. Quando adulto, o traseiro vem a ser a parte do corpo feminino que mais lhe chama atenção.

Todas estas vivências contribuíram para o fato de que, ao ouvir o relato do suplício anal narrado pelo capitão cruel, seus impulsos sexuais e agressivos, típicos da fase anal-sádica, foram ativados. Freud acrescenta que “A história da punição com ratos [...] inflamara todos os seus impulsos, precocemente suprimidos, de *crudeldade*, tanto egoísta como *sexual*” (FREUD, 1909b, p. 217- grifo nosso). Na neurose obsessiva, os impulsos agressivos e eróticos, por causa da fixação à fase anal-sádica da libido, são mais intensos, devido à desfusão que é típica desta fase.

Atuando no exército, o rapaz seguia o modelo oferecido pelo pai (que fora militar) e estava identificado a este. Buscava reconhecimento de seu valor junto aos demais oficiais. Quando o capitão tcheco, “adepto de castigos corporais” (e que se tornou facilmente um substituto do pai) contou-lhe a história da punição através dos ratos, incitou-lhe impulsos eróticos e agressivos, pois, como Freud bem observa, a história mesclava para o paciente elementos de crudeldade e lascividade. O castigo representava a possibilidade de uma punição imputada por um pai e, ao mesmo tempo, uma relação erótica de passividade frente a este. Explicando como era esta punição a Freud, o Homem dos Ratos expressava em sua face uma mistura de horror e prazer. A idéia de que isto poderia ocorrer ao pai e à dama, transformou-se em uma idéia obsessiva. Imaginou o suplício ocorrendo a ele próprio e chegou a sentir que um rato lhe roía o ânus.

Esta fantasia de castigo, humilhação e dor frente a um outro que se compraz com seu sofrimento, ora acontecendo com ele, ora com o pai, revela-nos a equivalência entre ‘estou sendo espancado por meu pai’ e ‘estou sendo amado por meu pai’, que Freud articula em *Uma criança é espancada* (1919). É interessante observar as trocas de lugares entre ele e o pai no lugar do sacrificado².

O paciente fala ainda que antes dos seis anos possuía o hábito de masturbar-se e “sofria” de ereções das quais ia “queixar-se” à mãe (podemos entender como “exibi-las”?). Em sua infância, os impulsos sexuais foram muito mais intensos do que na puberdade. Onde concluímos com Freud que uma *forte repressão* se operou fazendo, inclusive, com que retomasse a masturbação apenas depois da morte de seu pai.

² Isto será mais esclarecido no terceiro capítulo

Podemos também questionar o porquê ele *sofria* de ereções. Estas seriam sentidas como um sofrimento? Algo gerador de constrangimento ou culpa? Ele revela para a mãe os novos atributos de seu pênis, sob o pretexto de se queixar.

O sujeito diz que era freqüente dormir na cama com seus pais. Então o pai deixava? Isto parece entrar em contradição com o caráter extremamente proibidor deste pai. Dos dois aspectos fundamentais de um pai – proibir a mãe e gozar dela – será que este cumpria com mais eficácia apenas o primeiro papel? Retomaremos isto mais adiante, pois vale lembrar que este homem não se casou com a mulher que amava, mas com aquela que lhe oferecia melhores condições financeiras.

O Homem dos Ratos conta que, certa vez, deitado na cama com os pais, urinou entre eles. Sabemos que o deitar-se com os pais pode gerar um aumento de excitação sexual na criança, que no menino culminou com a urina, substituta da masturbação infantil. “[...] a enurese na cama [...] deve ser igualada à poluição dos adultos” (FREUD, 1924a, p. 219). Diante do ocorrido, o pai o puniu, batendo-lhe e o mandando sair do quarto, de onde percebemos a firmeza da atuação proibitiva deste pai real (talvez o pai de Hans dissesse: “Por que você fez isso?”).

1.3.2. A incidência da proibição

Após a construção de Freud (1909b, p.207) sobre o pai do Homem dos Ratos tê-lo castigado severamente por conta da masturbação, o paciente narra o episódio de uma surra que recebeu do pai e em que tentou revidar, xingando-o de “Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato!”. Freud tenta investigar se esse castigo foi punição por algum ato de natureza sexual. Talvez a própria narração deste fato, vindo em associação à construção de Freud, já seja, por si só, um bom indício disto.

Segundo o paciente, o pai muitas vezes agiu de forma passional, com excesso de violência, sem saber quando parar. Era comum castigar severamente os filhos. Acusa o pai de abusar de seu poder, querendo que lhe pedissem permissão para tudo. Daí, percebemos, mais uma vez, o caráter autoritário do pai, o prazer que este sentia em colocar-se no posto árbitro do que “se pode” e o que “não se pode” fazer. O exercício da proibição lhe era até agradável.

O ódio infantil contra o pai gerou o desejo de livrar-se deste e, desde a infância, pois o Homem dos Ratos era, desde criança, atormentado por pensamentos sobre a morte do pai. Isto lhe gerou muita culpa e uma forte formação reativa de “amar o pai mais que a qualquer outra pessoa” (FREUD, 1909b, p. 183). Em muitos de seus pensamentos obsessivos (ex.: ‘se você tivesse que se atirar na água a fim de que nenhum dano sobreviesse a ele...’), o que estava em jogo era saber se ele era capaz de abdicar de tudo para salvar o pai (Ibid., p.300).

Na neurose obsessiva, a relação entre amor e ódio, ou seja, a ambivalência afetiva é mais acirrada, constituindo-se como uma das características mais freqüentes. O amor consciente pode aumentar para combater seu oponente, o ódio ficando inconsciente, se pereniza e pode até aumentar. Daí Freud entender que este conteúdo deve tornar-se consciente no tratamento analítico.

O Homem dos Ratos diz a Freud que o pai fora “seu melhor amigo. Exceto em alguns tópicos nos quais pais e filhos comumente se mantinham separados uns dos outros” (Ibid., p. 185). Freud se pergunta: “que queria ele dizer com isto?” Deduzimos que esta “separação” se dava em relação à “sexualidade”. Já foi bem demonstrado que em relação a esta, os dois eram oponentes, e não amigos. Na mesma página, Freud comenta: “ele deve ter sentido seu pai como uma interferência [em relação aos desejos sensuais]” (Ibid., p. 185).

A masturbação era severamente proibida pelo pai, “você pode morrer se fizer isto” (Ibid., p.263). Freud compreende que, da mesma maneira que o paciente tinha impulsos suicidas, em função da culpa e obediência ao pai, esta ameaça de morte foi transferida para seu pai. Este poderia morrer – era um de seus pensamentos obsessivos – sempre que um desejo sensual lhe vinha à mente. A ameaça de castração foi proferida quase como uma ameaça de morte. O exercício da sexualidade não implicaria perda de um membro, mas da própria vida.

No episódio da surra na qual gritava xingando o pai (“Sua lâmpada...”), o pai assustou-se com a fúria do garoto e disse: “o menino será um grande homem ou um grande criminoso”. A partir daí, o paciente diz ter se tornado ‘um covarde’, com medo da manifestação da própria raiva. Recontando este episódio na análise, Freud comenta que o paciente confere ao relato um caráter épico: “Seus desejos sexuais relativos a sua mãe e a

sua irmã ligavam-se ao castigo infligido pelo pai ao *jovem herói*” (FREUD, 1909b, p. 210-11- grifo nosso).

A “profecia” do pai cumpre-se à medida que o paciente, já adulto, às voltas com seus sentimentos de culpa, buscava junto a um amigo importante em sua vida um veredito sobre sua moralidade. Ele o procurava quando se sentia atormentado por “impulsos criminosos” e só acalmava-se quando este afirmava ser ele “um homem de conduta irrepreensível”. Outra “profecia” do pai era de que “algum dia você vai meter coisas dentro de sua cabeça” (Ibid., p. 272). Seriam seus pensamentos obsessivos mais uma forma de obedecer a palavra do pai? Aliás, a obediência ao pai se revela de diversas maneiras. Era hábito seu permitir que seus atos fossem decididos pelo Destino, pela mão de Deus, dois claros substitutos da figura paterna. Isto não só dá testemunho de sua obediência, mas também alimenta a procrastinação que é própria aos obsessivos: o protelar de qualquer decisão e o ficar às voltas com a dúvida que lhes é tão característica. Nestes pacientes, há uma regressão do agir para o pensar. O próprio pensamento é sexualizado. O pensar toma caráter de ato. E, se eles não decidem, alguém deve decidir por eles.

Além disso, o paciente recebia “ordens” que ele mesmo chamava de “idéias obsessivas”. Elas começaram por coisas irrisórias: contar até certo número, sair correndo da sala em determinado minuto. Depois de andar sob o sol do meio-dia para emagrecer, que Freud entende como algo de natureza autopunitiva. Freud comenta que *ele parecia atribuir essas ordens a seu pai*. No entanto, havia umas mais graves: cortar a própria garganta, por exemplo. Estes pensamentos revelam a figura do pai sempre lhe imputando, em sua imaginação, ordens e castigos. O pai legislador permanecia operando mesmo (e principalmente) após a morte, da qual ele se sentia culpado por não ter estado presente e prestado auxílio. Exemplo típico do que Freud nos mostra em *Totem e Tabu* (1934): com a morte do pai, os filhos sentem-se culpados, já que a desejaram e sua lei – a exogamia para os filhos - torna-se mais forte do que quando vivo.

Não apenas na infância, mas ainda na vida adulta, o pai se configurava como um oponente à vida sexual do filho. O rapaz era interessado em uma jovem dama, que ele chamava de ‘uma pérola entre as jovens’, mas esta já havia recusado sua corte algumas vezes. Diante das investidas do filho, o pai desencorajava: “Você se tornará ridículo”, o que o filho chama de “outra de suas observações ofensivas”. O Homem dos Ratos teve um sonho em que tentava pegar uma pérola (forma como chamava a dama), mas não

conseguiu. Ele pensava: “você não pode”. Freud interpreta como uma proibição feita por seu pai, originada na infância e que se estendeu até a adultície (1909b, p. 273-4). E afirma que “o conflito nas raízes de sua doença era, em essência, uma luta entre a persistente influência dos desejos de seu pai e suas próprias inclinações amorosas” (Ibid., p. 203).

1.3.3. Uma vida sexual “obstruída”

O Homem dos Ratos, já na primeira entrevista com Freud, queixa-se de que “sua vida sexual havia sido obstruída”. A masturbação era irrisória e foi retomada com regularidade após a morte do pai e, mesmo assim, depois, sentia-se envergonhado. Sua primeira relação foi aos 26 anos, também após o falecimento do pai, e, quando aconteceu, lembra de ter pensado: “Que maravilha! Por uma coisa assim, alguém é até capaz de matar o pai!”. E passou a manter relações sexuais muito raramente. Não gostava de prostitutas. A presença interditora do pai exercia uma influência tão forte sobre ele que até para masturbar-se, só sentiu-se mais à vontade depois de sua morte.

Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade*, Freud deixa claro como a sexualidade é alvo fácil de uma inibição e que esta representa o abandono de uma função do eu, porque sua prática produziria angústia diante da possibilidade da castração. “O superego torna-se mais rigoroso [na neurose obsessiva], insiste ainda mais fortemente na supressão da sexualidade” (1926, p.140).

Freud pergunta ao rapaz o porquê de ele enfatizar a narrativa de sua vida sexual, ao que este responde que já conhecia algo (superficialmente) das teorias freudianas. Entendemos que o Homem dos Ratos de algum modo supunha uma relação entre sua doença e a sexualidade. Inclusive, em outro momento da análise, diz que seu pai poderia ter tido sífilis e isso ser a causa de sua doença. Podemos ver aí a relação feita pelo próprio paciente entre Neurose – Pai – Sexualidade.

Sempre que o rapaz sente desejos sexuais, tem medo – que Freud interpreta como desejo inconsciente de que algo aconteça a seu pai (mesmo em outro mundo, já morto). Em outro momento, interessado em atrair atenção de uma moça, pensou que, se seu pai morresse, ela se aproximaria, ou então, pensava que se o pai morresse, a herança recebida lhe possibilitaria casar com a dama, mas logo repudiou esta idéia. O fato é que a morte de seu pai se caracterizava como uma *condição para o exercício de sua sexualidade*.

No entanto, quando o pai realmente faleceu, ele teve grandes dificuldades de aceitar o fato. Por vezes esquecia, pensava como se o pai ainda estivesse vivo e passou a ter o desejo de ver o fantasma do pai. Desenvolveu o comportamento de estudar à noite e, na hora em que os fantasmas “estão circulando”, abria a porta do apartamento, ia até o espelho e ficava olhando seu próprio pênis, pensando o que o pai diria se visse aquilo. Este comportamento, para Freud, revela a ambivalência em relação ao pai: por um lado, estudava para obedecer, e, por outro, desafiava-o com este tipo de masturbação.

Aliás, as situações que o excitavam e o levavam a masturbar-se, ele tirava de obras artísticas ou de momentos presenciados que envolviam geralmente “uma proibição e o desafio a uma ordem” (FREUD, 1909b, p. 206), observa Freud. Ora, isto remete claramente a sexualidade infantil, em que o objeto desejado (a mãe) é proibido e, para tê-lo, é necessário desafiar a ordem (do pai). É importante observar que ele carrega na vida adulta, já em relação a outras mulheres ou mesmo em fantasias, o mesmo caráter vigoroso do “não” proferido pelo pai em sua infância.

Em um flerte com uma empregada, logo “recobrou o juízo e fugiu”. E dizia que com ele sempre acontecia a mesma coisa: seus momentos agradáveis eram estragados por algo sórdido. É como se o seu gozo sexual precisasse sempre ser barrado. A sexualidade em geral configura-se como proibida. “[...] precisamente no interesse da masculinidade (isto é, pelo medo da castração), toda atividade que pertence à masculinidade é paralisada” (FREUD, 1926, p.138).

Sabemos que o papel do pai ao final do Édipo é oferecer ao filho, através da identificação, a possibilidade de usufruir no futuro de outras mulheres, substitutas da mãe. Mas o que observamos no Homem dos Ratos é que a proibição parece ter sido tão incisiva, tão excessiva, que veio a obstruir a sexualidade em geral.

Uma forma pela qual podemos observar este fato é que a ambivalência sentida pelo pai, também existia em relação à dama, e Freud observa que esses sentimentos não eram independentes entre si, mas relacionados em pares. “Seu ódio pela dama estava inevitavelmente ligado a seu afeiçoamento pelo pai, e, de modo inverso, seu ódio pelo pai com seu afeiçoamento à dama” (FREUD, 1909b, p.239). Daí podemos entender que ele odeia a mulher (mãe) para obedecer ao pai (pelo afeto e medo que lhe tem). E odeia o pai por conta de seu desejo pela mulher (mãe), junto à qual o pai se configura como obstáculo.

É uma relação de exclusão: para amar o pai, deve abdicar da mulher. Para ficar com a mulher, desobedecer ao pai.

Isto sugere a ocorrência de um interdito proferido de modo esmagador que chega a restringir toda a sua sexualidade e se aplica às mulheres em geral, aliás, ao próprio desejo. Freud diz em uma nota de rodapé: “Talvez careça de interesse observar que, uma vez mais, a obediência a seu pai coincidia com o abandonar a dama” (1909b, p.221). Soma-se a isto o que Freud (1912) esclarece a respeito de uma forte fixação incestuosa na mãe ou na irmã, que pode vir a inibir a potência masculina. Nas primeiras escolhas objetais da criança, comparecem conteúdos afetivos e eróticos. No entanto, quando adulto, quanto mais os objetos de desejo lembrarem os objetos parentais, mais o componente sexual será inibido, restando apenas o afetivo. No Homem dos Ratos, a inibição sexual era bem intensa, o que revela a forte fixação erótica à figura da mãe. A evitação da sexualidade toma um caráter de evitação do incesto.

Um aspecto curioso na sexualidade deste paciente era a distinção que ele realizava entre sexo e amor. A mulher amada é inadequada para o sexo, resultado da retirada da catexia libidinal, que inicialmente havia sobre a mãe. Em 1926, Freud nos fala que, na neurose obsessiva, a formação reativa não é relacionada a um objeto específico, mas se universaliza, generaliza-se. O sexo, muito desejado, passa a ser evitado e esta evitação, que era relacionada à mãe, estende-se a todas as mulheres.

No obsessivo, a organização genital da libido constitui-se de forma débil, de modo que, quando o eu inicia seus processos defensivos, promove uma regressão à face anal-sádica da libido, ocorrendo certa desfusão dos componentes eróticos e agressivos da pulsão. Esta regressão faz com que, nesta neurose, o conflito seja “[...] agravado em suas direções: as forças defensivas se tornam mais intolerantes e as forças que devem ser desviadas se tornam mais intoleráveis” (Ibid., p.140).

1.3.4. Sobre a mãe

Pode ser observada certa cumplicidade junto à mãe. Esta, por vezes, queixava-se do marido ao filho, reclamava de ele passar longos períodos sem dar notícias, quando estava no exército e levantava suspeitas sobre uma possível infidelidade do esposo. Queixava-se de falta de atenção e chamava-o de “sujeito ordinário” por conta de sua falta

de elegância. O menino compartilhava com a mãe críticas quanto à rudeza do pai e sentia vergonha da natureza soldadesca deste. A mãe costumava ficar “horrorizada” com certas vulgaridades do marido.

Freud (1909b) aponta que também havia no paciente uma cadeia de pensamentos hostis em relação à mãe, e diante da qual ele reagia através de uma exagerada consideração. Havia de fato uma ambivalência: as vezes, achava que a mãe exibia uma exagerada consideração pela educação que recebeu. Observamos também que o desejo incestuoso, que já se encontrava bem recalcado, revelava-se através de formações reativas em relação a elementos da sexualidade da mãe: o paciente lembra um dia em que a mãe, deitada no sofá, tirou algo amarelo debaixo do vestido. Ele quis pegar, mas tratava-se de algo “horrível” que se transformou em uma secreção. “Sua mãe sofria de uma infecção abdominal, e agora os seus genitais cheiram mal, o que o faz ficar muito irritado” (Ibid., p. 295). Vale ressaltar que a doença da mãe seria relacionada à sexualidade desta com o pai.

A mãe não tinha um contato muito direto nos cuidados com os filhos, que eram realizados por babás ou governantas. Mas o paciente lembra um dia em que a mãe decidiu dar-lhe uma boa limpeza, já que o menino era um ‘porco sujo’. Ele chorou de vergonha e disse: “Onde você vai me esfregar agora? No cu?” (Ibid., p. 286). A mãe não contou o episódio ao marido para poupar o filho da surra que receberia. O episódio é contado pelo paciente como ‘um crime que passou impune’ no qual ele havia tentado imitar o pai (este é quem falava palavras como ‘cu’ e ‘merda’). Entendemos que este contato físico que o menino sentiu como constrangedor teria mescla de erotismo e agressividade, e, de qualquer modo, ficou como um ‘segredo’ entre mãe e filho, uma pequena transgressão compartilhada.

Apesar de o casamento dos pais ser suficientemente harmonioso e feliz, o rapaz sabia que antes o pai havia cortejado uma jovem sem recursos. Acreditava que o pai se casou com sua mãe por dinheiro e achava esta idéia intolerável. Isto rebaixaria a mãe como mulher (Ibid., p. 296), como se ela não fosse desejada pelo marido. Ele lançava dúvidas também quanto à fidelidade conjugal do pai. Seria, então, ele um amante melhor para ela?

Durante uma sessão, em associação livre, ocorreu-lhe a idéia de duas espadas japonesas sendo cravadas nos seios da mãe que estava nua. Após isso, “A parte inferior do corpo, sobretudo os seus genitais, foi completamente devorada por mim e pelos filhos” (Ibid., p. 282). Freud interpreta as duas espadas como significando casamento e cópula,

dois desejos do rapaz. Além disso, a fantasia expunha a concepção do sexo e nascimento de crianças como algo que consome e devora a beleza da mulher. De qualquer modo, o que percebemos é que, na fantasia, comparecem elementos incestuosos (espadas poderiam ser um símbolo fálico, o corpo nu da mãe, seios, genitais sendo devorados) que se somam à questão da morte: sexo e morte novamente conjugados em suas fantasias. E voltamos para a frase do pai: ‘você pode morrer com isso [a masturbação]’!

O Homem dos Ratos também tinha preocupações a respeito de seu pênis ser pequeno. Durante algumas sessões, ele fala a Freud sobre um sonho. Neste, foi ao dentista para extrair um dente cariado, mas foi-lhe arrancado outro, maior. Depois, ele e Freud chegam à interpretação de que o dente grande era o pênis do pai e o sonho era uma espécie de vingança contra este. Na comparação com o pai, mesmo adulto, ele perde. A única maneira de livrar-se deste rival seria arrancando-lhe o pênis. Aliás, seu pai lhe parecia ser melhor que ele em diversos aspectos. O rapaz não se saía bem no exército, era apático e ineficiente, enquanto seu pai era um “suboficial de mérito”. Além disso, seu pai sempre se aborrecia por ele não ser laborioso e o reprovava pelas notas baixas na escola.

O paciente diz a Freud que desde pequeno, tinha idéias de suicídio e que não o fazia para não ver sua mãe infeliz. Então, era por amor à mãe que vivia? E terá sido por quem que morreu em campo de batalha?

1.3.5. A neurose desencadeada.

O principal evento desencadeador da sua neurose foi quando sua mãe pensou em uma estratégia para ele desposar uma moça rica. Encontrando-se em um conflito semelhante ao vivido por seu pai (amor x dinheiro), ou melhor, entre seu desejo (pela dama) e as influências do pai (dinheiro), ficou doente como forma de fuga. Incapacitado para trabalhar, o casamento tinha de ser protelado por bastante tempo.

Se está claro que os atos obsessivos são medidas protetoras frente a um desejo, os impulsos, aos quais se via impelido o Homem dos Ratos, compareciam em função de que desejo? O que invadia sua mente era o medo de que o suplício acontecesse ao pai ou à dama. Freud concebe o medo como uma possível manifestação disfarçada do desejo. Então o que o suplício significava exatamente? Freud entende como uma relação sexual anal. O elemento rato vai tomando diversos significados ao longo da análise: dinheiro (*ratten-*

ratos associou a *raten-* prestações, ‘tantos florins, tantos ratos’), pênis (rato transmite doenças tal como o pênis transmite sífilis), vermes (que percorriam seu ânus durante a infância), crianças (teoria cloacal), e, por fim, ele mesmo: “Ele próprio tinha sido um sujeitinho asqueroso e sujo, sempre pronto a morder as pessoas quando enfurecido” (FREUD, 1909b, p. 218), tal qual um rato, esse animal nojento, de dentes afiados e perseguido pelos homens.

Os atos obsessivos se constituem como:

[...] uma medida protetora intimamente associada com o impulso que deve ser evitado [...] Atos obsessivos verdadeiros [...] constituem uma espécie de reconciliação, na forma de um acordo, entre os dois impulsos antagônicos. Pois os atos obsessivos tendem a se aproximar cada vez mais [...] dos atos sexuais infantis de caráter masturbatório (FREUD, 1909b, p. 245- grifo nosso).

Freud enfatiza aí o caráter de formação de compromisso próprio ao sintoma e sua faceta de “medida protetora” frente ao desejo. Desta forma, o medo de que o suplício ocorresse com os entes mais queridos revela o desejo de imputar este castigo aos dois seres amados, pois não se ama sem grande ambivalência na neurose obsessiva. O suplício reúne em si os componentes eróticos e sádicos das fantasias obsessivas, de modo que primeiro o desejo se configura (é realizado, já que no obsessivo, o pensamento é mais sexualizado e equivale a um ato) através do pensamento obsessivo, para logo em seguida ser combatido por algum ato ou cerimonial.

Freud (Ibid., p. 186) observa que o paciente precisa defender-se não só do risco de castração, mas também de sua própria agressividade, que se manifestava sempre que algo se configurava como interferência ao seu amor (por exemplo: sentia ódio e fantasiava matar um primo e a avó da dama, pessoas de quem tinha ciúmes). Quanto maior o desejo, mais incômoda é sentida a proibição, mais raiva gera no sujeito, e pode, inclusive, voltar-se contra si próprio. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924b), Freud nos fala sobre o retorno do sadismo ao próprio eu, o que seria o masoquismo secundário. O Homem dos Ratos também era atormentado com a imagem do suplício acontecendo a ele mesmo,

de modo que oscila entre as posições de sádico e masoquista, ou seja, entre ocupar ou fazer com que o outro ocupe uma posição passiva, uma posição feminina, de ser castrado. É o que Freud articulava desde *Os instintos e suas vicissitudes* (1915b) ao falar do retorno da pulsão ao próprio eu.

A compra de um *pince-nez* através dos correios veio a constituir-se como mais um tormento na vida deste jovem rapaz que pensou nas maneiras mais complicadas possíveis para realizar este pagamento. A dívida, na verdade, lembrava-lhe uma dívida de jogo contraída por seu pai na época do exército, “mais um de seus pecados”. Ocorreu-lhe a idéia de que, se não pagasse, “aquilo” iria acontecer ao pai e à dama. Ele acreditava que, pagando a dívida, ficaria livre de suas obsessões. Inclusive, procurou Freud, porque precisava de um médico que lhe certificasse de que, para recuperar a saúde, seria necessário efetuar um ato tal como o que ele queria fazer com o tenente A – o pagamento da dívida, o paciente achava que o pagamento era a condição para ficar bom, o preço a ser pago pelo próprio desejo.

A dívida dele era pequena e deveria ser paga à moça da agência, portanto, de fácil pagamento. Já a dívida de seu pai é que seria impossível pagar. O que ele fez foi transformar a dívida de seu pai em sua. Talvez achasse que, pagando a dívida do pai, estaria acertando suas contas com ele, por conta de seus impulsos hostis. Seria libertado da culpa, das obsessões e dos impulsos autopunitivos. Pagando a dívida do pai, este lhe daria permissão para desejar e usufruir de sua sexualidade. A questão é que pagar esta dívida era impossível...

1.4. Semelhanças e diferenças

Podemos ver o quanto a relação entre pai e neurose é estreita. O sintoma, como retorno do recalcado, revela certa falha do próprio recalçamento, ao mesmo tempo em que representa a proibição. O sintoma vem para evitar a angústia (de castração) e, inicialmente, constitui-se para barrar os desejos proibidos, ou seja, cumprir a função do pai. Depois é que, pelo próprio caráter sintetizador do eu, o proibido começa também a ser, ali, representado. O que não retira do sintoma este ‘caráter de pai’, já que este fornece o modelo de interdito, mas também da transgressão.

Esta barra ao gozo sexual pela via do sintoma, Freud nomeou de “medida de restrição”, no caso da fobia e “medida protetora” no caso da neurose obsessiva. Restrição e proteção aos impulsos eróticos. Esta semelhança na função dos sintomas nestas duas neuroses fica bem expressa em uma passagem de *Inibição, Sintoma e Ansiedade*: “[...] muitos atos obsessivos vêm a ser medidas de precaução e de segurança contra experiências sexuais, sendo assim de natureza fóbica” (FREUD, 1926, p. 108)

No entanto, se a função é semelhante, a forma destes sintomas são bem diferentes. Aliás, muda não apenas o sintoma, mas a forma de lidar com a castração de um modo mais geral, como veremos logo a seguir. Cabe nos perguntarmos aqui, o que do pai³ teria a ver com a produção destas diferenças, o enveredamento da criança por um ou outro caminho.

1.4.1. Algumas semelhanças

Em ambos os casos Freud considera o recalamento do ódio infantil pelo pai como grande elemento formador da neurose. Houve também um evento reativador dos desejos parricidas em Hans: a queda do cavalo; no Homem dos Ratos, a própria morte do pai. E, contra isto, era preciso defender-se por meio da neurose. Nos dois casos, a intensificação da libido renovava a luta contra a autoridade do pai, deixando o sujeito em um conflito, fazendo com que o pai representava um obstáculo à vida sexual do filho. Os dois pacientes de Freud tinham medo de que acontecesse algo ao pai, ocultando o desejo de livrar-se do pai, demonstravam ambivalência afetiva em relação à figura paterna e também existia a identificação com esta figura.

Além disso, é possível observamos manifestações particulares de precocidade na sexualidade infantil (lembrando que o confronto com as exigências da sexualidade é sempre traumática) e a existência de certa cumplicidade com a mãe. Ambos os meninos, por vezes, dormiam na cama com os pais e tinham fantasias de desafio em relação ao pai.

Nos dois casos o caminho do tratamento (dentre outras) foi tornar consciente a hostilidade pelo pai e elaborá-la. A neurose vem como desvio das exigências edipianas e defesa contra a castração. Em ambos permanece uma dúvida em relação ao desejo do pai em relação à mulher. Em Hans, o pai parecia não fazer tanta questão de ficar a sós com ela na cama.

³ Lembrando que para falar do pai é necessário pensá-lo dentro da triangulação edipiana.

No Homem dos Ratos, o pai não havia se casado por amor e, quando viajava com o exército, passava longos períodos sem dar notícias. Permanece também, uma dúvida quanto à satisfação da mãe como mulher, junto ao marido. Em Hans, ela parecia satisfazer-se com o filho. No Homem dos Ratos, ela queixava-se do marido para o filho. Ambas exibiam certa ambigüidade.

1.4.2. Algumas diferenças

No contexto familiar, parte-se da diferença de que em Hans, os pais haviam acordado educar o garoto ‘com o mínimo de coerção possível’, eram estudiosos da Psicanálise. No contexto familiar do Homem dos Ratos, era o pai que ditava as regras e, além disso, possuía uma índole soldadesca, era passional, quando batia, “não sabia a hora de parar”.

Em relação ao interesse pelas questões relativas a sexualidade, a escopofilia comparecia em Hans, com caráter de pesquisa acerca da diferença sexual. Esta, no início, não estava bem clara para o menino, criava fantasias sobre ter visto o pipi da mãe e tinha certa ‘dificuldade’ de reconhecer que o pai também tinha um pipi, “eu nunca vi quando você trocava de roupa”. Sobre a questão da diferença sexual, os pais lhe davam explicações insuficientes, o que dificultava a elaboração do garoto. Tinha relação de amizade com o pai, falava-se de sexo, mas como é o órgão da mulher ou o que faz o pipi do pai na fabricação de bebês são questões que não ficaram claras para Hans. No Homem dos ratos, a escopofilia já aparecia mais a serviço de promover uma excitação/descarga sexual, o desejo era de ver o corpo todo da mulher. A diferença sexual havia sido bem colocada desde cedo (vista na irmã, ‘sentida’ com as governantas e explicada pelo primo). Quanto ao pênis do pai, o que comparece não é uma dúvida, mas um incômodo. O rapaz achava seu próprio pênis pequeno e tinha fantasia de arrancar o pênis do pai, que é maior e ainda o atormenta. Tinha certa amizade com o pai, seu “melhor amigo, exceto em alguns tópicos”, supostamente temas relativos a sexualidade.

O incesto parecia ser, para Hans, proibido ‘por si mesmo’, não atrelado a vontade ou desejo do pai pela mãe. “Um bom menino não deseja este tipo de coisa”, dizia o pai. Na tentativa de conter a masturbação do filho, este pai propõe que o menino durma num saco de dormir, o que revela a fraqueza de sua palavra. “Você vai piorar de sua bobagem”. Já o pai do Homem dos Ratos, sobre a mesma questão, dizia: “você vai morrer

se fizer isto”. O papel interditor do pai observa-se dentre outros momentos, quando o menino urinou (substituto infantil da ejaculação) na cama dos pais e levou uma surra, e foi expulso do quarto. Há também a surra que leva o garoto a xingar violentamente o pai: “Sua toalha” Seu prato!”

A figura do pai, para Hans este configurava-se como um obstáculo “fraco” em relação aos seus desejos incestuosos junto à mãe. A princípio, pode-se dizer que este pai pecava por excesso de gentileza, paciência e tolerância, enquanto o pai do Homem dos Ratos chegava a ser “excessivo” no cumprimento da função interditora. O primeiro, quando queria evitar que o menino deitasse na cama com eles, dizia um tímido ‘não’ que não era atendido e logo, calava-se, era uma interdição possível de driblar. O segundo, quando queria que o menino saísse da cama, usava de violência física e mandava o garoto embora, mas, curiosamente, era freqüente o garoto dormir na cama com os pais. Mesmo assim, configura-se uma interdição difícil de vencer, mesmo após a morte do pai, o fantasma deste ainda aparece para fiscalizar o rapaz.

A partir daí, torna-se fácil compreender o porquê de Hans ter precisado construir a fantasia de que o pai havia lhe batido, ou mesmo dizer “você está com raiva de mim, isto tem que ser verdade”. O garoto parecia buscar o papel interditor do pai. Já o Homem dos Ratos, que realmente sofria a interdição e apanhava do pai, constrói a fantasia de ser grato pelo fato deste nunca haver lhe espancado. Nas fantasia de Hans, freqüentemente o pai aparecia como cúmplice em atividades que representavam simbolicamente relações sexuais. Era comum, também, a figura de um terceiro interditor (por vezes, representado por policiais) que chegavam e interrompiam o ato proibido. Estas fantasias apontam para um possível desejo de que a interdição aconteça de forma mais eficaz. No Homem dos Ratos, este desafiava, em suas fantasias, a autoridade do pai morto através da masturbação, mas ainda assim, tinha medo de ser repreendido pelo fantasma do pai, excitava-se com situações de desafio, o nos leva a pensar que seu desejo implicava a transgressão de uma ordem já bem estabelecida. Neste caso, a ambivalência afetiva em relação a figura paterna comparece mais fortemente do que em Hans. Neste, foi apenas durante a análise que Hans deu-se conta de seus desejos parricidas, enquanto o Homem dos Ratos era desde criança, atormentado com pensamentos sobre a morte do pai, que eram logo repudiados.

Em relação a mãe, Hans tinha com esta uma relação bastante erotizada, seus desejos incestuosos eram mais revelados, estabelecia-se uma cumplicidade mãe-filho na

realização de certos jogos eróticos, na desautorização do ‘não’ do pai, sua reação ‘com certa irritação’ ao interdito do esposo. Hans exibia seu ciúme da mãe, tanto em relação a Hanna, quanto ao pai. Já bem ao ‘final’ de sua análise, revela o desejo de casar-se com a mãe. No Homem dos Ratos, seu desejo incestuoso pela mãe já comparece encoberto e recalçado, deslocado para figuras substitutas de babás e governantas. Em relação a mãe, já não haviam ‘investidas’ sexuais, ao contrário, observa-se que o rapaz fala da mãe de forma que a rebaixa como mulher (genitais que cheiravam mal, arrotos, rejeitada pelo marido), o que entendemos como uma defesa – formação reativa – para fazer frente a seu desejo, uma tentativa de deserotizar a mãe. A cumplicidade com esta dava-se por meio de críticas que faziam sobre o caráter do pai. No entanto, esta mulher demonstrava mais interesse pelo marido, pois lamentava-se de sua ausência e submetia-se a autoridade do marido, burlando-a apenas na surdina.

Ao final, Hans consegue desejar a mulher e amar o pai, mas para o Homem dos Ratos, estabelece-se uma relação de exclusão: ou deseja a mulher, ou ama o pai. O caráter interditor “fraco” do pai de Hans tornará necessário que o menino construa um objeto fóbico que lhe faça suplência. No Homem dos Ratos, isto não é necessário, o pai fica fortemente internalizado sob a forma de supereu.

1.4.3. Comentários

O que fica explícito nos textos freudianos dos quais nos utilizamos, é a neurose como defesa diante da castração, uma estratégia criada pelo sujeito para buscar a satisfação por vias distorcidas e substitutivas, e, ao mesmo tempo, submeter-se à proibição. Nos dois casos estudados, Freud ressalta o papel da hostilidade sentida pela criança diante do obstáculo representado pela figura paterna no contexto edipiano. Esta hostilidade, mesclada a uma afetividade (temor e admiração), geraria o conflito entre obedecer ao pai e seguir sua autoridade interditora ou desobedecer-lhe e buscar satisfação para seus desejos eróticos.

O que podemos dizer que fica “sugerido” em Freud seria certa “fraqueza” do caráter proibidor do pai na fobia e certo “excesso” deste no caso da neurose obsessiva. Isto faria diferença no tocante à forma de interiorização da lei em cada caso. Na fobia, o sujeito recorre a uma espécie de “arranjo” bem especial: o de construir um representante para a

castração por meio de um objeto externo; já na neurose obsessiva, a lei estaria bem interiorizada sob a forma de um supereu extremamente severo.

Tentando “tirar” o menino da fobia, o pai resolveu arregaçar as mangas e fazer alguma coisa com a ajuda de Freud. A intervenção foi no sentido de promover no garoto a simbolização da castração através, principalmente, de uma *via explicativa*. Explicando (parcialmente) a diferença sexual e tentando arranjar argumentos para o porquê de o garoto não poder ir para a cama com a mãe.

Podemos dizer que o desempenho deste pai deixou um pouco a desejar, visto que Hans continuou sem saber a função do pai na fabricação dos bebês, a função do pênis na sexualidade, tendo de contentar-se com suas “sensações premonitórias”. O órgão feminino continuou envolto em certa aura de mistério. “[...] sua convicção de que sua mãe possuía um pênis, tal como ele, ficou no caminho de qualquer solução.” (FREUD, 1909a, p.140).

Parece que apesar desses aspectos, pôde haver um maior investimento fálico na figura do pai, quando Hans deparou-se com o enigma da sexualidade, diante do qual o pai realmente tinha um saber e um poder a mais que ele. Hans pôde concluir seu Édipo, identificando-se com o pai e aceitando usufruir de seu próprio pênis posteriormente... mas com a mãe!

Podemos perguntar-nos até que ponto houve o sucesso desta intervenção do pai de Hans na promoção do interdito e na simbolização da castração. Durante o combate à fobia, o pai tentou fazer o que deveria ter feito antes. Justamente por sua omissão, fez-se necessário para o menino um objeto fóbico. Hans precisava de algo que viesse barrar seu gozo sexual incestuoso, daí a fobia e as fantasias com policiais.

O papel interditor do pai de Hans é operado de forma minimamente eficaz. Apesar de sua “fraqueza”, ele chegava a se constituir como um obstáculo junto ao menino, mas vale lembrar: um obstáculo possível de ser driblado, superado, mas suficiente para a hostilidade do garoto existir, assim como constituir-se como promotor do recalçamento, suficiente para possibilitar ao garoto uma estruturação psíquica da ordem da neurose.

O pai do Homem dos Ratos se configura como oposto ao pai de Hans em relação ao papel proibidor. Em sua “performance” excessiva e exagerada, sua ostensiva violência e autoridade, parece ter agido sobre o garoto de forma esmagadora. A lei foi internalizada de maneira que não apenas a mãe lhe era proibida, mas as mulheres em geral e o próprio

exercício da sexualidade, diante de uma castração sempre iminente, que não abre perspectivas para a criança do usufruto de seu pênis no futuro. Esta se veria obrigada a defender-se por meio de inibições e formações reativas, diante da “impactante” palavra do pai que despersonalizado, sob a forma do superego, daria origem a um forte moralismo e conscienciosidade, ampliando o leque de proibição para diversos aspectos da vida do sujeito. “[...] a neurose obsessiva está apenas levando a efeito, **de forma excessiva**, o método normal de livrar-se do complexo de Édipo.” (FREUD, 1926, p.138 – grifo nosso). Donde se conclui que a defesa “excessiva” é proporcional à intensidade daquilo do qual se defende.

Nesta neurose, do pai despersonalizado sob a forma do superego, não há muito como fugir, visto ele estar extremamente internalizado, diferentemente da fobia em que ele aparece no exterior e é possível evitá-lo. Portanto, no aspecto proibitivo, o pai de Hans (“fraco” que tenta reparar seu desempenho através de uma suplência à sua própria função) e o pai do Homem dos Ratos, estariam em posições diametralmente opostas. Mas Freud nos fala do duplo papel do pai proibidor e gozador. E parece ser em relação a este segundo ponto que há certa semelhança na atuação dos pais de Hans e do Homem dos Ratos.

Ambos parecem falhar no aspecto gozador do pai, pairando sobre eles uma dúvida no que diz respeito ao desejo em relação à mulher e vice-versa: o desejo da mulher em relação ao marido. Isto enfraquece qualquer interdito, independente de como ele seja pronunciado pelo pai. Freud deixa claro que o incesto não pode ser proibido por si mesmo: o pai proíbe, porque é ele quem vai (e pode) gozar da mãe (FREUD, 1923b). Ou seja, para uma eficaz internalização da lei, é necessário que a criança perceba o poder do pai de atrair e polarizar o desejo da mãe. E é sobre isto que paira uma dúvida em ambos os casos.

O pai de Hans parecia não fazer questão de ficar a sós com a mulher, cedendo facilmente ao desejo dela e do menino de ficarem juntos na cama. Ela mantinha com o filho uma relação erotizada e nele buscava satisfação, provavelmente não encontrada junto ao marido. No entanto, havia momentos de carinhos entre eles, explícitos (beijos) que faziam Hans chorar de ciúme. Por mais que a mãe excitasse o garoto com seus cuidados e permissividade, colocava certa barreira: “seria porcária” pegar-lhe no pênis. Hans sabia que com o pai ela fazia coisas que com ele não poderia fazer.

O pai do Homem dos Ratos havia renunciado a seu próprio desejo, casando-se por dinheiro e não por amor, o que promovia uma dúvida sobre o desejo de pai em relação à

esposa, e a isso se somava à desconfiança quanto à fidelidade deste homem. No entanto, este mesmo homem, que ostentava um *semblante de poder*, tinha, ele próprio, medo de ter sido traído pela esposa: aos 33 anos de casado, fez com que ela jurasse que nunca havia sido infiel. Que insegurança é esta? A esposa, por um lado, dava mostras de sentir a falta do marido; por outro, unia-se ao filho para fazer críticas ao caráter do esposo. Afinal, estava satisfeita? O que a incomodava? O que ela queria?

Simbolizar e elaborar a lei do interdito é uma tarefa comum a todas as crianças. Para que isto ocorra de forma eficaz, é necessário certo consenso do casal quanto a esta lei. Nos dois casos em questão, a forma como foi recebida a mensagem da lei não favoreceu a realização desta tarefa. Mas lembremos que isto nunca se dá de forma perfeita, daí a neurose e a possibilidade do retorno do recalado marcando uma momentânea e parcial falha do recalque. Como dirá Lacan (1999), o homem está sempre aquém da função que tem de cumprir. É nesta seqüência de raciocínio que iremos, agora, valer-nos das contribuições lacanianas acerca do tema.

CAPÍTULO II - Elaborações lacanianas acerca da função do pai.

2.1 Um comentário acerca da função do pai em Lacan

Neste trabalho, não nos propomos a seguir todo o percurso laciano da elaboração acerca do Nome-do-Pai (isto, por si só, já seria uma dissertação de mestrado). Segundo Porge (1998), a partir dos seminários 17 e 18, “Lacan torna público que não tenta mais salvar o pai à maneira de Freud” (p. 145). É difícil definir exatamente um momento a partir do qual o pretendido “retorno a Freud” cedeu lugar para as contribuições genuinamente lacanianas.

Porge (1998), comentando a construção do conceito do Nome-do-pai, diz que, no seminário *RSI*, Lacan parece dar certo fecho à questão do Nome-do-Pai, colocando este significante no centro do enodamento dos três anéis, agindo como um toro a mais com a função de mantê-los unidos. Neste mesmo seminário, ele diz que a realidade psíquica falada por Freud seria uma junção de real, simbólico e imaginário, portanto, um dos nomes-do-pai. No seminário *O sintoma*, designa este quarto anel pelo termo *sinthome*, aquele tipo de sintoma que tem por função manter certa estabilidade psíquica do sujeito, unindo os três toros, cumprindo, portanto, uma função de nome-do-pai.

Por ser bem complexa a questão do Nome-do-pai em Lacan e polêmica em relação a uma fidelidade ou não à teoria freudiana é que optamos por acompanhá-lo até o momento do seminário 5, utilizando suas contribuições sobre a função do pai, apenas no que, no nosso entender, esclareça o que já está dito no texto freudiano. Depois é que veremos sua própria análise acerca do caso de Hans e do Homem dos Ratos, a fim de encontrar não só os pontos de concordância, mas de discordância em relação a Freud, enriquecendo a discussão.

A elaboração laciana efetua a passagem da questão do pai para o plano da linguagem, reconceitualizando e redimensionando a elaboração de Freud sobre a figura do Pai e o complexo de Édipo. O assassinato do déspota da horda primitiva permitiu que os filhos aceitassem e se submetessem à lei de proibição do incesto de modo que o pai passou a existir e operar no simbólico. Lacan (1995) nos lembra de que no francês, *tuer* (matar) vem do latim *tutare*, que significa conservar.

Roudinesco (2000) acrescenta que, diante do declínio da imagem social do pai, Lacan inspirou-se na tese edipiana clássica para revalorizar a função paterna. Pensando de maneira estrutural, o pai “humilhado ressurgiu, com Lacan, como investido de um poder de linguagem” (p. 137).

Portanto, o pai seria antes de tudo, o pai morto (como ser), conservado pelo significante. “O pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai” (LACAN, 1995, p.152). No entanto, esta função precisa ser veiculada por algum agente real, de preferência o próprio pai real, que se faça porta-voz desta lei. Dor (1991) nos diz que o pai real ser o agente privilegiado para esta função à medida que é ele que fala melhor “a língua do desejo” dos protagonistas do conflito edipiano. “Se é fato que, para cada homem, o acesso à posição paterna é uma busca, não é impensável dizer que, finalmente, ninguém jamais o foi por completo” (LACAN, 1995, p.209).

Para o sucesso da operação da instalação do significante do pai no psiquismo do sujeito – a metáfora paterna – será necessária a intervenção do pai nos três registros (real, simbólico, imaginário), através dos três tempos do Édipo, em que o sujeito vive a incidência de três formas de falta. Explicaremos por partes.

2.1.1. A metáfora paterna

Não existe Édipo sem pai, sem um terceiro elemento que venha se interpor na relação mãe-criança. No entanto, Lacan afirma que muitos Édipos ocorrem normalmente, mesmo quando não há um pai como ser concreto, ali presente. A partir daí, ele se pergunta o que é o pai no Édipo – e não na família. É a intervenção do pai no Édipo que tem seu efeito estruturante para a criança. E afirma que o pai é, então, uma metáfora, é “[...] um significante que substitui outro significante [...] A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante” (LACAN, 1999, 180). Vale lembrar que, neste momento, a ênfase do seu ensino estava no simbólico.

Antes de afetar-se por este terceiro elemento, a criança já havia simbolizado o significante materno, através das sucessivas ausências/presenças da mãe, que apontariam para certa insatisfação desta e o direcionamento de seu desejo para outros lugares. A criança, dependente e precisando fazer-se desejar, constitui seu desejo como o desejo do Outro. O que ela (a mãe) quer? Se o significado das idas e vindas da mãe é o falo, então é

necessário “fazer-se de falo”, na tentativa de tapear o desejo da mãe. O que Lacan nomeia de “paraíso do engodo”.

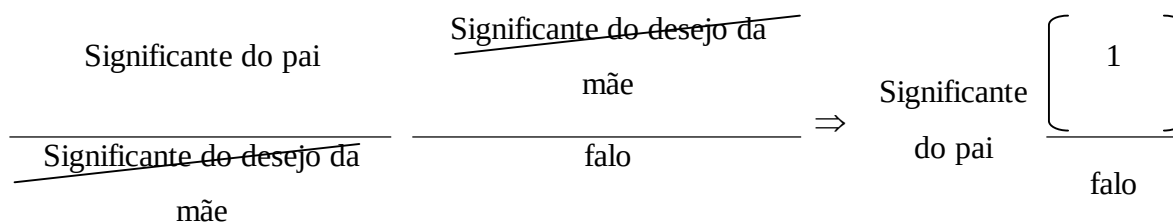
Portanto, o Édipo é um drama que envolve não apenas três personagens, simplesmente, mas três referidos a um quarto elemento: o falo, enquanto significante do desejo. Uma “quaternidade intrasubjetiva”, como chama Lacan (1995, p.205). Se por um lado, a criança identifica-se ao falo imaginário; a mãe, por outro lado, tende a colocá-la no lugar de seu falo simbólico em diferentes graus, dependendo da forma como conserva em maior ou menor grau sua inveja do pênis. Desta forma, a criança cai em sua própria armadilha, tornando-se uma presa passiva e assujeitada ao desejo do Outro, das significações do Outro. Ao mesmo tempo em que ela busca por isso, implica-se aí um medo de ser devorado, aniquilado e apassivado por este Outro. E a saída para esta situação seria a incidência salvadora da castração.

O pai, como representante da lei de proibição do incesto, introduz a ordem simbólica que apazigua as relações imaginárias, intensamente carregadas de agressividade. A castração, operação simbólica, vem incidir sobre o objeto (falo) imaginário, restabelecendo a ordem.

A intervenção do pai introduz aqui a ordem simbólica com suas defesas, o reino da lei, a saber, que o assunto ao mesmo tempo sai das mãos da criança e é resolvido alhures (LACAN, 1995, p.233).

O pai seria, na própria metáfora lacaniana, o pequeno graveto a impedir que se feche a imensa boca do jacaré. Lembrando que, no entanto, ele não é o autor da lei, mas apenas seu porta-voz. Ele mesmo está submetido a ela. Mas como ele veio a ocupar este lugar?

Em um determinado momento, as ausências da mãe passam a ser relacionadas com o terceiro elemento: o pai. Ele é suposto deter o que ela quer. É este investimento imaginário no pai real que possibilita a ascensão deste para a posição de pai simbólico. “[...] o falo constitui assim o centro de gravidade da função paterna, que vai permitir a um pai real chegar a assumir a sua representação simbólica”. (DOR, 1991, p.18) Portanto, o significante do pai substituirá o significante do desejo da mãe, que se liga à idéia do falo.



Este novo significante, do pai, será, agora, associado ao falo. A chegada deste novo significante recalca o anterior (da mãe), em uma operação inaugural do sujeito: metáfora paterna e seu mecanismo correlativo: o recalque originário. Renunciando à identificação primordial com o objeto de desejo da mãe e com a instalação do significante da lei no psiquismo, a criança acede ao posto de sujeito, saindo do assujeitamento no qual antes se encontrava.

E para que a própria estrutura psíquica se mantenha, “[...] é necessário, constantemente, que um significante venha ocupar este lugar de substituição do significante do desejo da mãe” (DOR, 1991, p.105). O que se trata, aqui, é do pai como um lugar no simbólico que pode ser ocupado por diversos agentes. Com o recalçamento do significante fálico, este se constitui como um ponto referencial na cadeia significativa do sujeito, ponto central de um ordenamento a partir de onde tudo pode ser valorado e significado. O falo pode sair do campo do imaginário e entrar no terreno do simbólico, das trocas. Assim “[...] a criança pode conceber que este mesmo objeto simbólico lhe será dado um dia” (LACAN, 1995, p.213).

2.1.2 Os três tempos do Édipo

Lacan (1999), no seminário *As formações do Inconsciente*, faz uma esquematização do Édipo como ocorrendo ao longo de três momentos que seriam mais lógicos do que cronológicos, mas que não prescindiriam, no entanto, de alguma sucessão. Não são etapas estanques, mas, de alguma forma, interpenetradas. A divisão em três tempos é uma tentativa de abordar a questão que é bem complexa de forma mais didática.

Em um primeiro momento, a criança busca, imaginariamente, identificar-se com o objeto de desejo da mãe. Encontra-se assujeitada à “lei do capricho” materno. Tentando satisfazer o desejo da mãe, engaja-se em uma relação de certa satisfação mútua. As ausências/presenças da mãe fazem com que a criança se pergunte o que ela deseja. Existe

um algo mais no desejo da mãe, que vai além da própria criança e isto é apreendido por esta através de toda a ordem simbólica que já está colocada e da qual a própria mãe depende. “[...] a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo, do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado” (LACAN, 1999, p. 198). Na relação com a mãe, ela experimenta o falo como o centro do desejo daquela. Ele existe em algum lugar, e a criança contenta-se em tentar ‘sê-lo’. “A criança se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma, em graus e posições diversos [...] a criança atesta à mãe que pode satisfazê-la, não somente como criança, mas também quanto ao desejo e, para dizer tudo, quanto àquilo que lhe falta” (Ibid., p.230). Neste jogo de tapeação do desejo materno, no qual busca identificar-se ao falo, a presença do pai ainda se encontra de forma **velada**.

Já em um segundo momento, a presença do pai passa a existir **mediada** pelo discurso da mãe. Aqui, não importa muito a relação entre os personagens reais, mas a relação da mãe com a palavra do pai, mais precisamente, seu ‘não’. A criança já percebe a fala da mãe como estando remetida a uma espécie de “tribunal superior”, a uma lei que não é mais simplesmente a dela. Isto implica para a criança que este Outro, a cuja lei a mãe se submete, deva possuir o objeto de desejo desta.

Eis aí um ponto crucial para a criança, “um ponto nodal”, como fala Lacan. Ela se vê questionada em seu estatuto fálico. O pai intervém aí, como imaginário, como detentor de um direito a mais sobre a mãe, supostamente detentor do falo, portanto, *privando* a mãe de seu falo simbólico.

Assim, é no plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil assume ou não, aceita ou recusa (LACAN, 1999, p. 191).

Este ponto seria “nodal”, uma vez aceito, a criança vê-se impelida a sair do registro do querer ‘ser’ o falo, para o do ‘ter’ ou não tê-lo. A mensagem do pai é dupla: dirige-se à mãe (“Não reintegrarás teu produto”) e à criança (“Não te deitarás com tua mãe”). Portanto, além da privação da mãe, ele efetua a *frustração* da criança: pela via do

simbólico, ele frustra imaginariamente a criança de um objeto real: a mãe. Ele proíbe a mãe porque, como objeto, ela é dele, e não do filho.

E por fim, em um terceiro momento, ele deverá aparecer como real e potente, de forma **revelada**, já que agora deverá dar provas de que realmente possui o falo. Tarefa difícil para o homem, pois deverá dar provas de possuir o que, de fato, não tem. Neste momento, a relação entre os pais volta para o plano real e “É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, o complexo de Édipo declina” (LACAN, 1999, p.201).

Na entrada do Édipo, trata-se para a criança de assumir o falo enquanto objeto simbólico, colocado no terreno das trocas. Este deslizamento do falo do plano do imaginário para o do simbólico necessita de que algo no real que se constitua como suporte desse objeto imaginário, como em uma espécie de colocação a prova de sua existência. É aí que o pai real deve comparecer para a criança: como o lugar daquele que tem o falo. Por isto que “[...] para cada homem, o acesso à *posição paterna* é uma busca, não é impossível dizer que, finalmente, ninguém jamais o foi por completo” (LACAN, 1995, p. 209 - grifo nosso).

O papel do pai, neste terceiro momento, deve ser o de dar à mãe o que ela deseja e poder dar como se o possuísse. É este pai real que tem destaque no complexo de castração, já que ele é seu agente. A *castração*, enquanto operação simbólica, é efetuada pelo pai real, agindo sobre a criança em relação ao falo imaginário. Assim, ao final do Édipo, o garoto, identificando-se com o pai, vislumbra a possibilidade de um dia obter esta “propriedade virtual” que supostamente o pai tem. Poderá usufruir de seu pênis futuramente, com outras mulheres que não a mãe. “É o jogo jogado com o pai, jogo de quem perde ganha [...] que por si só permite à criança conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei” (Ibid., p. 214). Perda que confere o ganho do desassujeitamento ao capricho materno e ganho da possibilidade de um usufruto regulado do gozo sexual.

Portanto, para um efetivo sucesso da metáfora paterna e da castração, é necessária a atuação do pai nos três registros:

- Pai simbólico – aquele ao qual a lei remete, o significante que representa o interdito, mas sobre o qual não se pode falar, é impronunciável. Ele frustra o filho.

- Pai imaginário – aquele ao qual se refere o jogo das identificações, da agressividade e da idealização, e que não guarda, necessariamente, relação com o pai real. Ele é o suposto detentor do falo. Ele priva a mãe.

- Pai real – aquele da realidade e de difícil apreensão devido à interposição do imaginário e do simbólico. É ele quem deve dar provas de sua falicidade e fazer-se preferir à mãe. Ele é doador em relação à mãe e castrador em relação ao filho.

2.1.3 Relação entre neurose individual e parental

Em *Complexos familiares na formação do indivíduo* (2003), Lacan comenta a relação entre a neurose e as condições familiares, como ficou demonstrado nos casos estudados por Freud, mas ressalta ser impossível relacionar cada entidade clínica a uma “anomalia constante” das instâncias familiares. No entanto, diz que “[...] a experiência revela que o sujeito forma seu supereu e seu ideal do eu não tanto conforme o eu do genitor, mas conforme as instâncias homólogas de sua personalidade” (Ibid., p. 85).

Isto se daria porque a criança seria muito mais sensível às intenções parentais, comunicadas afetivamente, do que ao aspecto mais objetivo e explícito do comportamento dos pais. A afetividade tornaria o psiquismo infantil mais receptivo ao aspecto oculto do comportamento parental. Isto faria com que a neurose parental seja colocada em primeiro plano, para Lacan, nas causas da neurose individual.

Comenta o estudo de outros analistas a respeito da influência de uma insatisfação sexual da mãe que poderia gerar uma “ternura excessiva” ou uma “severidade muda” em relação à criança. Acrescenta que uma “anomalia correlata no pai” não poderia deixar de ser levada em conta para um bom entendimento de tais casos. Na verdade, “desequilíbrios libidinais” no círculo familiar afetariam e teriam seus efeitos sobre a criança. “Pensamos que o destino psicológico da criança depende, antes de mais nada, da relação que mostram entre si as imagens parentais” (Ibid., p.87).

Lacan nos fala aqui de certo entendimento que deve haver entre o casal no tocante ao desejo. Lembremo-nos do duplo papel do pai: proibidor e gozador. Este último papel parece ser mesmo o mais difícil, visto que desejar a mulher ou ser por ela desejado são aspectos que estão fora do controle do sujeito. Além disso, esse aspecto é delicado em si mesmo. Se o pai real deve agir como “doador” em relação à mãe, deve dar aquilo que não

tem. “Amar é dar o que não se tem”. E se o pai mostrar-se muito apaixonado pela mulher, ao invés de fálico, ele poderá parecer faltoso. É difícil encontrar aí uma medida exata. Provavelmente, é neste aspecto que se encontram mais freqüentemente “falhas” na função do pai. Até porque é em consequência disto que vem o segundo papel do pai: o de proibir a mãe porque ele a quer, porque ela, como objeto, pertence a ele.

Uma possível falha no desejo entre o casal pode afetar o consenso em relação à lei que deve ser transmitida ao filho. Se a mãe autoriza a palavra do pai e submete-se à sua lei, deveria ser, dentre outras coisas, pelo fato de ele deter seu objeto de desejo. Além disso, a lei da proibição do incesto é bem anterior a ele. Os pais devem fazer-se veiculadores desta lei, já que não são seus autores. Cada um tem seu modo peculiar de lidar com a castração. Mas, na veiculação da lei dentro de cada família em particular, é necessário atentar para “[...] a relação de cada um desses pais com essa frase começada [da lei], e a maneira como convém que a frase seja sustentada por uma certa posição recíproca dos pais em relação a ela” (LACAN, 1999, p.192). Ou seja, deve haver um consenso na transmissão da lei para o filho. Outra tarefa difícil...

São por estes motivos que o desempenho da função paterna está sempre além da capacidade de um homem. E esta função nunca é operada de forma perfeita. Na neurose, os retornos do recalcado vêm dar testemunho de certa falha desta função.

Lacan ainda acrescenta que, na contemporaneidade, ocorre um declínio cada vez maior da imago social do pai. A “grande neurose contemporânea” teria “[...] sua determinação principal na personalidade do pai, sempre de algum modo carente, ausente, humilhada [...]” (LACAN, 2003, p.67). Se o pai é o responsável pela formação do supereu, que restringe os desejos sexuais e agressivos, o Ideal do eu que favorece as sublimações, tentando conciliar libido e cultura; participa ativamente na definição da identidade sexual... Uma falha no papel do pai comprometeria todas estas funções.

Vale lembrarmos que este “declínio da imago social do pai” só teria realmente efeitos no sujeito se repercutisse nas relações familiares, e, para sermos mais precisos, no Édipo. Já que para Lacan, o que importa não é a posição do pai a família, nesta ele pode ser o que quiser: desempregado, meigo ou malvado. A questão não é essa. O que importa é saber o que ele é no Édipo, já que é aí que ele tem sua intervenção estruturante para o sujeito. E neste já afirmou ser o pai, em sua forma mais operatória, um significante. “E não sendo neste nível que vocês procuram as carências paternas, não irão encontrá-las em

nenhum outro lugar” (LACAN, 1999, p.180). Daí, a dependência do discurso da mãe. Chemama (1995), falando sobre a importância de o interdito estar relacionado ao desejo sobre a esposa e sobre a tarefa do pai de ter de dar provas de possuir o falo, comenta: “Se o pai da realidade pode ser chamado de carente, é porque não assume, nesse sentido, a função de pai real” (p. 159). Mas, afinal, o que seria “carência paterna?” Vejamos o caso de Hans, segundo o comentário de Lacan.

2.2. O pai de Hans.

No seminário *A relação de objeto* (1995), Lacan faz uma detalhada releitura do caso clínico de Hans, percebendo a forma como atua o pai do garoto dentro da triangulação edipiana com o intuito de compreender a significação e a necessidade da castração, além de perceber as possíveis implicações da forma de atuação deste pai e a manifestação da fobia na criança.

A castração está sempre relacionada, na história do sujeito, à intervenção do pai real. Quando esta não se dá da forma esperada, a castração pode ficar marcada por uma atipia. “Essa atipia, quando ocorre, exige então a substituição do pai real por alguma outra coisa, o que é profundamente neurotizante para o sujeito” (Ibid., p 226). Para que tenha seus efeitos normatizantes, a castração não pode ocorrer apenas sob uma racionalização, ela precisa operar em vários níveis e circuitos – real, simbólico e imaginário – para que as simbolizações necessárias possam ocorrer. Esta é a “via labiríntica” que Hans percorre e que Lacan tenta acompanhar em sua análise.

O caso de Hans é “um labirinto”, devido à profusão de suas elocubrações e produções imaginárias. Estas são incitadas pelas intervenções do pai, que, mesmo às vezes “inadequadas”, não deixam de fazer com que o garoto fale. Na sucessão de fantasias de Hans, vê-se um mito em desenvolvimento, um discurso que visa solucionar o problema de buscar uma nova posição em sua existência. Veremos como ocorreu em Hans o deslizamento do falo do imaginário para o real e, posteriormente, para o simbólico. Cabe, portanto, acompanhar a evolução destas construções míticas, as fantasias de Hans, a fim de compreender o que elas vêm revelar, lembrando que “[...] a verdade tem sempre uma estrutura de ficção” (Ibid., p. 259).

Se Freud é discreto em apontar uma possível falha na atuação deste pai, o que Lacan denomina “caráter escrupuloso do relato” freudiano (LACAN, 1995, p.228); ele, ao contrário, é bem claro e taxativo, afirmando que, no caso do pequeno Hans, “não existe pai real” (Ibid., p.216). Este, diante da função que deveria cumprir comparecia aí, como “um pobre coitado”. Embora Lacan reveja este caso clínico e o atribua novas interpretações, não tenta fechar questões abertas por Freud, pois como ele mesmo falou, isso seria uma “psicogênese delirante”.

2.2.1. “O paraíso do engodo”.

No início do caso, Lacan observa um pequeno Hans entregue a um excesso de intimidades com a mãe, vivenciando “uma rivalidade quase fraterna com o pai” (Ibid., p.211). Este, embora reconhecesse na carta a Freud uma relação da fobia do garoto com um excesso de tensão deste com a mãe, demonstra nestas situações “uma tolerância bem particular” (Ibid., p.227). Este homem é o que Lacan chama de o melhor que poderia haver enquanto pai da realidade: gentil, carinhoso, educado. No entanto, Hans não é frustrado de nada, está longe de temer deste pai algo da ordem da castração. Em relação às liberdades usufruídas pelo menino na relação com a mãe, o pai até faz algumas “observações respeitosa e sugeridas” (Ibid., p. 228), as quais não são atendidas, nem levadas em consideração pela mãe. Esta desautoriza o “não” que o pai timidamente tenta colocar. Lacan vê este pai “sem controle da situação” (Ibid., p.228), diga o que disser, as coisas continuam a ocorrer da mesma maneira.

É necessário observar o que esta criança representa para a mãe, como esta elaborou sua inveja do pênis e em que lugar de sua economia desejante coloca esta criança. Nesta relação imaginária de tapeação do desejo materno, a criança coloca-se como aquela capaz de satisfazer o desejo da mãe, para que consiga ser amada e desejada pela mãe. Esta parece entrar neste jogo, excluindo a participação do pai, deixando o menino deitar quantas vezes queira no leito conjugal e acompanhá-la até mesmo em suas atividades excretórias no banheiro.

Hans vive como uma espécie de extensão da mãe. Ela o carrega para todos os lados, parece ser “um apêndice indispensável” (Ibid., p. 249) em um jogo imaginário de tapeação mútua. Na observação de Lacan, a criança não é para esta mãe, “falófora”, ou seja, portadora do falo; ela é o falo em sua totalidade, em seu corpo inteiro.

O pequeno Hans só fala de falo. O “faz pipi” é uma tentativa de trazer o falo imaginário para o plano real. Este “[...] é realmente o objeto pivô, o objeto central, da organização de seu mundo” (LACAN, 1995, p.231). Na relação imaginária com a mãe, ele insiste em vê-la como portadora de falo, mesmo que por debaixo da camisola que cumpre a função de véu. Reconhecê-la como castrada seria ainda mais perigoso. É difícil para o menino reconhecer uma falta na mãe à medida que não há ninguém que venha em seu socorro, auxiliá-lo a lidar com isto.

Assim, o garoto continua no jogo de tapeação, joga-se com um objeto que está ali e, ao mesmo tempo, não está, o falo imaginário está sempre em uma dialética de velamento e desvelamento, ele “pisca”. É necessário manter o engodo na tentativa de satisfazer a mãe, “[...] jogo em que se é o que não se é, no qual se é para a mãe tudo que a mãe quer” (Ibid., p.232).

Tudo poderia continuar como estava, se não fosse o advento de um elemento novo que passa a perturbar o pequeno garoto: o início das ereções. A pulsão faz com que o pênis dê mostras de sua excitação, e a criança começa a se masturbar. O pênis tornou-se real, e para ele Hans desloca sua atenção, tenta exibi-lo para a mãe que não atribui importância a este novo elemento, nem mesmo quer tocá-lo, “seria porcaria” nas palavras dela.

Esta nova situação abre um problema para o pequeno Hans. Isto que agora Hans tem de real para oferecer revela a hiância entre o que o Outro espera dele e o que ele realmente tem para oferecer. Sente-se rejeitado no plano imaginário, não mais capaz de satisfazer a esta mãe. O surgimento do pênis enquanto objeto real de satisfação abre espaço para uma angústia proveniente da avaliação que o próprio garoto faz acerca da diferença que existe entre aquilo pelo qual ele é amado e o que ele pode dar.

Mas, a partir do momento em que intervém sua pulsão real, seu pênis real, aparece este descolamento [...] Ela [a criança] é aprisionada em sua própria armadilha, vítima de seu próprio jogo, presa de todas as discordâncias, confrontada com a hiância imensa entre satisfazer uma imagem e ter algo de real para apresentar [...] (LACAN, 1995, p. 232).

A criança não sabe o que fazer com esta pulsão, não consegue significá-la, nem controlá-la, vê-se desprotegida diante do olhar do Outro, das significações que lhe são

atribuídas pelo Outro. Perde ainda mais o domínio da situação, ficando mais vulnerável diante deste Outro. E, sabendo que não o satisfaz mais, sente-se insuficiente, “miserável”. A mãe torna-se, aí, mais perigosa para este menino, uma vez que não está saciada, seu ser está em perigo, pode ser devorado, aniquilado. A criança vê-se no desamparo de não mais bastar.

A saída para esta situação seria a intervenção sancionadora da castração. A intervenção do pai introduziria, aí, a ordem simbólica, a entrada de um terceiro portador da lei, interditando essa relação, colocando os limites necessários. Proibindo o filho de usufruir de seu pênis com a mãe agora, para que possa apropriar-se dele mais tarde e, assim, assumir sua posição viril. Seria o momento de o pai real fazer sua aparição, portador de um pênis que possa satisfazer a mãe, tirando a criança deste domínio na hora certa.

Mas nada disso ocorre com Hans que continua preso no encontro entre a pulsão real e o jogo imaginário do engodo fálico. Se o pai deveria comparecer aqui e não o faz, é necessário um outro meio de safar-se desta situação. E o menino adentra pelo terreno da fobia.

2.2.2. A fobia.

A angústia começa a comparecer em sonhos do garoto nos quais teme que sua mãe vá embora. Inicialmente, a angústia se relaciona ao tema da separação; depois é que ela se liga ao complexo dos cavalos (carroça, carga, barulho, cavalo, cair, morder...). A partir daí, surge a fobia propriamente, em que significantes vão se agrupar e se reagrupar em torno da questão do cavalo que será o elemento polarizador o qual possibilitará elaborações, mas que não deixa de ser patológico.

Lacan confirma o que Freud nos diz quanto à fobia ser uma defesa, uma construção frente à angústia. Na fobia, comparece o medo que é ligado a um objeto específico, no caso de Hans, o cavalo. Mas Lacan questiona o caráter representativo da fobia no sentido de que, mesmo no objeto da fobia, pontos de imprecisão de sentido se conservam, revelando, assim, a permanência de algo da ordem da angústia.

Os objetos significantes, que irão compor a fobia, podem a todo momento mudar de sentido e significação. Ele faz o trocadilho de que são “insignificantes”, embora esta seja uma característica própria do significante: a de poder comportar, ao mesmo tempo ou

sucessivamente, mais de um significado. Sendo assim, o cavalo será um elemento chave, objeto de diversas transferências necessárias à elaboração psíquica do garoto acerca dos temas que lhe incomodam, naquele momento, e que giram em torno do tema central da castração.

Como Lacan ressalta muito bem, o jogo significante tem suas leis próprias. Na fobia, um cenário se ordena, organiza-se e captura o sujeito mais do que ele o desenvolve. Sendo assim, o cavalo por ser um elemento feito para ser atrelado, para puxar, vem cumprir para Hans função de mediação entre o mundo e os elementos reais e imaginários que ele precisa simbolizar e rearticular. É o que Lacan chama de “operação de feiticeira”, em que os significantes reconstituem e remanejam os significados, possibilitando uma reformulação do real. Portanto, a função do cavalo é justamente a de ser um significante obscuro, “relha cuja função é tornar a fundir, de maneira nova, o real” (LACAN, 1995, p. 314). O significante ‘cavalo’ será suporte para toda uma série de transferências e o remanejamento do significado através de várias permutações.

2.2.2.1 A necessidade da fobia.

O engodo imaginário com a mãe não pode mais ser mantido, visto ser gerador de angústia. Esta surge nos momentos em que o sujeito se vê reduzido à condição de objeto, no risco de desaparecer como sujeito. Lacan retoma Freud afirmando:

Este [Freud] sublinha [...] que convém separar corretamente a angústia da fobia. Se existem aí duas coisas que se sucedem, não é sem razão: uma vem em socorro da outra, o objeto fóbico vem preencher sua função sobre o fundo de angústia (1995, p.210).

A fobia surge, então, diante da falta de um elemento que cumpra a função de pai, de barra ao excesso de gozo experimentado na relação com a mãe, e traga uma nova dimensão na relação do menino com aquela. É no lugar dessa falta que o significante fóbico fará sua presença. Os objetos da fobia “têm, com efeito, uma função bem especial, que é suprir o significante do pai simbólico” (Ibid., p.234). Este instrumento de mediação metafórica, o cavalo, é preciso introduzi-lo à medida que não há nada que cumpra esta função. “[...] o

objeto fóbico vem desempenhar o papel que, em razão de alguma carência real no caso do pequeno Hans, não é preenchido pelo pai” (LACAN, 1995, p.411).

No surgimento da fobia, está em jogo a necessidade de reformular o primeiro sistema simbólico que estrutura sua relação com a mãe. A fobia passa a ser uma espécie de “arranjo” em que os significantes que estruturam o real podem ser remanejados. É aí que Lacan fala da fobia enquanto uma espécie de construção mítica. “[...] um mito é sempre uma tentativa de articular a solução de um problema” (Ibid., p.300). Guardando uma estrutura de ficção, o mito tenta encontrar a solução para algumas questões do sujeito. No caso de Hans, rearticular uma nova posição existencial frente à mãe e ao mundo. O garoto utiliza, para isso, ‘mitos forjados’, que seriam não só a fobia, mas todo o conjunto de fantasias que o garoto elabora no curso de sua análise.

Pelo fato de este pai não suportar sua função no Édipo, o menino cai em dificuldade. “[...] a angústia em torno do lugar vazio, furado, representado pelo pai na configuração do pequeno Hans, busca seu suporte na fobia, na angústia diante da figura do cavalo” (Ibid., p.355). Há, portanto, *duas ordens de angústia*: uma em relação ao lugar vazio deixado pelo pai e outra em relação à figura do cavalo, objeto substituto para esta ausência.

A fobia se forma, neste caso, a partir da intolerável privação da mãe que torna a relação da criança com ela muito mais perigosa e ameaçadora. O perigo aumenta diante desta mãe insaciada. É aí que seria necessário um pai, “É a esta privação que o pai deve trazer alguma coisa” (Ibid., p.329). Na falta desta presença, Hans fabrica sua prótese, uma suplência a esta função sem agente. Sua relação com a mãe, assim como sua primeira organização simbólica do mundo, precisam ser reestruturadas. “[...] a partir da emergência da fobia, o mundo lhe aparece pontuado por toda uma série de pontos perigosos, pontos de alarme que o reestruturam” (Ibid., p.252). Desta forma, a fobia vem introduzir, no universo da criança, uma série de limites e uma nova estruturação do mundo e de suas relações.

Este pai real não joga o jogo necessário, não cumpre seu papel de pai real portador do pênis, não assume sua função de castrador. “Trata-se de que o pequeno Hans encontre uma *suplência para este pai* que não quer castrá-lo” (Ibid, p. 375- grifo nosso).

2.2.2.2. O medo e a angústia em Hans.

Uma vez o medo ligando-se ao complexo dos cavalos e com ele persistindo pontos obscuros de angústia, onde nem tudo terá representação, Lacan isola alguns significantes em torno dos quais giram com mais intensidade o medo do garoto. Estes são: algo que carrega e descarrega, o movimento, a aceleração e o abalo que isto pode produzir; o morder, o cair, o barulho, dentre outros. Diz ainda que, quando as relações da criança com sua mãe estão carregadas de intimidade e “na conveniência do jogo imaginário, sobrevém, de súbito, uma descompensação [...] que se manifesta por uma angústia [...] ela está ligada a diversos elementos de real que vêm complicar a situação” (LACAN, 1995, p.264). Estes elementos de real seriam a presença da irmã, a ausência do pai e o surgimento da pulsão real a nível do pênis.

Para dizer tudo, o problema do desenvolvimento de Hans está na ausência do pênis do maior, isto é, do pai. E é na medida em que Hans deve se defrontar com seu complexo de Édipo numa situação que necessita uma simbolização particularmente difícil (a turgescência do pênis) que a fobia se produz (LACAN, 1995, p. 307).

Na fantasia da carroça, Lacan aponta que o medo o menino não era o de não conseguir voltar, mas o de não poder sair desta carroça, ou seja, desta mãe, “ser levado com ela sabe Deus pra onde” (Ibid., p.336). Vê-se, aí, a ambigüidade entre que é desejado e temido ao mesmo tempo. Ir ou não ir com a mãe, eis a questão para Hans. Insistir em manter-se como objeto de satisfação desta mulher, suportando os perigos daí advindos ou pular fora e preservar sua integridade e individualidade? Este drama não seria necessário se houvesse um terceiro que aparecesse para satisfazê-la. “[...] o pai é aquele que possui a mãe, que a possui como pai, com seu verdadeiro pênis, que é um pênis suficiente [...]” (Ibid., p.373), mas este não aparece, e Hans tem de se virar sozinho, inventar mitos, fantasias, elaborar por conta própria este impasse.

Nos primeiros sonhos de Hans de que a mãe ia embora, esta ambigüidade já se revelava à medida que o medo da separação não deixa de ser revelador de certo desejo. No dia seguinte a este sonho, Hans fala ao pai: “se você fosse embora...” O mesmo sentimento de desejar e temer a presença do pai aí se revela. Uma vez a mãe havia dito que ia embora

de casa, e é disto que o menino tem medo, de ser levado junto com a mãe. Hans não tem segurança da solidez do lar de seus pais, “é em torno deste ponto que se faz a angústia de ser levado junto com a barraca materna [...]” (LACAN, 1995, p. 337). Aí, entenda-se não só a solidez do casamento enquanto instituição, mas, principalmente, do *desejo entre o casal* parental.

O cavalo que morde é, ao mesmo tempo, esta mãe que pode mordê-lo, insaciada, e a castração, ao mesmo tempo desejada e temida. “A mãe, ao mesmo tempo insaciada e privada de modo insustentável, também pode mordê-lo. Este perigo se tornou cada vez mais ameaçador [...]” (Ibid., p.337). Quando o cavalo morde, é Hans quem se dá mal. Quando o cavalo cai, é a mãe quem se dá mal. Para tentar atingir o objeto imaginário do desejo da mãe, Hans tem dois complicadores reais: Hanna e seu pênis real que não recebe boa acolhida por parte da mãe. A “mãe” poderá mordê-lo porque ele não a satisfaz. “A mordida, a captação pela mãe é tão desejada quanto temida” (Ibid., p. 368). O elemento cair pode referir-se ao próprio Hans que cai e é deixado para trás por conta da irmã, surge o medo desta queda. Existe em Hans uma angústia ligada à sensação de não preencher mais nenhuma função para a mãe, ser posto fora do jogo. Agora que seu pênis real se configura como insuficiente frente a esta mãe e à medida que ela tem agora um novo objeto: Hanna. Mas ainda em relação ao cair, também existe o desejo à medida que o objeto que cai pode ser a mãe ou a irmã.

O reconhecimento da privação da mãe é fundamental para a assunção de uma identidade sexual e demarcação de um objeto. No entanto, é difícil para Hans poder reconhecê-la à medida que está sozinho diante disso. Lacan fala da incapacidade deste pai em mostrar que a mãe não é possuidora de falo. Daí a dificuldade de o menino conseguir aceitar a inexistência do falo da mãe. Mesmo após um esclarecimento do pai quanto à questão da diferença sexual, esclarecimento feito a pedido de Freud, o menino reage, dizendo que viu o “faz pipi” da mãe por baixo da camisola, ou seja, por de trás do véu que tem por função primordial ocultar e revelar ao mesmo tempo, demonstrando que o falo ainda estava na dinâmica imaginária.

Sentindo-se rejeitado no campo imaginário, o falo real aparece como elemento de difícil integração e que precisa de simbolização. Quanto à emergência de seu pênis real, novo objeto de satisfação que precisa ser simbolizado e integrado, como Hans irá suportar este pênis real que não é de forma nenhuma ameaçado? “Aí está o fundamento da angústia

[...] carência do lado do castrador” (LACAN, 1995, p. 375). De que forma poderá o menino integrar este novo elemento que não pela via normal da castração que seria a ameaça sobre este, a renúncia temporária para uma posterior posse do mesmo e assunção de sua virilidade? É por isso que Lacan fala que Hans não passou pela via da castração, mas por uma outra via. Esta outra via seria a própria fobia com todos os seus arranjos e substituições significantes. “[...] o pai não estava de modo algum advertido que o complexo de castração é a cavilha por onde passam a instauração e a resolução da constelação subjetiva, a fase ascendente e descendente do Édipo” (Ibid., p.263).

2.2.3. O curso das fantasias.

Para sair da dialética imaginária com a mãe e entrar em certo jogo de castração com o pai, já vimos que o garoto lança mão de diversas fantasias. Este pai até falou, como Freud recomendou, que nem todos os seres possuíam um ‘faz pipi’, mas a castração precisa muito mais do que um mero esclarecimento acerca da diferença sexual. Apenas pela via explicativa, ela não faz efeito suficiente, o que leva Hans a percorrer um longo e intrincado trajeto de construções fantasísticas que comparecem na tentativa de dar conta de uma elaboração suficiente a respeito da castração. Lacan propõe que se siga o curso das fantasias de Hans como um mito em desenvolvimento, um discurso que visa solucionar o problema de sua posição na existência.

Se esta análise é privilegiada, é porque nela vemos produzir-se abertamente a transição que faz passar a criança da dialética imaginária com a mãe do jogo intersubjetivo imaginário em torno do falo para o jogo da castração na relação com o pai. A passagem se faz por uma série de transições que são precisamente o que chamo os mitos forjados pelo pequeno Hans. (LACAN, 1995, p.279).

No início, com a fantasia das girafas que vem logo depois do esclarecimento acerca da diferença sexual, Lacan interpreta que a girafa pequena representa o próprio Hans enquanto metonímia do desejo fálico da mãe, ainda com um caráter de duplo, pouca diferenciação a não ser pelo aspecto grande-pequeno. Esta fantasia ilustra a passagem do imaginário para o terreno do simbólico à medida que o menino representa como era a girafa pequena amassando um pedaço de papel e jogando-o fora, como quem tenta

desfazer-se do que aquilo representava. Além disso, a girafa desenhada em um papel é um significante que já havia comparecido em um diálogo com seu pai, quando o menino pediu para desenhar o faz pipi da girafa. “Este desenho já estava no caminho do símbolo” (LACAN, 1995, p.270). O aparecimento desta fantasia em consequência da narração sobre a diferença sexual demonstra Hans desejoso de sair desse lugar de metonímia do desejo fálico da mãe.

Esta fantasia, para Lacan, reivindica outra tradução, além daquela dada pelo pai: a de que as duas girafas representavam o casal mãe-pai e o desejo de Hans era retomar a posse dessa mãe, mesmo sob toda a cólera do pai. Lacan se pergunta como isso seria possível se nada na realidade apontava para tal cólera. “Infelizmente o pai nunca estava lá para fazer o papel do Deus Trovão” (Ibid., p. 296).

Lacan observa uma evolução nas fantasias de Hans no sentido da introdução do tema do movimento, saindo da situação amovível com a mãe. A carroça, que representava a mãe e que o levava, foi substituída pela banheira que pode ser desmontada. Na fantasia da banheira, existe a chegada de um terceiro que vem e a desmonta e, em seguida, perfura a barriga de Hans com uma grande furadeira. Lacan não invalida a interpretação do pai de Hans de que o menino estava com a mãe até o pai chegar e expulsá-lo com seu grande pênis, mas a considera insuficiente. Lacan ainda atribui a esta fantasia um caráter de apelo para que o pai cumpra seu papel enquanto homem possuidor da mãe, como quem diz “enfie isso nela!”. Assim, o menino estaria tentando “provocar a entrada em função desse pai com relação à mãe” (Ibid., p.371). Neste aspecto, Hans estaria identificado à posição materna, e Lacan vê aí algo mais que isso, a saber: o menino assume para si o furo da mãe, em um Édipo invertido, fase comum de um Édipo normal.

Seria uma fantasia de castração à medida que, para que haja a desmontagem dessa mãe, é necessário que Hans pague um preço por isso. A mãe precisa ser demolida, e o personagem do perfurador que representa o pai desejado é fundamental. Introduz-se, aí, o tema da mobilidade na sufocante realidade vivida por Hans com sua mãe. Isto permite o início de uma reestruturação no universo do garoto. O personagem, que desparafusa seu traseiro, introduz o tema das substituições e das trocas simbólicas. Fica evidente que as figuras do desparafusador e do bombeiro substituem o pai que se recusa a castrar.

Em sua interpretação da sucessão dessas fantasias, Lacan ainda chama atenção para alguns significantes que aí comparecem. Primeiro, o garoto fala que seu ‘faz pipi’

estaria enraizado, garantindo-se assim de não perdê-lo e, depois, aparece o tema do perfuramento. “Se o pênis não está enraizado [...], é preciso uma mediação (com o furo, o perfurado) que permita colocá-lo, retirá-lo e tornar a colocá-lo” (LACAN, 1995, p. 272).

Encontramos, neste ponto, um jogo de utilização de instrumentos lógicos – banheira, desinstalador, parafuso, bombeiro – que permitem ao garoto manejar esses significantes em um “jogo giratório” em que uns se completam aos outros e formam uma espécie de círculo no qual trocam de lugar e função, e através do qual, o pequeno Hans procura a solução para o problema de sua existência. É nessa estrutura fictícia que o falo entra no jogo simbólico das trocas. E Lacan ressalta que o progresso do imaginário ao simbólico constitui uma organização do imaginário em mito.

Talvez nem todos os complexos de Édipo precisem passar por uma tal construção mítica, mas é certo que eles necessitam realizar a mesma plenitude na transposição simbólica. Isso pode ser sob uma outra forma mais eficaz, pode ser em ação. A presença do pai pode, com efeito, ter simbolizado a situação, por seu ser ou ser não ser. (LACAN, 1995, p.273)

Lacan observa que os elementos dos quais o garoto se utiliza para elaborar seu mito individual formam uma tríade, na qual reside uma lógica que permite solucionar seu problema. Primeiro, um pênis “enraizado” que revela o caráter amovível do início. E, se ele precisa comparecer desta forma, é porque *paira sobre ele um perigo igualmente amovível*. Na inclusão do termo “perfurado” – na barriga pela broca, perfurando sua boneca – coloca-se em jogo um outro vértice de um triângulo, em que existe um furo, uma ausência, ou seja, o oposto do anterior. Finalmente, para compor o terceiro vértice deste triângulo, o menino se vale de um elemento retirado de suas experiências de criança que servirá como instrumento lógico para mediar uma relação entre o furo, a ausência e a negação desta falta pelo “enraizado”. Este terceiro elemento mediador será o ‘parafuso’ que pode ser colocado e retirado e depois colocado novamente. Isso “[...] vai trazer a verdadeira resolução do problema, através da noção de que o falo é também algo tomado no jogo simbólico, que pode ser combinado, que é fixo quando se o instala, mas que é mobilizável, que circula, que é um elemento de mediação” (Ibid., p. 272).

Outro elemento interessante a se observar é o desejo de Hans na fantasia de passar da carroça para a plataforma, a passagem de um circuito para outro. Lacan se pergunta o porquê da necessidade de o garoto passar para um círculo mais vasto e entende como sendo o desejo de passar de um circuito menor - materno, dos cavalos - para um outro maior - paterno, ferroviário. A fantasia de ele e o pai pisarem juntos na grama, Lacan interpreta como sendo a expressão do desejo de passar ao regime paterno, de fazerem alguma coisa juntos. Poderíamos pensar se não poderia ser a ‘velha’ cumplicidade ‘quase fraterna’ no exercício de certas transgressões...

No entanto, começa a ficar cada vez mais visível no menino, um movimento de buscar uma proximidade deste pai, que se observa também na seqüência de fantasias acerca do trem que parte. Primeiramente, a plataforma se afasta, e o menino fica sozinho com a mãe. Em seguida, o trem parte, e ele e o pai não conseguem se arrumar a tempo. Por fim, ele parte com a avó, volta e depois parte com o pai. Esta seqüência, Lacan entende como sendo, primeiro, a representação do menino só com a mãe. Depois, representa-se o menino só com o pai e, em seguida, representa-se o garoto partindo com a mãe, mas voltando para partir com o pai : “[...] um belo dia, sonha-se, pelo menos com tornar a partir no caminho certo com o pai” (LACAN, 1995, p. 322).

2.2.4. A cura “satisfatória” da fobia.

Lacan fala de uma cura “satisfatória” a partir do momento em que o garoto constrói uma “história articulada” na fantasia do bombeiro e esta expressa a própria castração. Daí, conclui que a cura da fobia está relacionada a uma seqüência de orgia imaginária – a intensa elaboração fantasística do menino – a intervenção do pai real respaldado pelo pai simbólico que é Freud e, por fim, a castração simbólica. “A revelação da castração dá fim à fobia e, mostra igualmente, não direi sua finalidade, mas aquilo que ela vem suprir” (Ibid., p.236).

A fobia faz parte de um longo processo ao final do qual, a criança admite a existência de seres privados do falo imaginário. Este reconhecimento se fez necessário para Hans em um determinado momento de sua relação com a mãe e com a ausência do pai, como já foi visto. Uma sucessão de construções imaginárias possibilitaram o exercício da troca simbólica e, conseqüentemente, uma reestruturação do seu real. O garoto realiza “[...] a passagem de uma apreensão fálica da relação com a mãe a uma apreensão castrada de

relações com o conjunto do casal parental” (LACAN, 1995, p.290). Quando isto ocorre, a primeira estruturação simbólica de sua realidade que era a sua fobia se torna desnecessária.

O final deste caso seria aparentemente feliz se não fosse, na releitura lacaniana, ao final de sua análise, certo deslizamento do autor para uma outra opinião: de que a castração não tenha operado tão bem ou, pelo menos, que ocorreu de forma atípica. É ao final de sua análise que ele fala que Hans passou por uma outra via que não a da castração e aborda todas as conseqüências possíveis desta outra forma de passagem. Afirma que o menino continuou identificado ao falo materno. Este, agora ele o domina, identifica-se com ele e assume seu lugar, retornando ao que Lacan chama de “o pequeno Hans de outrora”, identificado com o desejo da mãe, porém agora de outra maneira. Neste momento, o que está investido falicamente é todo seu corpo, algo como um objeto fetiche.

Num caso como este, onde o sujeito é introduzido numa relação edipiana atípica, o ideal materno é, muito precisamente, aquilo que induz um certo tipo de situação e de solução na relação do sujeito ao sexo. A saída se dá pela identificação ao ideal materno (LACAN, 1995, p.432).

Antes ele havia afirmado “[...] esta série de criações míticas que, por uma série de transformações, vai integrar pouco a pouco, no sistema de Hans, o elemento novo [o pênis] que necessita ir além da intersubjetividade do engodo [...] Esse elemento novo e incômodo, que chegou há algum tempo, é como sabem, seu próprio pênis, seu pênis real [...]” (Ibid., p.287). Ao longo de sua análise, observa que o que deveria ter ocorrido, não ocorreu, ou, pelo menos, não ocorreu se forma satisfatória.

Em relação à fantasia final do bombeiro, é interessante atentarmos para o fato de que Freud (1909a) afirma que a interpretação do pai como a “[...] única que ela [a fantasia] poderia admitir” (p.105). O pai teria complementado a fala do filho, ao dizer que o bombeiro lhe dera um traseiro e um pipi maior. Lacan entende que, depois de tantas transformações e elaborações significantes, uma das fantasias finais do menino ainda é a de que vão trocar-lhe o traseiro, ou seja, o garoto não se interessa por seu sexo, mas por sua relação com a mãe. Para Lacan, o desfecho da história ficaria em suspense se não fosse a intervenção precipitada do pai. Este final, falado pelo pai e não por Hans, deixa-nos sem saber como realmente as coisas ficaram para o menino. Afinal, essa fala não foi sua.

Lembremos este episódio tal como comparece no texto freudiano. O garoto disse: “o bombeiro veio, e primeiro ele tirou o meu traseiro com um par de pinças e me deu outro, e depois fez o mesmo com o meu pipi”. Ele disse: ‘Deixe-me ver seu traseiro!’. Tive que dar uma volta, e ele o levou; depois disse: ‘Deixe-me ver seu pipi!’”(FREUD, 1909a, 105). O garoto confirmou a interpretação do pai, complementando que gostaria de ser como ele.

A fantasia pode então ser entendida como um sinal da entrada do falo no terreno das trocas? Neste momento, Lacan não parece muito otimista em relação a isto. Afirma que no caso de Hans “Não há nenhuma fase de simbolização do pênis” (1995, p.432). Considera que este ficou à margem, “desengrenado”, não integrado à sua masculinidade. Questiona-se sobre a resolução do Édipo no pequeno Hans.

O complexo de Édipo no pequeno Hans talvez não chegue a uma solução completamente satisfatória. Ela basta, simplesmente, para libertá-lo da intervenção do elemento fóbico, torna desnecessário a conjunção do imaginário com a angústia que se chama fobia, e desemboca na redução desta última (LACAN, 1995, p. 283).

É por isso que considera que houve uma elaboração do pênis real *satisfatória* apenas para que o garoto possa prosseguir sua vida sem muita angústia. Satisfatória, porém não o suficiente para que ele assuma de fato sua posição viril. A forma como Hans poderá assumir seu sexo é, para Lacan, “marcada por uma deficiência” (Ibid, p.419). Em diversos momentos, o autor questiona como terá ficado a identidade sexual de Hans.

Se antes ele afirmou que a castração se operou na fantasia do bombeiro, agora ele já reconsidera o efeito desta fantasia. “Nada indica que, afinal de contas, o pequeno Hans tenha completado o percurso significativo do complexo de castração” (Ibid., p. 285), pois, se o complexo de castração é alguma coisa, é no sentido de que o pênis é simbolicamente, retirado e devolvido pelo pai. Mas, em Hans, ele não o readquire, já que não o perdeu em nenhum momento, embora tenha convocado o pai diversas vezes a ocupar este lugar.

“No caso do pequeno Hans, o complexo de castração é incessantemente convocado pela criança, ela mesma sugere sua fórmula, afixa-lhe imagens, quase obriga o pai a fazê-lo submeter-se à sua prova [...]” (Ibid., p.419). Lacan considera

“impressionante” ver que, depois de tantas tentativas e esforços, o que comparece ao final é uma fantasia na qual lhe trocam o traseiro por um maior, ou seja, nada referente a seu sexo, mas à relação com a mãe.

Tomamos a liberdade de questionar ambas as conclusões, tanto a freudiana, que considerou o caso resolvido “com sucesso”, quanto a lacaniana, que diz não ter tido “nenhuma fase de simbolização do pênis” em Hans. Freud considerou o caso resolvido embora após a análise, na última carta do pai de Hans, este tenha afirmado que no filho “ainda persiste um traço de seu distúrbio” e que “um resíduo não resolvido permanece por trás, pois Hans ainda quebra a cabeça para descobrir o que um pai tem a ver com seu filho, já que é a mãe que o trás ao mundo” (FREUD, 1909a, 107).

O fato de a fala do garoto ter sido complementada pelo pai - “ele [o bombeiro] lhe deu um traseiro maior e um pipi maior” – é, para Lacan, o suficiente para desconsiderar o caráter de simbolização da castração que a fantasia poderia ter:

Essas pessoas [Freud e o pai de Hans] estão de tal modo apressadas em impor sua significação ao pequeno Hans que nem mesmo esperam que este tenha acabado de se expressar a propósito de desparafusar seu pequeno pênis, para dizer-lhe que a única explicação possível é que, naturalmente, trata-se de lhe dar um maior. O pequeno Hans não disse tudo isso, e não sabemos se o teria dito se o tivessem deixado falar. **Nada indica que o dissesse.** O pequeno Hans **só** falou da substituição de seu traseiro. Aí está, realmente, um caso em que se pode tocar na contratransferência. É o pai quem emite a idéia de que, se lhe trocam seu pênis, é para dar-lhe um maior. Eis um exemplo das **faltas** que são cometidas a todo instante. (LACAN, 1995, p. 306 – grifo nosso).

O que o garoto realmente falou é que o bombeiro lhe trocou o traseiro e, depois, fez o mesmo com seu pipi. Observamos que o garoto se refere à troca de seu pipi, e não ‘só de seu traseiro’ como falou Lacan. Por que ele omite a referência do menino à troca do pênis? Por que será, também que ele critica essas ‘faltas que são cometidas a todo instante’, se exatamente *faltou* que ele reconhecesse no texto freudiano apenas aquilo que lá estava escrito? Faltou Lacan reconhecer o dito de Hans sobre a troca do pipi. Sobre o

termo ‘maior’, ele que ‘nada indica que o disse’. No entanto, a interpretação do pai de Hans foi confirmada pelo garoto.

Freud, em *Construções em análise* (1937), fala-nos que algo articulado pelo analista pode ser confirmado a partir do curso das associações que se sucederem. A interpretação do pai pode ser compreendida como uma tentativa de acrescentar ao imaginário e à cadeia significativa de Hans a possibilidade de um dia o garoto poder usufruir de seu pênis, assim como o pai o faz. Desta forma, teria sido uma intervenção correta do pai e confirmada pela fala subsequente do garoto. No entanto, Lacan refere-se a esse dito do pai como uma ‘contratransferência’. Se entendermos o que ele nomeia de ‘contratransferência’ como algo que seja da ordem do desejo do pai que estava presente no momento, articulado à questão de Hans e influenciou a interpretação do pai, isso não deveria ser um problema, ao contrário. Sabemos, a partir do próprio Lacan, que a criança é mais influenciada pela carga afetiva e às intenções contidas na fala do adulto. Sendo assim, se este dito do pai foi proferido investido de um desejo, acreditamos que será ainda mais operante. Mas voltemos a seguir o curso do pensamento lacaniano.

Lacan questiona como tenha ficado a definição de uma identidade sexual no garoto e considera que Hans tenha se tornado um ‘heterossexual apassivado’ que se relacionará com mulheres em um estilo de relação notadamente narcísico. O futuro que vê esboçar-se para Hans é daqueles rapazes que esperam sempre que a iniciativa venha do outro lado. Ele integra sua masculinidade pela identificação ao falo materno, de uma forma atípica. Hans deseja crianças imaginárias que são nada mais do que o desejo materno com o qual ele se identificou. Assim, estas crianças, estruturadas à moda do falo materno, constituem a base para as futuras mulheres com quem Hans irá relacionar-se. Estas mulheres serão investidas falicamente tanto quanto ele, daí uma relação fortemente narcísica e onde sua virilidade estará freqüentemente sendo testada e posta a prova. “Ele terá, com certeza, todas as aparências de um heterossexual normal. Todavia, o caminho percorrido no Édipo para chegar até aí é um caminho atípico, ligado à carência do pai” (LACAN, 1995 p.396). E discorda de Freud, quando não considera normal (no sentido de normatizante) a fantasia final de Hans de casar-se com a mãe enquanto o seu pai casa com a própria mãe.

Lacan (1995) escreve que “Certamente, apesar dessa análise magistral de que Hans foi objeto, nem tudo se mostra ter sido plenamente encerrado, e a relação de objeto

por ela atingida não é inteiramente satisfatória” (p.284). O autor faz esta observação a partir do comentário do garoto, já com 19 anos, que só se reconhece na análise feita por Freud por conta do que é dito sobre sua irmãzinha. Para Lacan, isto revela que, para Hans, a irmã ainda é para ele uma ferida, mas também representa uma garota=falo, objeto de amor idealizado, e que marca o estilo que Hans imprimirá à sua vida amorosa.

Assim, identificado ao falo materno, o que Lacan observa ao final, que venha corresponder a uma fantasia de castração é aquela da pedra que alguém esbarra e se machuca, sangrando. Esta pedra, objeto imaginário, vem ferir toda investida masculina. É aí onde afirma que Hans não chega a formação de um supereu típico, segundo os mecanismos da *Verwerfung* – recalcamiento - ou seja, daquilo que é rejeitado no simbólico reaparecer no real. Entende que, o que não compareceu no simbólico para Hans, parece encontrar suplência no imaginário. Entra-se no mundo identificado ao falo materno, isto não é da ordem do supereu, mas do Ideal de eu.

Afirma que o pequeno Hans se inscreveu em uma linhagem matriarcal, valendo-se para isto de um terceiro personagem representado pela avó. Esta, entendida como uma espécie de desdobramento da mãe. O terceiro elemento que ele não encontrou no pai, a avó cumprirá a função. Hans se instala em uma posição paterna imaginária, em que ele tem filhos como a mãe. É, portanto, como ideal da mãe, substituto do falo, que o pequeno Hans se instala na existência. “Se houvesse havido um *Vatti* de quem realmente se pudesse ter medo, teríamos ficado nas regras do jogo, teríamos podido fazer um verdadeiro Édipo, um Édipo que ajuda a sair das saias da mãe” (LACAN, 1995, p. 354).

Quando o menino faz seu apelo ao pai real, “você tem que estar com raiva”, e este não é respondido, começa a simbolizar a ausência deste pai. “É este o ponto de encontro com o pai, ou melhor, com a posição paterna, com aquilo que representa de carência, naquele momento, a posição paterna” (Ibid., p.353). Neste momento, Hans começa a simbolizar esta ausência. Diversas fantasias são formadas a fim de criar substitutos para este pai. E, ao final, o garoto parece reconhecer que terá de seguir sem pai, como revela a fantasia de ir sozinho no vagonete.

A sucessão de fantasias vem marcar a cristalização de uma nova configuração significativa. Inicialmente, o menino está na banheira e é perfurado, apontado aí, para uma primeira intervenção paterna a nível imaginário. Em um segundo momento, Hans parte com o pai no trem. E, em um terceiro momento, Hans vai embora sozinho e nu no

vagonete, ou seja, aí não existe pai. Lacan entende que, desencorajado pela carência paterna, Hans fez sozinho e, fantasisticamente, seu ritual de iniciação. Ficou nu durante toda uma noite no vagonete, “como um jovem cavaleiro” e pagou ao condutor do trem. Pagou o preço e fez o grande circuito, aquele paterno.

O pequeno Hans não será nada além de um cavaleiro, um cavaleiro mais ou menos submetido ao regime das providências sociais, mas enfim, um cavaleiro - e não terá pai. E não creio que nada de novo na experiência da existência lhe dê um jamais (LACAN, 1995, p.430).

Lacan fala dessa sucessão de fantasias como uma tentativa do garoto de encontrar a função e presença do pai, mas termina deparando-se com a ausência neste lugar, e acaba por simbolizá-la. O autor utiliza o termo ‘cavaleiro’ para falar da nova posição de Hans na existência.

Propomos pensar um pouco sobre o uso deste significante, tentando compreender a metáfora lacaniana: cavaleiro é aquele que anda a cavalo, que sabe montar em cavalo, e, nos romances de cavalaria, os cavaleiros eram jovens corajosos, destemidos, enfrentavam perigos e viviam aventuras. Se pensarmos o significante ‘cavalo’ em sua relação com a fobia de Hans, podemos pensar que, de agora em diante, o menino dominará o cavalo sozinho, ele irá segurar as rédeas deste cavalo, conduzi-lo, dominá-lo e decidir o caminho a ser percorrido. Este significante, ao longo da análise de Hans, tomou diversos significados, dentre os quais aquele que mais se destacou foi o cavalo enquanto representante do pai castrador. Entendemos que agora Hans domina a castração, vive e segue seu caminho **com** ela.

Lacan ressalta que o garoto será um cavaleiro sem pai e que fez seu ritual de iniciação sozinho. Entendemos com isto que Lacan propõe pensar o pai de Hans como não tendo cumprido bem sua função, mesmo com o respaldo de Freud, ocupando o lugar de pai simbólico. O menino teria precisado, por si só, articular os elementos reais, simbólicos e imaginários, de modo a conseguir vivenciar através da fobia e de suas criações fantasísticas, algo da ordem da castração. Isto se confirma, quando Lacan (1995) afirma que o pai “não foi bem-sucedido em sua própria função” (p.431) e que este é quem deveria ter se submetido a uma análise.

O autor fala também de uma intervenção “um pouco atrasada” e “retardada” do pai. Quando resolve “corrigir seu erro”, admitindo ao filho que este sentiu raiva dele, “já é tarde demais” (LACAN, 1995, p.431). Aquilo que antes o pai tentou a todo custo negar, afirmando que o menino não tinha motivos para ter raiva dele, quando, na verdade, era o contrário que ele deveria fazer. Este pai dificultava a possibilidade do garoto colocá-lo na posição de castrador à medida que ele insistia em dizer que não havia ficado com raiva e que o menino não tinha motivos para temê-lo. Desta forma, o pai acabava por fazer exatamente o oposto do que Freud havia dito: o garoto, por amar tanto a mãe, teria medo do pai. Mas como Hans poderia ter medo deste pai, se o próprio pai não deixava?

Observamos, então, que, no começo de sua análise, Lacan falava como se a fobia enquanto mito, pudesse vir a suprir a função do pai real, ou seja, a de agente da castração. No entanto, no decorrer da análise vai ficando claro que da mesma forma que o curso seguido para isto foi atípico, os resultados também o foram. Por isso, Lacan falar que Hans não passou pela via da castração, mas por “uma outra via”, promovida principalmente pela fobia. Nesta, diversos elementos foram convocados a suprir ausências e possibilitar elaborações, mas a figura do pai real manteve-se bastante inoperante.

A castração mesmo só seria possível à medida que houvesse um pai real que se apresentasse como o detentor do pênis e, por isso, de um direito sobre a mãe. Aí o menino teria de renunciar temporariamente a seu próprio pênis, podendo usufruí-lo depois. Não há cavalo que possa substituir por completo esta função. Por isso, para Lacan, tudo o que é consequência da castração fica em Hans meio comprometido: uma integração do pênis não muito satisfatória, a virilidade, a formação do supereu, um Édipo que não se conclui totalmente ou de maneira típica, uma identificação ao falo materno, já que este é o que domina o cenário.

Lacan comenta que, quando o pai tenta, ao final, “corrigir o seu erro” já é tarde demais, a conversa já estaria superada e o pequeno Hans já havia se instalado em sua nova posição no mundo. A partir daí, Hans seria “um homenzinho capaz de ter crianças” (Ibid., p. 431), de modo que, assim, vive imaginariamente o papel da mãe com a qual teria se identificado. Entrando em uma linhagem materna, encontra a função do terceiro poderoso na figura da avó. Se o pai não cumpriu a função que lhe cabia, sua mãe é convidada a fazê-lo. Lacan refere-se ao menino como “filha de duas mães” (Ibid., p. 431) e acaba por deixá-lo “entregue à sua sorte” (Ibid., 432).

Acreditamos que o pai do garoto não passou incólume por todo o processo da análise do filho. Elementos de sua cadeia significante também se reorganizaram. Afinal, por que Lacan diria que ‘agora’ ele quer corrigir o erro? Seu desejo teria mudado agora? Pensamos que o desejo de ocupar a posição paterna já existia, daí ele engajar-se de tal forma na análise do filho. O pai não comparecia como interditor na relação mãe-filho, mas, quando Hans construiu uma montagem simbólica e imaginária – a fobia – para vivenciar a castração, o pai quis aí participar. Entendemos que, com a orientação de Freud, ele foi gradativamente ocupando sua posição, mesmo que de forma insuficiente, portanto, talvez não tenha sido tão ‘inoperante’ como fala Lacan.

2.3. O pai do Homem dos Ratos.

Lacan não dedica ao Homem dos Ratos um comentário tão extenso como faz em relação a Hans, no entanto, foi o primeiro dos casos clínicos de Freud que comentou em *O mito individual do neurótico* (1987). No seminário *As formações do inconsciente* (1999), dedica alguns capítulos à neurose obsessiva e fala de passagem neste caso clínico. “Deve-se ler o Homem dos Ratos como a Bíblia. Este caso é rico em tudo o que ainda há por dizer sobre a neurose obsessiva, é um tema de trabalho” (LACAN, 1999, p. 411-2).

2.3.1. A articulação mítica.

Em “O mito individual do neurótico” (1987), Lacan já aborda o tema da verdade do sujeito que comporta uma estrutura de ficção e que se articula em forma de mito, tema mais desenvolvido no seminário 4 como vimos. Mas se este foi um dos primeiros momentos em que articula esta questão, é interessante observar o porquê da escolha do caso clínico do Homem dos Ratos para ilustrar a discussão. Se Hans faz uma verdadeira “orgia imaginária”, o Homem dos Ratos, já adulto, produz uma série de pensamentos obsessivos que chegam a ser quase delirantes. Estes pensamentos revelam uma trama fantasística que fala sobre a verdade do sujeito, através de uma estrutura mítica. A combinação de elementos arcaicos com atuais gera uma trama simbólica e imaginária que Lacan denominou de ‘o mito individual do neurótico’, a tentativa particular de construir sua própria verdade.

O autor afirma que na experiência do neurótico, pode-se encontrar diversas manifestações que possuem um caráter mítico, no sentido de que este é uma representação objetivada, uma tentativa de expressar de forma simbólico-imaginária as relações fundamentais do ser humano (LACAN, 1987). Observando a maneira mítica pela qual a verdade se manifesta, Lacan observa que a constelação original do Homem dos Ratos – aquilo do qual dependeu seu nascimento, as relações familiares que presidiram a relação de seus pais, etc. – de onde se construiu a personalidade do rapaz é submetida a uma transformação mítica. Os elementos parecem mudar, rearticular-se e colaboram na formação do estado de crise no qual o rapaz chega ao consultório de Freud.

No próprio título do caso, alude-se à fantasia maior que é o que leva o sujeito à análise. O medo diante do suplício pelos ratos. O medo de que algo acontecesse à dama que ama ou ao pai, mesmo este já estando morto. Segundo Lacan, “um suplício que carrega uma luminosidade particular” e que não se encontra no desencadeamento da neurose, mas na atualização de temas neuróticos.

Lacan, nesta análise, não enfatiza tanto a atuação do pai como fez em seu comentário de Hans, mas aponta um dado de extrema relevância: este pai que foi suboficial do exército “conservou sua autoridade”, mesmo depois de abandonada a carreira. No entanto, isto parecia ser irrisório, não tinha valor em sua casa. Sua figura era desvalorizada e não gozava de muita estima dos que conviviam com ele. No discurso familiar - através das brincadeiras em que a esposa alude a uma antiga paixão do marido por uma moça pobre – fica sugerido que o pai teria se casado por interesse. Sendo assim, o prestígio estava do lado da mãe, pois ela é quem tinha dinheiro e os bons modos.

O autor afirma que a ‘brincadeira’ da mãe impressiona a criança, por mais que os pais aparentemente se dessem bem. Tempos depois, o rapaz viria a repetir o impasse vivido pelo pai: o de ter de escolher entre a mulher que ama e uma mulher de posses. Neste momento, sua neurose é desencadeada.

Outro elemento importante dentro do mito familiar é a figura do amigo do pai, que o salvou da dívida no jogo. A figura de um amigo salvador comparece por diversas vezes na vida deste rapaz. O próprio Freud não deixa de ocupar por um tempo esta função de amigo tutor, mas depois de pai que quer lhe empurrar uma mulher rica – sua filha. Já a dívida de jogo do pai reaparecerá em seu mito individual como a impagável dívida do *pence-nez*. A dama dos correios, pobre, seria também uma reedição da dama pobre do pai.

O retorno destes elementos revela uma correspondência entre aquela constelação primitiva do indivíduo e seu estado posterior.

Lacan afirma que o pagamento à dama dos correios seria uma espécie de “cerimônia expiatória”, sanando a dívida contraída pelo pai com relação à moça. Os impasses da situação original se deslocam para um outro lugar na rede mítica, reproduzindo-se em algum ponto (LACAN, 1987).

Isto representaria desobedecer à ordem paterna de que a escolha deve ser em direção a moça rica, o que gera um impasse vivido pelo Homem dos Ratos. A questão do pagamento da dívida aparece como um “argumento fantasmático” e um “pequeno drama” que manifesta o mito individual do neurótico. Guarda relação com a situação original entre o pai, a mãe e o amigo salvador. No entanto, Lacan afirma que o que confere o caráter mítico a este argumento fantasmático não é apenas as relações que guarda com a situação original, mas também aquilo que modifica estas relações no sentido de uma determinada tendência.

O autor comenta que a dívida no jogo parece conter certa ambigüidade entre a posição do pai: em relação ao amigo e a dimensão social. Entendemos que, em relação ao amigo, o pai estava como castrado, faltoso, precisando recorrer a um outro que viesse reparar uma falta sua. Quanto à dimensão social, entendemos que a dívida representa uma espécie de transgressão à lei das trocas dos bens na sociedade, e que ainda teria ficado impune, como se o pai pudesse exercer um gozo a mais que os outros. Sem conseguir pagar a dívida do pai, o rapaz não consegue fazer os dois pólos da dívida coincidirem, e fica a andar em círculos.

2.3.2 O obsessivo, o desejo e o Outro.

No seminário *As formações do inconsciente* (1999), Lacan nos diz que, no neurótico obsessivo, o desejo localiza-se sempre em uma posição ambígua, pois está tanto para além da demanda, quanto para aquém. Em seu para além, porque a demanda visa à satisfação de uma necessidade e em um mais aquém, porque a demanda é sempre demanda de amor e visa o ser do Outro. Sendo assim, “o desejo ocupa o espaço virtual entre o apelo de satisfação e a demanda de amor” (Ibid., p. 418).

O desejo nega o elemento de alteridade, à medida que visa ao que está para além do Outro, no entanto precisa do Outro para se constituir. É da natureza do desejo precisar do apoio do Outro, “[...] no desejo em estado puro, o Outro é negado” (LACAN, 1999, p. 413). Esta contradição própria ao desejo, no obsessivo, irá ganhar uma repercussão maior, visto que este vai buscar seu desejo em um mais além, na sua constituição mesma de desejo, o que implicaria a destruição do Outro.

A contradição que comparece no obsessivo é que, se ele vai adiante com seu desejo, acaba por causar a destruição do Outro que é o lugar da demanda. Assim, acaba por destruir o próprio desejo e, conseqüentemente, seu ser enquanto sujeito. Esta contradição interna gera o impasse que é típico na neurose obsessiva e onde se faz necessária uma série de mecanismos defensivos para se proteger de sua própria demanda, que é sempre uma demanda de morte. É daí que vem a anulação, o isolamento e outras reações defensivas. “O problema do obsessivo é dar um suporte ao desejo”, encontrar algo que mantenha o desejo como tal.

A histérica encontra o apoio de seu desejo na identificação com o outro imaginário. O que faz as vezes e exerce a função disso no obsessivo é um objeto, que é sempre – sob forma velada, sem dúvida, mas identificável – redutível ao significante falo (LACAN, 1999, p. 415-6).

O desejo da histérica não é predominantemente direcionado a um objeto, mas a um outro desejo. Ela coloca-se continuamente frente ao ponto em que seu desejo será convocado, ou seja, o ponto no qual se localiza o desejo do Outro. Portanto, ela estará sempre desejando, sempre insatisfeita. O obsessivo utiliza outra estratégia: torna seu desejo proibido pelo Outro. “Poderíamos dizer que o obsessivo está sempre pedindo alguma permissão” (Ibid., p. 425). Desta forma, engajando-se em uma relação de dependência com este Outro, garante a manutenção deste, bem como a continuidade do próprio desejo, que permanecerá na esfera do impossível.

O obsessivo oscila num balanço, e que seu desejo, quando sua manifestação indo longe demais, torna-se agressiva, recai ou pende de novo para um desaparecimento, ligado ao medo da retaliação efetiva dessa agressividade por

parte do outro, ou seja, ao medo de sofrer por parte deste uma destruição equivalente à do desejo que ele manifesta (LACAN, 1999, p. 428).

No horizonte da demanda do obsessivo, há sempre uma agressividade, um “anseio de morte” que desarticula a demanda e mobiliza as defesas. É daí a dificuldade de o obsessivo articular sua demanda. E, quando ele tenta ir em busca de seu objeto de desejo, ocorre, geralmente, de não o encontrar facilmente ou acontecer uma série de acidentes no sentido de atrapalhar sua empreitada, o que Lacan considera como sendo uma intervenção do Supereu. Quando tenta seguir adiante com seu desejo, freqüentemente se vê também, a manifestação de certa agressividade. Ele fica em uma oscilação entre aproximar-se ou não de seu desejo e entra em uma problemática de manter um distanciamento necessário. O medo da retaliação gera inibições. Supõe-se ao Outro a agressividade que, na verdade é sua, em um mecanismo típico de projeção. Ele oscila entre a agressividade e o distanciamento. Quando o objeto lhe está acessível, perde o interesse. Não é do objeto que precisa defender-se, mas do desejo enquanto tal. “A proibição está ali para sustentar o desejo” (Ibid., p. 427). A tentativa de preservação do Outro é um elemento que está na raiz de uma série de cerimoniais, precauções, etc.

O obsessivo precisa proteger-se da emergência de seu desejo, já que este encerra um perigo, e, para isto, elabora algumas ‘soluções’. Além de o desejo ser visto como proibido, Lacan aponta diversas formações sintomáticas que revelam o esforço do obsessivo de restaurar o lugar do Outro: o altruísmo seria uma forma de submeter-se à demanda de um Outro, vivendo em função deste; a realização de proezas daria ao sujeito a possibilidade de obter uma permissão mínima do Outro, e o *acting-out* pode ser visto como uma espécie de encenação da fantasia, um momento em que o desejo é colocado em forma de ato para que um Outro lhe atribua significado. Além disso, o blasfemar é visto como uma forma de tentar fazer decair um significante eminente, relacionado ao Pai. Estes aspectos são freqüentemente encontrados nas formações obsessivas.

O blasfemar poderia ser observado no Homem dos Ratos no episódio da cólera do menino, que, quando criança, durante uma surra que levava, chamou o pai de “Sua toalha! Seu prato!”. Isto seria uma tentativa de fazer o pai descer à condição de objeto e, assim, poder destruí-lo.

Uma característica da obsessão é a de ser essencialmente verbalizada (em atos, pensamentos ou palavras). Se a histeria tem como predominância as manifestações somáticas, na neurose obsessiva, dá-se “a destruição pelo verbo e pelo significante” (LACAN, 1999, p. 481). O caráter mágico comparece aqui, onde os pensamentos – que são verbalizações internas – podem ter efeito destrutivo sobre o Outro. O medo de prejudicar o Outro através de pensamentos revela o desejo de que esta destruição ocorra e, ao mesmo tempo, a encobre, em uma típica formação de compromisso. De qualquer modo, nestas articulações significantes, o Outro é preservado. “O obsessivo é um homem que vive no significante. Está muito solidamente instalado nele [...] Esse significante basta para preservar a dimensão do Outro, mas esta é como que idolatrada” (Ibid., p. 483).

A demanda de morte, sentida como proibida e encenada nas fantasias, é fonte geradora de culpa, por mais que estes pensamentos sejam vivenciados como estranhos e invasivos - fantasias, ordens e comandos recebidos. O Homem dos Ratos pensa como uma voz que vem de fora: ‘O que você faria se lhe mandassem cortar sua garganta?’ Essa demanda de morte não deve ser buscada em uma história qualquer. “Se essa demanda é de morte é porque as primeiras relações do obsessivo com o Outro [...] foram essencialmente compostas por uma contradição [...]”, gerando uma ambivalência mais acirrada (Ibid., p. 507). O Outro de quem se depende para tudo e a quem se deseja matar.

O desejo, neste caso, demonstra portar a marca de ter sido inicialmente abordado por ele como algo que se destrói, por ter-se apresentado a ele como desejo de seu rival, por haver o sujeito respondido a ele no sentido da reação de destruição que é subjacente à sua relação com a imagem do outro na medida em que esta o despoja e arruína (LACAN, 1999, p. 479).

Esse jogo de manutenção da distância em relação ao desejo revela que este desde muito cedo, foi vivido como algo destrutivo e perigoso. A desfusão das pulsões, mais presente nesta neurose, mostra aí seus efeitos na intensidade do impulso destrutivo. Lacan afirma que, no obsessivo, desde cedo, a demanda revela um caráter particular que denuncia a desfusão das pulsões. “A relação do obsessivo com seu desejo está submetida a isto, que conhecemos há muito tempo, desde Freud, ou seja, o papel precoce que ele desempenhou

no que é chamado de *Entbindung*, a desfusão das pulsões, o isolamento da destruição” (LACAN, 1999, p. 478-9).

O desejo do obsessivo foi inicialmente marcado por esta desfusão pulsional e, diante disto, a primeira saída é anular o desejo do Outro. A partir daí, responderá através de fórmulas de suplência e compensação. O desejo que desaparece, quando o obsessivo se aproxima do objeto, revela portar a marca de ter sido inicialmente abordado como algo que destrói. O sujeito passa a preservar o Outro através de articulações significantes e formações imaginárias. “A fantasia é essencialmente, um imaginário preso numa certa função significante” (Ibid., p. 423).

Um aspecto que pode ser observado na clínica e que revela esse caráter no desejo obsessivo é visto na relação do sujeito com o outro no qual uma demanda deve ser articulada. Seja este outro sua mãe ou o cônjuge, o obsessivo empenha-se em destruir o desejo do Outro, mesmo das formas mais sutis. Este não pode desejar e a marca da relação do obsessivo com seu desejo é a denegação do desejo do Outro. Há um jogo perpétuo de destruir o Outro e, ao mesmo tempo, tentar mantê-lo.

É nessa contradição que o sujeito obsessivo se vê apanhado. Ele está constantemente ocupado em manter o Outro, em fazê-lo subsistir através de formações imaginárias, com as quais ele se ocupa mais do que qualquer outro. Elas são instituídas para sustentar o Outro, perpetuamente em perigo de cair [...] (LACAN, 1999, p. 497).

Neste ponto, podemos observar a função das fantasias na economia psíquica do obsessivo. Estas, geralmente de natureza sádica, encenam o desejo e sua respectiva proibição. É interessante observar que a anulação retroativa, mecanismo amplamente utilizado na neurose obsessiva, não é um mero apagamento de vestígios. Ao mesmo tempo em que se tenta anular o que foi dito, isola-se um significante, e, assim, torna-o mais visível. É um modo particular de mostrar, de apontar para algo. E isso que o obsessivo tenta mostrar e apagar, ao mesmo tempo, nada mais é que uma demanda, mais precisamente, uma demanda de morte. O que aparece a nível de significante como anulado é o que assinala o lugar do desejo do Outro, isso que o obsessivo tenta destruir. No entanto,

se o desejo do Outro nada mais é do que o falo, trata-se de uma *perpétua tentativa de anulação e mostração deste falo*.

Se, como já vimos, a destruição do Outro, implicaria a própria destruição do desejo, o obsessivo constrói barreiras para proteger esse desejo sempre ameaçado de destruição. Essas defesas serão fabricadas “[...] segundo o modelo do seu eu e em relação à imagem do outro” (LACAN, 1999, p. 500). Isto produzirá um outro traço comumente observado na clínica, trata-se do investimento fálico na imagem do outro, a fabricação de uma instância imaginária de prestígio, imponência com a qual o obsessivo se identifica, como que se complementando com uma imagem de potência. Pode-se também observar uma constante competição e rivalidade do obsessivo com um outro investido falicamente, comum acontecer em relação a figuras de autoridade. “A relação do obsessivo com a imagem do outro consiste, precisamente, no falo significativo, à medida que ele está sempre ameaçado de destruição por estar preso em uma denegação de encontrá-lo na relação com o Outro” (Ibid., p.500). A relação assumirá, então, um caráter narcísico, em que a agressividade e o erotismo estarão relacionados.

2.3.3. Sobre o Homem dos Ratos.

Como já dissemos, Lacan não fala muito sobre o Homem dos Ratos. No entanto, pretendemos, aqui, pinçar alguns momentos em que menciona este caso clínico e relacionar com o que o próprio autor elaborou anteriormente, mais especificamente no seminário 5, acerca da neurose obsessiva, a fim de elucidar as possíveis relações entre a teoria sobre a neurose e os rápidos comentários a respeito deste caso específico.

A relação do Homem dos Ratos com Freud durante a análise, teve seu momento de transferência negativa, no qual o analista, também investido deste falo imaginário, foi revestido de uma aura de prestígio que esmagava e atormentava o paciente, e de cuja influência era necessário libertar-se, como foi visto no episódio em que ele sonha com a filha de Freud e vê fezes em seus olhos, assim como nos diversos momentos em que ele xinga o analista e tem medo de ser espancado por este. Revela na análise toda a dinâmica típica do obsessivo em sua relação com o Outro¹. “Na neurose obsessiva, a estrutura é

¹ Discutiremos a respeito da relação do obsessivo com o Outro na fase anal-sádica da libido no terceiro capítulo.

destinada a camuflar, negar, dividir e atenuar a intenção agressiva [...]” (LACAN, 1999, p.303). Todavia, esta se manifesta e torna-se observável pela transferência negativa que permite sua reatualização. Na neurose obsessiva, Lacan comenta:

Podemos ver que basta o pretexto mais fortuito para atualizar a intenção agressiva que reatualiza a imago, instalada permanentemente no plano de sobredeterminação simbólica a que nós chamamos de inconsciente do sujeito, com sua correlação intencional (1998a, p. 110).

Sobre a relação entre a proposta de casamento levada ao sujeito pela mãe e o desencadeamento da neurose, o autor entende que Freud se excede, de certa forma, quando faz, ele mesmo, a relação desta proposta com uma reatualização da proibição paterna, enfatizando a ação castradora do pai. Lacan afirma que “[...] a ação castradora do pai, que Freud afirma aqui com uma insistência que poderíamos crer sistemática, só desempenhou nesse caso um papel secundário”² (1998b, p. 303). A construção feita por Freud - de que o pai deve ter castigado severamente o homem dos Ratos devido à prática da masturbação, o que o teria gerado um rancor contra aquele e o fixado como eterno obstáculo ao gozo - seria válida, no ponto de vista lacaniano, no sentido de trazer à tona a relação dialética entre as figuras do pai e da dama, a articulação entre gozo e proibição, entre sexo e morte. Lacan observa que a intervenção de Freud “[...] desencadeia [no paciente] a supressão decisiva dos símbolos mortíferos que ligam narcisicamente o sujeito, ao mesmo tempo, ao pai morto e à dama idealizada [...]” (Ibid, p. 303).

O autor chama atenção para o fato de que, nas fantasias do Homem dos Ratos, conjugam-se de maneira narcísica, as imagens da dama idealizada e a sombra do pai morto através de “símbolos mortíferos”. Há uma equivalência entre essas imagens percebida pelo culto mortificante e uma agressividade fantasística que as perpetuam. A dama e o pai são investidos imaginariamente do falo, elemento este que o obsessivo deseja, mas quer, ao mesmo tempo, destruir, revelando seu eterno jogo contraditório com o objeto e o próprio desejo. Ao mesmo tempo, identifica-se narcisicamente a este falo, representado por estas figuras, mantendo um impasse no campo do imaginário.

² Logo adiante veremos o que Lacan considera ter ocupado um papel principal.

A “grande virada” no tratamento do Homem dos Ratos dá-se no momento em que Freud percebe a importância do ressentimento causado no sujeito pelo calculismo da mãe, ao sugerir-lhe casar-se com a moça rica. A proibição contida neste conselho, Freud atribui à fala do pai, e Lacan acrescenta que, aí, Freud “parece ter adivinhado” uma verdade mais profunda, evocando-a. Lacan chama atenção para o fato de que “cadeia das falas” que preside a neurose e o próprio destino do sujeito, é, justamente, uma “falta de palavra” que presidiu o casamento de seu pai e que envolve também a relação deste com o dinheiro, levando-o a contrair uma dívida nunca paga. A dívida fez com que ele fosse expulso do exército e se encaminhasse ao casamento. E acrescenta que essa cadeia se constitui principalmente

[...] de uma falta – talvez a mais grave por ser a mais sutil – para com a verdade da palavra, não menos que uma falta mais grosseira à sua honra, parecendo a dívida gerada pela primeira ter lançado sua sombra sobre toda a vida conjugal, e a segunda, nunca ter sido quitada, fornece o sentido em que se compreende o simulacro de resgate que o sujeito fomenta até o delírio [...] (1998c., p. 356).

É importante atentar para os desdobramentos do que isso representa. A vida deste sujeito é marcada antes mesmo de seu nascimento por uma série de acontecimentos que convergem para o elemento da “falta de palavra” deste pai, tanto no que tange suas relações afetivas, quanto com o dinheiro. Trata-se de uma cadeia de faltas: para com a verdade de sua palavra e para com sua honra.

É isto que para Lacan, desempenha papel predominante na determinação do conflito vivido pelo Homem dos Ratos: configura-se para o sujeito um pai em cuja palavra não se pode confiar e cujo desejo pela mãe é duvidoso. Podemos entender então que Lacan não fala aí, de um excesso na ação castradora do pai, tal como Freud o fez, mas não deixa de relacionar como grande fator determinante da neurose a palavra, e neste caso, mais especificamente, *a forma – faltosa – da palavra* deste pai³. Lacan continua dizendo que esta cadeia se cruza no texto do mito individual do neurótico com a rede imbricada de fantasias em torno do par de imagens narcísicas, a sombra do pai morto e o ideal da dama.

³ A atuação deste pai autoritário e sem honra em sua palavra, será discutida mais detalhadamente no terceiro capítulo deste trabalho.

O Homem dos Ratos engaja-se em um “simulacro de resgate” ao tentar pagar a dívida do pai que tomou para si próprio. “[...] para a dívida simbólica que se promulga no tribunal do sujeito, essa cadeia o faz comparecer ali ainda menos como seu legatário do que como sua testemunha viva” (LACAN, 1998c, p. 356). É apenas enquanto engodo que o rapaz tenta pagá-la, todo seu esforço não faz, senão, torná-la mais viva e presente do que quitada, o que, revela mais uma vez, a ambigüidade do obsessivo em relação a esta figura parental. Salvar a honra do pai não seria coerente com esta estrutura que deseja mais do que nenhuma outra, a destruição do Outro. Além disso, repetindo o drama paterno, o sujeito demonstra ser submetido à ordem simbólica que o antecede.

De qualquer modo, é interessante notar que, se a ordem da mãe vai na mesma via que a do pai, não deixa de ser aí um reforçamento de um Outro que lhe diz ser seu desejo proibido. Parece que as circunstâncias colaboram para a manifestação da sintomatologia obsessiva que precisa sempre colocar seu desejo na submetido à permissão de um Outro. Segundo Lacan (1998d), Freud supôs uma interdição do pai em relação ao amor sublime e devotado pela dama. Para Lacan, isto marca a intuição sobre a função do Outro na neurose obsessiva, sustentada por um morto, mais bem exercida - neste caso – pelo pai que, “[...] estando efetivamente morto, ele retornou à posição que Freud reconheceu como sendo a do pai absoluto” (p. 604).

Lacan (1995) não considera que Freud tenha curado o caso, e um motivo que colabora para essa afirmação é pelo desfecho que teve o Homem dos ratos: a morte em campo de batalha. No seminário cinco, ele deixa claro como o *acting-out* pode ser utilizado pelo obsessivo, encenando o conteúdo da fantasia. Como à época de sua morte, o Homem dos Ratos não estava mais em análise, podemos pensar em uma passagem ao ato, uma vez que ele oferece seu ser a um Outro, em nome de uma causa e um altruísmo, talvez, entregue-se à demanda do Outro, demanda de morte que, na verdade, seria sua própria demanda projetada.

2.4 Semelhanças e diferenças.

Do que foi visto acima, podemos inferir e extrair do texto lacaniano aquilo que seria comum e diferente na atuação dos pais nos dois casos clínicos. Como vimos, em relação ao pai de Hans, Lacan é enfático e taxativo, não poupa palavras para falar de sua carência quanto à sua função no Édipo. A fobia, então, aparece como algo estreitamente

relacionada a esta carência, no sentido de exercer uma suplência a esta função que não se efetiva satisfatoriamente. Sendo assim, o garoto passa por uma outra via que não a da castração, à medida que esta está relacionada à figura de um pai interditor portador de um pênis real e de um direito a mais sobre a mãe. E isso deixa conseqüências para a dinâmica do desejo no garoto e sua posição sexual.

Já no caso do Homem dos Ratos, Lacan não enfatiza tão claramente a atuação do pai na estruturação da neurose como fez com Hans. Entretanto, podemos extrair do texto alguns trechos preciosos e deduzir suas implicações. Quando Lacan afirma que este pai manteve sua autoridade mesmo depois de afastado do exército, mas que isto não era valorizado pelos membros da família, vimos aí um pai desautorizado. Lacan comenta também a “falta de palavra” e de honra palavra deste pai, que faz com que se configure, portanto, como um pai em cuja palavra não se pode confiar, uma palavra sem crédito. Além disso, era também sem prestígio na família, ou seja, deficiente em seu estatuto fálico imaginário, visto a mãe ser a pessoa possuidora de posses e bons modos.

O que podemos, então, observar de semelhante e diferente - dentro da observação lacaniana - na atuação dos dois pais acima citados? Vejamos.

2.4.1. Semelhanças.

- Pais desautorizados.

Ambos sofriam, dentro da dinâmica familiar, de uma desautorização em relação à sua palavra. O pai de Hans dizia timidamente seu “não” ao que a esposa retrucava rispidamente e, então, ele rapidamente consentia. Queixa-se a Freud sobre os excessos da mulher com o filho, porém, em relação a isto, continua sem tomar nenhuma atitude. Ele revela-se, de fato, sem saber o que fazer. E o que deveria fazer, neste caso, nada mais seria do que aquilo que é mais decisivo e fundamental no Édipo: a interdição da mãe.

Cabe então nos perguntarmos o porquê de tamanha dificuldade em exercer seu papel e por que tanta complacência com os excessos da dupla mãe-filho. Lacan fala em determinado momento que este pai deveria ter se submetido a uma análise. Diz ainda que, quando finalmente o pai resolveu cumprir seu papel, já era tarde, pois Hans já havia firmado sua posição na existência. Portanto, se houve um momento em que este pai pôde assumir que o filho teria motivos para temê-lo, foi porque algo mudou em sua dinâmica

pessoal que lhe permitiu assumir isso que antes negava, por mais que o filho insistisse e pedisse. Vimos que o pai de Hans também não saiu incólume desta análise. O que lhe conferia “uma tolerância bem particular” foi remanejado de tal maneira que agora ele começava a assumir seu posto de castrador, embora, talvez, tarde demais.

Já o pai do Homem dos Ratos sofria de semelhante desautorização. A autoridade da qual usufruía na época do exército e que tentava manter em casa não era aí valorizada, pois ele era sempre visto como o homem pobre e sem modos, que casou com a mulher rica. Este discurso era veiculado, principalmente pela mãe e em tom de pilhéria, além disso, ainda fazia alusão ao amor antigo do marido por uma moça pobre. A criança, que ouvia, impressionou-se com a versão da mãe e não com a do pai que dizia que isso era coisa do passado, na tentativa de minimizar sua importância. Além disso, a dívida de jogo fez com que pairasse sobre o pai uma dúvida quanto à sua honra, à sua palavra e à sua própria vida conjugal, pois foi depois disso que saiu do exército e se casou.

Desta maneira, cada um por sua via e guardando suas peculiaridades, acabam por chegar a um segundo ponto em comum.

- Inconsistência da relação desejante entre o casal.

Cada um por seu percurso particular acaba por configurar para a criança uma relação desejante inconsistente entre o casal. Um, por algum motivo, não fazia questão de ficar a sós com a mulher. O outro parece, aos olhos da criança, ter se casado por interesse. Configura-se, nos dois casos, uma dinâmica entre o casal de distanciamento e um desejo inconsistente do pai em relação à esposa, de modo que as duas mulheres compartilham de certa insatisfação em relação ao marido. No entanto, vemos que a forma de compensação desta carência, utilizando para isso a criança, é diferente nos dois casos.

2.4.2. Diferenças.

- Forma de a mãe lidar com seu desejo.

Se o pai de Hans não se mostrava muito interessado em ficar a sós com a mulher, esta, por sua vez, também não se revelava como desejante em relação ao marido. Seja por já haver desistido de esperar dele o que ele não tinha para oferecer, seja porque não era ali que se encontrava o objeto de desejo desta mulher. O fato é que a mãe de Hans aparece como uma mulher insaciada que toma a criança como objeto privilegiado de satisfação.

No caso de Hans, vemos, por um lado, a palavra do pai sem peso, e, por outro, uma mãe devoradora em relação à criança. Já no caso do Homem dos Ratos, a mãe, por mais insatisfeita que fosse, aparentemente, não coloca tanto o filho no lugar desse falo suplente. Não encontramos indícios evidentes, na fala do sujeito, de uma relação de excessos eróticos com a mãe, isto ocorria de forma freqüente com babás, o que não deixa de ser um aspecto que chama atenção. Esta mulher esperava o marido chegar das viagens, queixava-se, portanto, ainda queria algo dele. Para a criança, fica claro que ele deve ter algo que a interessa. A mãe de Hans tinha o marido no quarto, mas, mesmo assim, preferia a criança.

Podemos concluir que, em uma dinâmica, a criança precisa fugir da mãe, escapar, nem que seja pela via da fobia. Na outra, a criança não se conforma em não ser suficiente, em não bastar. Ela queria entrar mais em uma relação erotizada com a mãe mais do que pôde. Daí, o intenso ódio contra o pai, já que este se configura, desde cedo, como um rival. Daí, o precoce desejo de destruir o Outro, “desejo de seu rival” como falou Lacan. O falo encontra-se com o pai, por mais que essa posse seja, em alguns momentos, ambígua. Isto pode fazer com que o ódio da criança aumente mais ainda, como alguém que lamenta por algo que esteve bem perto de suas mãos, mas não pôde pegar.

Assim, vemos uma criança suplicar por uma castração e a outra, fugir dela, anular, isolar, proteger-se. No início desta pesquisa, perguntamo-nos se a palavra do pai teria sido excessiva no caso do Homem dos Ratos. Em Freud, encontramos diversos indicativos disto, mas, em Lacan, não. Ele não ressalta uma atuação paterna maior do que deveria ser. Podemos pensar, entretanto, que, se o ódio da criança é mais intenso, poderia ser em consequência de um desejo ter sido mais intenso e aí qualquer atuação do pai, por mínima que fosse, já seria sentida pela criança com um peso maior.

- Atuação do Pai.

Como vimos, em Lacan, a função do Pai deve ser pensada em suas dimensões de real, simbólico e imaginário. Vamos ver, em cada contexto, como cada homem desempenhou sua função no que diz respeito aos três registros.

Pai simbólico.

O significante que deve comparecer, principalmente no discurso da mãe, indicando a presença do interdito sobre ela, mostrando que ela mesma se submete à lei de

proibição, comparece no discurso da mãe de Hans, quando, por exemplo, ela proíbe a masturbação do menino, ameaçando chamar um tal Dr. A, quando se recusa a pegar no ‘pipi’ do garoto, alegando ser “porcaria” e revela em seu discurso a presença de um interdito. Mesmo se entregando a excessos com o garoto, existe, aí, um limite que não pode ser ultrapassado. No entanto, o que vem desempenhar aí a função de pai imaginário e de pai real para Hans?

No Homem dos Ratos, a presença do pai simbólico pode ser observada à medida que diversos elementos aparecem já como recalcados, revelando que a lei já havia incidido e que, o desejo pela mãe, já fora direcionado a outras figuras. A mãe, por vezes, omitia certas coisas feitas pelo garoto para safá-lo do castigo que, certamente, o pai lhe aplicaria, mas a própria cumplicidade estabelecida com o garoto nestas ocasiões revela que, se é preciso driblar uma lei, uma autoridade, é porque ela existe e de certa forma, a ela submete-se.

Pai imaginário.

Se o pai imaginário é aquele sobre o qual a criança realiza um investimento fálico imaginário e a quem se dirige a dinâmica da identificação, da idealização e da agressividade, podemos pensar que, em Hans, havia algo da ordem deste investimento. O garoto rivalizava com o pai, queria ser como ele, almejava seu posto. No entanto, uma insuficiência no pai imaginário este posto é suprido, em parte, pelo cavalo. Esta insuficiência revela-se também na medida em que o pai da realidade, por diversas vezes, recusou-se a admitir que o menino teria motivos para ter raiva dele, e a mãe não lhe dirigia muito o desejo, além disso, o menino nem via o pipi do pai, quando este trocava de roupa.

Era, portanto, o cavalo, a figura que ameaçava, da qual Hans tinha medo e temia uma mordida no dedo. Eram os cavalos que tinham um pipi bem grande. Não foram poucas as vezes em que Hans tentou colocar o pai neste lugar, mas todas as suas tentativas neste sentido eram desencorajadas pelo próprio pai. No entanto, parece haver, aos poucos, certo deslizamento da figura do pai para este posto, mas ainda não o suficiente, para que o menino abandone a fobia. O pai da realidade ganha autoridade ao entrar na linhagem simbólica e imaginária do pai Freud que, por sua vez, até com Deus conversa.

No Homem dos Ratos, a mulher parece estar à espera do marido, apenas os filhos não lhe bastam. Ela aparece como faltosa, queixa-se da ausência do marido, desconfia de sua fidelidade, tem medo de que seu desejo se dirija a outro lugar, não deixa de falar da

moça pobre do passado, desconfia se ele casou-se com ela por amor. Todas essas queixas revelam que, apesar de tudo, é desse homem que ela espera alguma coisa da ordem da satisfação. Ele é quem poderia dar-lhe o que ela deseja, portanto ele se configura para o menino como suposto detentor do falo.

O Homem dos Ratos via o pai como violento e passional. O menino tinha vergonha da origem soldadesca do pai, além disso, este possuía uma honra duvidosa. Para o menino, configura-se a presença de um poder do lado da mãe, por que ela é quem tinha dinheiro e educação. O pai casou-se por dinheiro, calou em seu desejo, não teve coragem suficiente para sustentá-lo. Imaginariamente, constituía-se uma falta neste pai. Apesar disto, é ele quem comparece fortemente na dialética da agressividade e da identificação. É de sua imagem que o jovem precisa constantemente se livrar, é dele a imagem que retorna, que persegue, que constrange. Mesmo morto, mesmo fantasma, seu papel proibidor continua. É este pai sádico que comparece nas transferências com Freud, com o capitão. Como se explica, então, este aparente disparate?

Pai real.

O pai real que deve assumir seu papel castrador é aquele que tem de fazer valer a lei simbólica dentro da triangulação edipiana. Deve mostrar-se como o detentor do falo real, dar provas daquilo que, de fato, não possui. Deve atuar como doador junto à mãe e castrador em relação ao filho. O pai precisa, neste momento, fazer-se preferir pela criança.

Em Hans, isso fica mais difícil, uma vez que esta mulher tende muito fortemente a satisfazer-se com o filho, enquanto o marido não se esforça para tê-la. Ele profere um 'não' tímido e recua facilmente. Excessivamente gentil, não causa medo no menino. Parece não ter muito o que doar a esta mulher, nem como castrar esta criança. Fica difícil para Hans preferir o pai à mãe.

No Homem dos Ratos, o pai é alvo de um desprestígio. De qualquer modo, tem autoridade suficiente para castrar o filho, proferir o 'não' de forma até violenta. Em sua função de doador à mulher, esta dirige seu desejo a ele, mas mostra-se insatisfeita. Parecia configurar-se como detentor do falo, embora este seja desprestigiado. Ele se faz agente da castração como seu papel lhe pede. Desta castração, o obsessivo passa a defender-se.

O pai de Hans não exerce desta forma seu papel de pai real. Ele não é doador junto à mãe, não castra o menino da posse do falo imaginário, e é esse o problema de Hans.

É do desejo da mãe, insaciado, que o garoto precisa defender-se e o faz pela via da fobia, utilizando-se do cavalo, “pau pra toda obra”, como instrumento de suplência para uma castração que não se efetivou pela via típica.

CAPÍTULO III - A questão do pai na neurose obsessiva e na fobia.

3.1. A atuação do pai real e a neurose.

A Psicanálise, principalmente a partir de Lacan, enfatiza a abordagem do Pai, compreendendo-a como uma função eminentemente simbólica. Na contemporaneidade, observamos uma diversidade de configurações familiares, em muitas das quais não se vê a figura de um homem. Há um consenso de que o Édipo pode ocorrer sem a figura de um pai real, enquanto pai da realidade, desde que algum outro elemento ocupe o lugar do terceiro que irá mediar o desejo da mãe. O Édipo “Não exige em nada a presença de um homem” (DOR, 1991). Lacan enfatizou a importância de não falar de Édipo em termos realísticos, já a forma de circulação do falo no Édipo é o que fará a diferença.

Dor (Ibid.) argumenta que para que um pai real possa cumprir sua missão (agente da castração) deverá ser investido imaginariamente pela criança como aquele que detém o falo, o que faz com que *o falo seja o centro de gravidade da função paterna*. A partir disso, o pai real poderá fazer valer o pai simbólico dentro da triangulação edipiana.

Acontece que a criança, para conquistar essa fé que deposita nela uma primeira inscrição da lei, se apóia naturalmente sobre alguma coisa que já se encontra lá no jogo, sobre um suporte que pode, na ocasião, ser o personagem real do pai [...] isso quer dizer que a função do pai real é aquela de introduzir um elemento real na ordem simbólica, ***um real que certifique o Outro*** [...] alguma coisa no Outro deve lhe fazer signo (GAZZOLA, 2002, p. 47- grifo nosso).

Fica claro que há a necessidade de um operador no real que assegure a incidência da lei através de sua representatividade. É exatamente esta a função do pai real: fazer-se porta-voz da lei dentro do Édipo, e sua forma de atuação pode interferir na forma como esta irá incidir no psiquismo da criança, daí a figura do pai real ter sua importância. “A incidência do pai sobre a eficácia do Nome-do-Pai deve-se ao seu real, mas esse título de pai, ele deve ao simbólico” (GAZZOLA, 2002, p. 51).

Cabas (1982) ressalta que, desde Freud, sabemos que as figuras do pai e da mãe constituem um estímulo para a criança no sentido em que suas relações geram para ela um enigma que ela tenta responder através de fantasias. Cada estrutura psíquica elabora, de determinada forma, suas fantasias típicas como resposta diante dos enigmas formulados pela função da mãe, a função do pai e onde se delinearía a posição do sujeito diante disto.

De que modo esta forma de atuação pode contribuir para o encaminhamento da criança a uma fobia ou a uma neurose obsessiva é o ponto de partida desta pesquisa. Observamos que na fobia, a intervenção do pai parece não ser suficiente para proteger a criança de ocupar o lugar de objeto de satisfação para a mãe, de modo que o sujeito fica mais em perigo, a mercê deste gozo materno. Na neurose obsessiva, a mãe lança uma mensagem ambígua para a criança: dirige seu desejo ao marido, mas também se revela insatisfeita em relação a este, o que dificulta a passagem da criança do querer 'ser' ao 'ter' o falo, fazendo com que o sujeito tenha mais dificuldade em abrir mão de sua identificação fálica imaginária, ao mesmo tempo em que reconhece e teme a instância paterna. A hipótese da qual partimos é a de que na fobia haveria uma falta, uma carência na atuação deste pai, enquanto que, na neurose obsessiva, haveria um excesso. O que podemos dizer sobre isso, agora? Para tentarmos articular algumas questões em torno disso, nos valeremos das contribuições de alguns autores que já trabalharam este tema.

3.2. O pai e a neurose obsessiva.

Freud, em sua análise do Homem dos Ratos, enfatizou a ação castradora do pai, enquanto detentor de uma palavra forte e esmagadora sobre o sujeito, mais precisamente sobre o desejo deste. Daí, a forte ambivalência, o recalcque do componente hostil, a culpa que o desejo de morte pelo pai, aqui mais acirrado, traria.

Alguns autores, tais como Julien (2002), Couvreur (2003) e Peres (2005) pensam a elaboração freudiana acerca da neurose obsessiva como marcada em três tempos. A primeira fase da teoria freudiana estaria mais relacionada ao trauma (que, nesta neurose, teria sido vivido de forma ativa e prazerosa), na separação entre o conteúdo ideacional e afetivo, em que este se ligaria a representações indiferentes. Freud elabora, neste momento, que o retorno do recalcado se daria pela via do não sexual, o que acarreta a necessidade de medidas protetoras, os rituais e cerimoniais obsessivos.

Em um segundo momento da elaboração teórica, aproximadamente de 1905 a 1913, Freud articula à neurose obsessiva questões tais como a regressão à fase anal sádica da libido, a questão ativo-passivo e traça um panorama das características desta neurose: parcimônia, escrúpulo, procrastinação, sexualização do pensamento, formações reativas, anulações retroativas, isolamento. Em um terceiro momento, com a elaboração da metapsicologia, Freud passa a relacionar a esta neurose temas, como a função do supereu, o desfusãoamento pulsional com a prevalência da pulsão de morte à qual estaria relacionado o sadismo, o masoquismo primário e o sentimento inconsciente de culpa.

Pensando a neurose como uma estratégia para lidar com o desejo e a castração, Lacan enfatiza a relação do obsessivo com o Outro¹: o impasse entre destruir e ser destruído. Segundo este autor, a estratégia obsessiva de anulação do desejo do Outro, para assim evitar o contato com o próprio desejo, acarreta a redução do enigmático desejo à demanda, algo com o qual é mais fácil lidar. Elabora que faz parte da estratégia obsessiva, a tentativa de constituir-se como caução da dívida do Outro, na busca de torná-lo inteiro ao mesmo tempo em que anseia destruí-lo, o que faria o obsessivo engajar-se em relações pautadas na dialética senhor-escravo. O sujeito tentaria constituir-se como tudo para o Outro, para que a este nada falte, e, assim, evita deparar-se com a própria falta. Desta maneira, coloca seu desejo no terreno do impossível, já que ele irá identificar-se com aquilo que pode complementar o Outro. Na relação com o semelhante, o narcisismo e uma agressividade fundamental teriam forte presença, o obsessivo elegeria o outro como um duplo de si próprio.

A elaboração lacaniana enriquece as formulações freudianas sobre a neurose obsessiva. A ênfase que Freud coloca no personagem do pai, Lacan mantém, mas entendendo este em seu desdobramento – real, simbólico, imaginário – e enfatizando a relação do sujeito com o Outro. Portanto, para falar da configuração familiar, mesmo que para além de suas dimensões realísticas, começemos a abordar a criança frente ao desejo da mãe.

¹ Lacan entende este grande Outro como um personagem inconsciente, construído pelo discurso social em conjunção com as imagens e discurso do Outro materno e paterno que se conjugam no Édipo (AMBERTÍN, 2006).

3.2.1. A relação com o desejo da mãe.

Diversos autores observam que, na neurose obsessiva, ocorre a vivência de um excesso de satisfação erótica na relação precoce com a mãe. Dor (1994) fala da ambigüidade no discurso da mãe em relação à localização de seu objeto de desejo, ela passa a mensagem de que seu desejo se dirige ao pai, mas não é inteiramente satisfeito por ele. A criança percebe uma falha nesta satisfação e pode instalar-se imaginariamente em um “dispositivo de suplência à satisfação do desejo materno” (Ibid.,p.98). Seria confrontada com a lei do pai, mas também ficaria “subjugada pela mensagem de insatisfação materna” (Ibid., p. 99). Esta configuração é o que Dor denomina “[...] ponto indutor da neurose obsessiva: o signo do desejo insatisfeito da mãe [...]” (Ibid., p. 100).

Desta forma, a passagem do ‘ser’ ao ‘ter’ ficaria mais problemática na neurose obsessiva. O obsessivo seria um ‘nostálgico do ser’, nostalgia apoiada na lembrança da relação privilegiada que manteve com a mãe, em que se sentiu investido como objeto fálico privilegiado do desejo materno. Kehl (1999) fala de um superinvestimento materno realizado pela mãe do obsessivo (p.82), Peres (2005) afirma que o obsessivo seria fruto de um excesso de gozo na relação com a mãe (p.393-4), Dorey fala da ocorrência de uma sedução materna sobre o filho (p.119), Fain (2003) diz que o obsessivo se vê constrangido a suprir a excitação materna (p.172), Ribeiro (2003) acrescenta que esta relação precoce com o Outro materno é marcada por um excesso de gozo que acarreta culpa e auto-recriminação (p.16).

Nesta neurose, a criança fica presa à mensagem do desejo insatisfeito da mãe, mas, ao mesmo tempo, submetida à lei do pai, o que gera um conflito maior, a necessidade de atender demandas opostas e inconciliáveis. Desde a própria relação precoce com este Outro materno, já surgiria o medo de ser destruído e o desejo de destruir. Visto ocupar um lugar de suplência à satisfação materna, o risco de ser reduzido a mero objeto seria maior, o que tornaria a admissão da falta algo mais ameaçador e, portanto, mais fortemente recusada. O desejo é sentido como proibido desde suas origens, no entanto a destruição do Outro implicaria a própria destruição do desejo, daí o impasse que também comparece na mesma posição oscilante frente ao pai, como já vimos anteriormente.

Tudo o que for da ordem da sexualidade deve ser extremamente calculado e controlado, pois esta se configura mais como desejada e proibida ao mesmo tempo. Julien (2002) argumenta que não se trata de figuras reais do pai ou da mãe, mas da própria

sexualidade com a qual a criança não sabe lidar e precisa defender-se. No entanto, é bom lembrar que esta sexualidade sempre traumática é vivida dentro de um contexto familiar no qual será experimentada de forma particular por cada sujeito, o que não torna a atuação das ‘figuras reais’ algo totalmente indiferente.

Esta configuração de mãe com desejo insatisfeito, embora remetido ao pai, coloca a criança como objeto suplemento de gozo, dificulta a passagem do ‘ser’ ao ‘ter’ o falo, como já foi colocado acima. Como Freud bem falou, “ninguém abre mão da satisfação um dia vivida”, o que levará o sujeito a buscar recuperar este lugar de exceção junto à mãe de outras maneiras. Há uma castração não bem realizada – embora esta nunca o seja totalmente - quanto ao ‘ser’ o que falta ao desejo do Outro. “Na neurose obsessiva, o falo simbólico é transmitido, mas o sujeito pode tentar ser o falo como *Gestalt* da imagem desejável para ela [a mãe]” (JULIEN, 2002, p.145).

Se o desejo materno foi reduzido à demanda, esta adquire um caráter imperioso. O obsessivo reduz o desejo àquilo que o outro lhe pede, e a partir daí, esforça-se em ser ‘tudo para o Outro’, como já foi dito. Este mecanismo estaria também relacionado à vivência da fase anal. Se na fase oral, quem demanda é o sujeito (uma demanda oral de ser nutrido), na fase anal, quem demanda é o Outro e também é ele quem domina a relação. Mees (1999) acrescenta que a fixação na fase anal promoveria uma identificação ao produto (fezes), o que contribuiria à construção do fantasma de oblatividade do obsessivo. A autora enfatiza a vivência desta fase, na qual teria ocorrido um ponto de “pura oblatividade anal”. Complementa que haveria um fechamento do sexual e uma ênfase do agressivo, visto que é característico desta fase a des fusão dos componentes eróticos e destrutivos da libido.

Peres (2005) acrescenta que o obsessivo se identifica com a merda que o Outro demanda, alienando seu desejo à imagem, passa a buscar identificar-se com imagens ideais, o que vem relacionar-se com o que Julien fala sobre ‘ser o falo como *Gestalt*’. À medida que o sujeito tenta manter, de certa forma, uma identificação com o falo imaginário materno, a aceitação da falta no Outro representa uma falha na sua imagem narcísica (DOR, 1994).

Desta primeira relação com a mãe, o par sadismo-masochismo traria sua marca inicial. Dor (1994) argumenta que a falha percebida no desejo da mãe é sentida como sedução, o que incitaria à passividade sexual. Se na relação anal é o Outro quem tem domínio da situação, o sujeito é aí colocado em uma situação em que fica a mercê do

Outro, em uma posição masoquista. “O Outro toma pleno domínio da relação anal e ganha expressão no sofrimento da espera de um ataque potencial do Outro [...]” (MEES, 1999, p.39). A posição sádica do Outro dá origem às fantasias sádicas tão comumente presentes no imaginário obsessivo, no qual o sujeito repetiria com o outro aquilo que teria vivido de forma passiva.

Devido à própria fixação no estágio anal, em que há a des fusão pulsional, a vertente destruidora predomina de modo que o sadismo comparece na vida do sujeito, vindo articular a sexualidade à violência, seja ela vivida de forma ativa ou passiva. Dorey (2003) chama atenção para as fantasias de ‘fustigação’, comumente encontradas nos obsessivos. Trata-se de uma cena de constrangimento, em que o sujeito assume uma posição feminina, revela a presença de um sadismo anal e um gozo perverso no qual o sujeito se coloca na posição de objeto. O autor encara a fantasia de fustigação como uma posição feminina assumida pelo sujeito frente ao pai, de modo a proteger-se da possível vingança deste, frente ao filho que o odeia.

Freud já havia buscado explicações para estas fantasias no obsessivo, encarando-as, primeiramente, como uma “forma degradada de amor”, atribuindo-as em um segundo momento, à regressão ao estágio anal e, depois, articulando-as, à pulsão de morte, à satisfação de um masoquismo, em um terceiro momento. A reativação de moções agressivas infantis promove a regressão ao estágio anal-sádico, o que faria com que o supereu adotasse medidas de restrição mais severas na luta contra a sexualidade, dando origem a formações reativas tais como moralismo e escrúpulo. Neste contexto, o recalcado chegaria à mente, desprovido de afeto, já que este investiu outras representações (COUVREUR, 2003).

Na neurose obsessiva, o supereu ganha uma expressão mais cruel. Freud já articulara que este traz a marca do pai, seria sua versão ‘despersonalizada’. Esta instância psíquica não seria formada a partir do tratamento recebido, mas a partir do supereu parental, o que permitiria sua transmissão para as gerações seguintes. Julien (2002) entende que, no último período de elaboração sobre a neurose obsessiva, Freud se interroga sobre o porquê de um supereu tão cruel, vinculado à pulsão de morte, e nos deixa a questão em aberto.

3.2.2. Sobre o supereu.

Julien (2002) articula que o gozo é algo que está para além do princípio do prazer e que é preciso o sujeito se defender do gozo do Outro que o põe em lugar de objeto. Para esta defesa, propõe que o sujeito dispõe de três instâncias: a lei dos serviços e dos bens, a lei do supereu e a lei do desejo. A lei do supereu sendo ‘categórica’ e ‘imperativa’, sentida como uma voz ‘de dentro’ não seria eficaz no sentido de promover a defesa frente a esse gozo, visto que o supereu, já que constituído pelo supereu parental, é uma voz que vem do Outro. “Aquela famosa voz que vem de dentro que é o Supereu vem do Outro, ela revela sua origem na máxima que enuncia o direito ao gozo do Outro sobre meu corpo” (Ibid., p. 153). Ainda para este autor, Freud articularia este gozo sádico ao pai. Esta lei do supereu seria ineficaz pela ausência de dialética, o que promoveria a inversão do horror contra si mesmo e, ainda, a continuidade desta lei na transmissão às outras gerações.

Dor (1994) entende que a lei do supereu é para Freud, relacionada ao pai. “Ele soube registrar a verdade que fala pela boca do obsessivo e transcrevê-la em seu ‘mito individual’ que é ‘Totem e tabu’; o Supereu é a interiorização de *um pai que faz a lei*; só se mata o mestre para melhor se submeter a ele, incorporando-o” (p. 155 – grifo nosso). Sabemos que o pai na operação de castração deve colocar-se como porta-voz da lei, estando ele mesmo submetido a ela. O pai na castração não ‘faz’ a lei, apenas a profere. Portanto, a que pai o autor está se referindo?

Ambertín (2006) enriquece tal discussão quando problematiza o conceito de supereu e resgata o lugar desta instância psíquica nas produções neuróticas. Segundo a autora, as proposições freudianas sobre o supereu são bastante paradoxais e muitos pós-freudianos recuaram frente a esses paradoxos, a fim de construir uma teoria coerente. No entanto, o próprio Freud nos ensinou a não recuar frente aos paradoxos, ao contrário, usá-los para enriquecer a teoria. A autora critica a abordagem deste conceito por alguns pós-freudianos, considerando-as simplistas e reducionistas, e considera Lacan e Melanie Klein como autores que não retrocederam frente a esses paradoxos.

Sendo ‘herdeiro do complexo de Édipo’, traz a marca da lei paterna. No entanto, é bom lembrar que ele também é herdeiro do pai em sua faceta aniquilante e não legisladora. Coordenado ao gozo, e não ao desejo, o supereu é um chamado à não castração, e, como tal, resíduo da lei,

herança do desarranjo da lei do pai, aquilo que escapa à sua legislação. Não proclama o que há de morto no pai – que é o apenas tal -, mas presentifica um resto vivo como incidência sádica (AMBERTÍN, 2006, p. 51).

Entendemos que não estaria aí apenas a lei em sua face legislante, mas também algo proveniente de uma ameaça e não da proibição. Haveria, aí, algo da ordem de uma identificação com a imagem bruta do pai, ameaçadora, e não aquela da castração que é uma operação apaziguadora. Haveria algo da ordem da privação, portanto, do pai imaginário.

É bom lembrarmos que no momento de elaboração da segunda tópica, em *O Ego e o Id* (1923b), Freud coloca o supereu como aquilo que é ao mesmo tempo “herdeiro do complexo de Édipo” é também “herdeiro do id” (Ibid., p.53-54). Freud esclarece a estreita ligação entre supereu e isso. Primeiramente, o supereu é concebido como uma espécie de isso ao contrário, tanto mais severo quanto mais forte tenham sido as exigências pulsionais. Freud articula que isto é o que explica boa parte do supereu ser inconsciente. No entanto, mais adiante, elabora que, em determinadas ocasiões (autopunição, masoquismo, melancolia, etc.), o sadismo parece tomar conta do supereu contra o eu. “O que está influenciando o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte” (Ibid., p.69).

Podemos articular que esta dupla herança do supereu entrelaça a pulsão de morte ao inconsciente e supereu. Sendo herdeiro do complexo de Édipo e do isso, o supereu acaba por unir o que deveria ficar separado: pulsão e proibição. “O superego pode se tornar hipermoral e tornar-se então tão cruel quanto somente o id pode ser” (Ibid., p. 70-71). Este seria o grande paradoxo da teoria freudiana sobre supereu, instância que responde, por um lado, à pulsão e, por outro, à proibição imposta pela lei paterna.

Ambertín (2006) retoma a frase freudiana de que ‘o supereu é o saldo nefasto do progresso da espiritualidade’ e entende que isso vem dar provas da inconsistência na lei que rege o laço social na civilização (p.50). A autora defende que o supereu enquanto instância de íntima exterioridade impele ao mal estar, corrói o inconsciente estruturado como uma linguagem e impele ao gozo. Estes imperativos do supereu seriam provenientes do que escapou à incidência da lei, “saldo nefasto da falha da lei do pai” (Ibid., p. 50).

Além de apontar este aspecto de ‘resto vivo do pai’ imaginário, a autora aponta para algo da ordem *materna*. Haveria no supereu também um imperativo materno, mandato ao gozo², capricho sem lei. A autora defende a idéia de que Melanie Klein com seu conceito de ‘supereu primitivo’ e Lacan e formulando o ‘Goza!’ que impera no supereu se constituem como autores que não recuaram frente aos paradoxos colocados na teoria freudiana acerca deste conceito. Roudinesco (2000) acrescenta que Melanie Klein conferiu à posição materna um lugar determinante e que a ótica lacaniana dá continuidade ao poder conferido à mulher. “Através de seu gozo, ela seria, segundo Lacan, ‘sem limites’, e, através da maternidade, exerce sobre a criança e sobre o pai um poder considerável” (p. 139).

A marca da relação com a mãe e seu desejo permaneceria no psiquismo do sujeito, dentre outras formas sob a forma do supereu, “[...] o imperativo superegóico incrusta-se na subjetividade sem a mediação da metáfora paterna, ou seja, o supereu, como puro capricho sem lei, está intimamente ligado ao desejo da mãe” (AMBERTÍN, 2006, p.63). O sujeito ficaria em sua subjetividade com a marca dessa demanda absoluta que impõe o arbitrário capricho materno. Este aspecto do Outro materno se uniria ao Outro paterno no “complexo nodular edípico”, portanto, abrigando no sujeito duas forças opostas.

Na neurose obsessiva, este aspecto paradoxal do supereu fica ainda mais explícito à medida que os rituais obsessivos se caracterizam por unir satisfação e proibição de modo mais evidente.

3.2.3. Sobre gozo.

Se Freud utiliza a expressão ‘gozo’ como satisfação da pulsão sexual, Lacan complexifica este conceito ao longo de seu ensino. No seminário *A ética da Psicanálise* (LACAN, 1959), ele ainda define gozo apenas como a satisfação de uma pulsão. Portanto, será isto que *entenderemos aqui por gozo: satisfação de pulsão*, mesmo que de morte, daí os excessos, o sofrimento, o mais além do princípio do prazer. “E o gozo, quando não articulado ao significante, predominantemente pulsão de morte, é experimentado como sofrimento” (TOLIPAN, 1991, p.53). O desdobramento feito por Lacan do conceito não

² Comentaremos logo adiante este conceito.

será utilizado por nós, como já dissemos na introdução deste trabalho, visto que nosso objetivo é o de trabalhar com Lacan até o momento do seminário cinco.

Uma dificuldade com a qual nos deparamos nesta pesquisa é a de que a grande maioria dos autores lacanianos utiliza o conceito de gozo tal como Lacan o propôs mais ao final de seu ensino. Neste momento, o gozo é compreendido como algo oposto ao desejo: enquanto este implica uma abertura, sempre insatisfeito, aquele remete à presença de objeto (objeto ‘a’ do qual não falaremos também, mas se que refere ao que sobra na operação da metáfora paterna, aquilo que não ficou sob o manto do significante). Mesmo assim, tentaremos articular nosso pensamento com o destes autores, buscando formular nossas idéias.

3.2.4. A relação com o pai.

No obsessivo, a vivência precoce de um ‘excesso’ na relação com a mãe faria com que seu gozo se configure como algo mais perigoso e temível diante de uma possível cólera do pai, no entanto tornaria sua intervenção castradora mais necessária. Daí, a maior ambivalência, o desejo de destruir e o medo de ser destruído pelo Outro.

A relação de tensão com o Outro, nos termos de uma rivalidade mortífera, origem de uma relação precoce que confere o privilégio de uma posição narcísica, em que um desejo parcialmente insatisfeito da mãe atribui o lugar privilegiado de ser um suplemento de gozo (PERES, 2005, p.371).

A estratégia obsessiva, diante do horror do gozo materno e da castração, é deslocar-se para o lado do pai. A fim de apagar os vestígios deste gozo, coloca-o como reservado ao pai, fixa-o do lado do morto, embora depois se identifique com este, de modo a ocupar o lugar de morto, eis a ‘oblatividade’ obsessiva.

Gazzola (2002) nos fala do duplo aspecto do gozo no obsessivo: ora sentido como estrangeiro, ora sentido como subtraído e reivindicado. Para gozar, existe uma condição: a morte do pai e é exatamente por isso que este pai não pode nunca morrer: para que o

sujeito não precise confrontar-se com seu desejo, deixando que este permaneça na esfera do impossível.

Kehl (1999) observa que no momento da escolha da neurose, o obsessivo desloca-se para junto do pai, “[...] aposta tudo na recuperação de seu lugar de exceção, agora junto ao pai, porta-voz da vontade paterna que ele confunde com a Lei” (p. 82). Quando criança será aquele que delata os colegas; quando adulto, será o síndico, o legalista, aquele que brada pelo cumprimento da lei, por mais que seja atormentado por desejos de transgressão. No obsessivo, teria permanecido a equivalência infantil entre pai e lei, fato que corrobora para que o gozo (enquanto satisfação da pulsão sexual) implique uma condição: a morte do pai.

A estratégia obsessiva de tornar-se aquele que pode tamponar a falta do Outro, mantém-se como ‘falo salvaguardado’. Tapa a angústia com o falo imaginário ou o desdobramento narcísico (AMBERTÍN, 2006). Na tentativa de recusar a castração no Outro, torna-se escravo de seu próprio jogo. O “sítio ao Outro” sempre fracassa e deve ser continuamente recomeçado, em um trabalho constante e exaustivo. Nas suas façanhas, tenta mostrar-se invulnerável e dedica a cena ao Outro espectador com o qual ele se identifica.

O obsessivo é aquele que luta pela restauração da integridade do Outro. Desta forma, como dirá Melman (1999), “tenta triunfar sobre a instância fálica”, tenta expulsar a instância representativa do desejo, da falta. A forclusão, como única defesa bem sucedida, que não deixa vestígios, seria uma ambição do obsessivo para livrar-se desta instância, já que o recalcado insiste em retornar. Na tentativa de forcluir a instância fálica, o Real, enquanto aquilo que está fora de simbolização, da ordem do traumático, pode aparecer. É o que ocorre com alguns obsessivos que têm delírios e alucinações, que parecem psicóticos, mas não são.

O problema é que o obsessivo tenta inutilmente forcluir: como ele operou uma simbolização do real, não há mais lugar para jogar fora. É essa a dificuldade. [...] o Nome-do-Pai é neles o que devidamente funcionou, e talvez mesmo, se posso dizer, um pouco demais! E é na medida em que eles estão engajados em um estado de defesa, de reação a esse efeito, que

eles estão engajados no processo de forclusão da instância fálica que se instala a dimensão do real (MELMAN, 1995, p. 55).

Se, no psicótico, há a foraclusão da instância fálica; no neurótico, há o recalque que não deixa de marcar em seus retornos, certa falha na incidência da função paterna. Cabas (1982) considera que existe uma grande diferença entre o que ocorre no caso de Schreber e do Homem dos Ratos: no primeiro, trata-se de uma função que não se materializou, em absoluto. Já no segundo, trata-se de uma função que se constituiu de forma falida (p. 284).

É bom lembrarmos que em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924c) ressalta que em ambas as estruturas, há uma perda da realidade. Em um primeiro momento, na neurose, o eu se renderia à realidade, sacrificando uma exigência do id, enquanto que na psicose, o eu se coloca a serviço do id, rejeitando uma parte de realidade. No entanto, em um segundo momento, segue-se, em ambas, uma tentativa de ‘reparação’. “Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição [...] a adaptar-se às exigências da realidade” (Ibid., p. 231). Sendo assim, o que o neurótico tenta rejeitar é aquilo que ele viu, ou seja, a instância representativa da lei, enquanto o psicótico tenta construir o que não viu. A tentativa obsessiva de ‘foracluir’ a instância fálica é bem condizente com o dialeto desta própria neurose que se caracteriza, dentre outras coisas, em afirmar negando, em anular retroativamente aquilo que foi colocado num primeiro momento, em tentar, em vão, foracluir o que já foi estabelecido.

A foraclusão fracassada do falo, ainda com Melman (1999), seria aquilo que vem assegurar a significância de certas formações obsessivas: o ceticismo (enquanto recusa de dar crédito ao que pode ser falado, como se houvesse sempre algo do Real³ que escapou), o horror a um ato horrível que lhe aparece como uma injunção, que não se trata de realizar, mas que o aterroriza e invade seus pensamentos.

Jerusalinsky (1999) também fala sobre a tentativa de foraclusão na neurose obsessiva. Aí, não se trata de foraclusão de um processo, mas de significantes. Assim, quando nada lhe responde, o sujeito precisa convocar um pai no Real. O autor diz que “[..]

³ Real, aqui, entendido como aquilo que resiste à simbolização.

o problema do neurótico obsessivo é que o pai tem uma extensão indefinida: ele pode ser desde a menor até a maior enormidade” (JERUSALINSKY, 1999, p. 66). O obsessivo não consegue ficar tranqüilo, ele nunca sabe bem onde está o pai, até onde este comparece e se é possível contar com ele. Por isto, precisa ficar refazendo o pai a cada instante, palavra após palavra, minuto após minuto, o que acaba por configurar um sintoma torturante para o sujeito.

E a configuração de idéias obsessivas, repetitivas, totalmente fechadas e configuradas, é uma tentativa de dar uma versão definitiva a isso que não pára, como demanda do Outro, de constituir-lhe uma posição paterna, que é a demanda do pai de Hamlet (JERUSALINSKY, 1995., p. 68).

Lacan, no seminário *O desejo e sua interpretação*, dedica sete encontros à análise da peça de Shakespeare, na qual Hamlet é colocado como um possível obsessivo. O fantasma do pai de Hamlet lhe pedia que o filho salvasse sua honra, já que havia sido morto ‘na flor de seus pecados’, e apenas assim, poderia descansar em paz. Trata-se de um pedido para que o filho lhe assegure seu lugar de pai. No entanto, as ‘falhas’ neste pai parecem dificultar a sua simbolização, ou seja, sua morte (LACAN, 1986).

No obsessivo, o Outro lhe demanda a constituição de uma posição paterna, uma espécie de asseguramento de seu posto. “Não se trata de refazer a posição fálica do pai, pois esta ele já detém [...], significa refazer o pai com o qual o sujeito está identificado. Tanto quanto o pai, ele está em perigo” (JERUSALINSKY, 1999, p. 68). Identificado ao pai, o sujeito tenta restaurá-lo em sua integridade, e o autor afirma que, na neurose obsessiva, existe uma não-solução de continuidade entre o pai e o sujeito, confundindo quem está vivo com quem está morto, qual é uma geração e qual é a outra.

A dívida do Outro não poderá nunca ser quitada, pois, assim, o pai poderia, por fim, morrer em paz. O obsessivo é aquele que se esforça para não matar o pai no sentido de separar o pai real do simbólico, passar a ver o pai real como um outro qualquer, mas que pode legislar. Há o investimento fálico imaginário no pai, mas não há uma simbolização que seja suficiente para apaziguar este assustador pai imaginário. Gazzola (2002) vem

dizer que a estratégia obsessiva é exatamente essa: a de fazer o pai imaginário coincidir com o pai simbólico. Veremos como isto ocorre, mais adiante.

3.2.5. O pai no Homem dos Ratos.

No caso do Homem dos Ratos, não fica aparente algo que remeta a uma possível relação mais erotizada da criança com a mãe. Entretanto, Dorey (2003) argumenta que a sedução materna pode ser apenas a partir de um desejo recalcado na mãe, que pode manifestar-se até através de formações reativas tais como excesso de pudor, frieza, retenção, austeridade, distanciamento em relação ao filho. A mãe também recusa reconhecer o desejo equivalente do filho, o que faz com que, para este, o desejo se configure como proibido desde as origens.

Acreditamos que seja este o caso do Homem dos Ratos, visto que todas as manifestações eróticas do menino se dirigiam para as figuras das babás e governantas. Isso revela que esta descarga libidinal não teria canal na relação com a mãe. Em relação a esta, o Homem dos Ratos refere-se com nojo a elementos relacionados à genitalidade tais como seus relatos sobre uma secreção amarelada que ficava na calcinha da mãe, talvez alguma doença contraída na relação com o marido. No discurso do Homem dos Ratos, é freqüente que, a sexualidade em relação à mãe, não se configure como desejada, mas como repudiada, o que revela a entrada da criança na formação reativa frente a seu desejo. Este, presente de forma bem intensa, revela-se nas brincadeiras eróticas da criança. A origem desse desejo, podemos atribuir à mãe, mas esta já se configurava para o menino como interdita, tanto que seu desejo já precisava buscar substitutas aos três anos de idade.

Dorey (2003) acrescenta um outro dado importante para a discussão: o fazer-se sadizar pelo Outro na neurose obsessiva pode ser a expressão de uma sedução vivida de forma passiva, que não deixa de ser uma forma de controle. O Outro é reduzido por meio da sedução. Domina-se quem o submete, impondo, por vezes, um desejo. Por outro lado, a posição de submissão o protege da possível vingança que o pai pode exercer sobre o filho que passa a assumir uma posição feminina frente ao pai. A violência, todavia, também pode manifestar-se de forma ativa, reproduzindo de forma invertida a relação que se viveu com a mãe.

A ‘dúvida’ do obsessivo em relação ao direito do pai ocupar a posição paterna e certo ‘excesso’ deste pai comparece nomeado de diferentes formas no discurso psicanalítico. Dorey (2003) fala do pai do obsessivo como uma figura ambígua (p.125), Coelho e Nascimento (1997) falam da impostura e da honra duvidosa do pai (p.54), Caligaris (1989) fala de “pai incastrado” na neurose obsessiva (p.58), Cabas (1982) utiliza também o termo ‘impostura’ (p. 281). Melman (1999) diz que na neurose obsessiva, o Nome-do-pai operou um pouco demais (p.55), Khek (1999) afirma que o obsessivo não admite morte do pai (p.81), Jerusalinsk diz que o pai tem, para o obsessivo, uma extensão indefinida (p.66). Dor (1994) fala que a imago paterna torna-se onipresente na neurose obsessiva, Mees (1999) menciona que nesta neurose, o Outro demanda ao obsessivo que lhe constitua uma posição paterna (p.39). Veremos adiante o de que modo cada autor contribui para a nossa discussão e o que nesta se torna possível demonstrar a teoria e/ou oferecer impasses para ela no que diz respeito à atuação do pai.

O aspecto da ‘*dupla dívida*’ - no jogo e com a moça pobre - seria o ponto central da construção imaginária de um pai ‘falho’, de honra duvidosa. Outros elementos, embora de menor importância, somam-se a isso, o que acaba por reforçar a idéia. A esposa o via como um grosseiro e colocava-se como moralmente superior a este homem. O paciente em seu relato denuncia a impostura do pai, narrando episódios em que este se excedia na violência e, quando ‘abusava de sua autoridade, querendo sentir que tudo provinha dele’, quando, na verdade, ele dependia do dinheiro da mulher.

Dorey (2003) em seu comentário sobre a neurose obsessiva cita exatamente um caso clínico semelhante em que a mãe se colocava como moralmente superior ao marido e este apresentava uma imagem ambígua: correção por um lado e passionalidade do outro. Caso bem semelhante ao do Homem dos Ratos, em que o pai era do exército, da ordem e, no entanto, apresentava um comportamento e uma honra duvidosa. Este pai chegava, inclusive, a incentivar o filho a tirar dinheiro da carteira da mãe. O autor comenta ainda que a mãe do obsessivo de uma forma geral apresenta certa assexualidade em relação ao marido, o que torna seu desejo mais enigmático para a criança.

Como já falamos anteriormente, o que há é ‘insatisfação’, portanto acreditamos que ‘assexualidade’ não seria bem o caso, a não ser que isto compareça como uma tentativa de negação do desejo insatisfeito. Para o menino, paira uma desconfiança em

relação ao desejo do pai homem pela mãe. Esta teria lhe interessado apenas pelo dinheiro? Para o menino, uma pergunta o intrigava: teria o pai cedido em seu desejo?

Configura-se um cenário fantasístico a partir dos elementos reais, no qual, para a criança, há dúvidas quanto ao direito deste pai de ocupar a posição paterna, enquanto aquele suposto detentor do falo e de um direito a mais sobre a mãe. Para o obsessivo, configura-se que talvez este pai já não seja muito merecedor deste posto e que, além disso, quem deveria ocupar tal lugar poderia ser, para o sujeito, ele mesmo, embora tal seja muito perigoso. É aí que reside seu impasse: é necessário um Pai, ao mesmo tempo em que se deseja destruí-lo.

Quando no discurso da mãe e na configuração desejante, há brechas para duvidar deste direito, torna-se preciso construir uma figura perfeita deste pai, para, através desta, ocultar sua inconsistência.

Armado de seus sintomas, o Homem dos Ratos buscava de todas as formas encobrir este embuste e suas ambigüidades, criando e sustentando uma figura irrepreensível, perfeita, um pai absoluto. Imagem que lhe servia para, através da idealização, ocultar sua inconsistência. Nomes do pai na tentativa de tamponar a falta estrutural no Outro (COELHO; NASCIMENTO, 1997, p. 55).

Em seu mito individual, o Homem dos Ratos reordena elementos da constelação familiar a fim de retificar faltas e salvar a figura do pai herói. Acaba, no entanto, por ficar prisioneiro de sua própria fantasia. Em uma construção quase delirante, arma para si uma dívida impossível de ser paga e, para isto, impõe-se a si próprio uma série de regras em relação a este pagamento, o que acaba por torná-lo impossível. Desta forma, este pai devedor não morre nunca, permanecendo vivo no imaginário do sujeito. Isto revela o medo do sujeito em assumir seu desejo.

Todo esse esforço para não matar o pai; para não ter que separar o pai (real) da Lei (isto é, simbolizar o pai) [...] Todo esse esforço para conservar a equivalência (infantil) entre o pai e a Lei. Para não ter que ocupar seu lugar entre os irmãos parricidas que, que fizeram valer seu

desejo e instauraram o pai simbólico, para proteger-se da barbárie, do próprio desamparo (KEHL, 1999, p. 91).

Mantendo a equivalência infantil entre pai e Lei, evita-se simbolizar o pai no sentido de separar o pai real do pai simbólico, de modo que a imagem daquele sempre retorna para barrar qualquer tentativa de satisfação de algo da ordem do sexual. O obsessivo cria para si um terrível pai imaginário, ameaçador e gozador, um mestre obscuro que goza e não permite gozar, um pai imaginário difícil de simbolizar que reaparece representado em diversos outros personagens da sua vida, no caso do Homem dos Ratos, como o capitão cruel que teria prazer em impor um suplício anal.

Gazzola (2002) afirma que o pai do Homem dos Ratos, devedor e suboficial, “subpai desfalecente” ainda precisou de um “enxerto fálico” da mulher (o dinheiro), é também indestrutível, permanecendo bem vivo em sua dimensão imaginária. Este pai-fantasma passa a ser evocado no pensamento obsessivo, para impedir o sujeito de usufruir de sua sexualidade: pode chegar a qualquer momento (fantasma) ou algo de ruim pode ocorrer com ele (suplício), embora já esteja morto.

Os rodeios intermináveis em torno da questão do pagamento da dívida são tentativas de restituir o lugar paterno, salvar a honra do pai. Seria o ‘refazer o pai’ de que fala Jerusalinsk (1995), refazer o pai com o qual o sujeito está identificado e, desta forma, restituir-lhe seu devido lugar simbólico. O interessante é que, na ‘encenação’ de pagamento, ele denuncia a dívida do pai, muito mais do que a paga, ao mesmo tempo em que se faz de herói. O blefe que o obsessivo denuncia é a inconsistência no Outro, que o faz sofrer ainda mais, quando ele a pressente refletida em si mesmo (KEHL, 1999, p. 81).

Freud (1905b) aponta o elemento desencadeador da neurose como a escolha entre a moça rica ou a dama da qual gostava, o que o colocou em situação semelhante à do pai e desencadeou uma série de sintomas. Mas o agravamento de sua neurose ocorreu quando ouviu o relato do suplício. Isto remeteu o paciente de Freud à sua fantasia sádica (ocupar uma posição feminina em relação ao pai), articulando o prazer anal a equivalentes simbólicos de pênis (rato- dívida- dinheiro- fezes- bebês- ele mesmo- pênis) feito a partir de um deslizamento metonímico que é bem presente na neurose obsessiva (RIBEIRO, 2003). Esta articulação entre sadismo e satisfação anal passou a ser feita pelo novo sintoma: medo de que algo acontecesse ao pai ou à dama. Exemplo claro de como a

sexualidade no obsessivo carrega mais fortemente a marca do erotismo e da agressividade, herança da forma como foi vivida a fase anal neste sujeito.

É importante lembrar o episódio em que o pai, após dar uma surra na filha, comenta ‘o cu dessa menina é uma pedra’, que o Homem dos Ratos associou fantasisticamente a estupro, um ato sexual violento. Em relação à fantasia do ‘estupro’, Gazzola (2002) afirma: “[...], ele recebe aí do Outro a marca desse gozo sádico [...] que aparece para o paciente como estrangeiro” (p. 142). Isso reforça a relação analidade-sexualidade-violência que depois se observa na excitação sentida pelo rapaz com as nádegas das mulheres, além do episódio em que bate no traseiro da irmã em sua infância. Além disso, em uma das fantasias narradas a Freud, fala de uma relação sexual com uma mulher que se daria pela união dos dois através das fezes.

A tentativa de controlar o gozo é feita, dentre outras formas, pela relação com o ideal. Ele tenta separar amor de sexo, a dama é idealizada através de um amor cortês. Isto permite adorá-la sem se arriscar. A fuga da sexualidade através do ideal sempre falha, pois ele acaba por se excitar com obras de arte. Além disso, o ideal fracassa em sua função, quando ele imagina o suplício ocorrendo com sua dama, de forma que a irrupção de algo da ordem do sexual vem sujar o ideal construído exatamente para barrá-lo.

A posição do pai enquanto gozador podia ser entrevista, quando se refere ao pai como vulgar, que usava com frequência palavras obscenas, mas que ao menino era proibido. Um dia, apanhou, do próprio pai, porque falou ‘cu’. De forma que o gozo, mesmo que através das palavras, lhe era subtraído, configurava-se como reservado ao pai. Essa tentativa de gozar pelo significante retorna através de enunciados que desvalorizam a função fálica, tais como os xingamentos a Freud.

Isto nos lembra o episódio ‘Sua toalha! Seu prato!’, em que o menino xingava violentamente o pai, como se o matasse, colocando aí um poder mortífero nas palavras, revelando a onipotência do pensamento infantil que tentava reduzir o pai a objetos inanimados. O pai deve ter sentido do que se tratava e replicou: ‘esse menino será um grande homem ou um grande criminoso’, momento em que o pequeno recebeu seu destino, já que se submete ao imperativo do pai e sexualiza a palavra e o pensamento. Palavras que foram tomadas “[...] com a força de um vaticínio. O obsessivo crê na palavra, na força da palavra, em seu poder e faz da palavra sua religião particular” (RIBEIRO, 2003, p.34). Será um grande neurótico, como diz Freud.

A castração teria sido bem efetuada no caso do Homem dos Ratos. No episódio com a babá, o pai teria cumprido sua tarefa de pai real, porém um pai terrificante se instala. E as ‘falhas’ do lugar simbólico do pai na família atrapalham sua simbolização. O pai real operou a castração, mas ocupa um *lugar simbólico degradado na família*, além de ter falhado em seu desejo (GAZZOLA, 2002, p. 64- grifo nosso).

A estratégia obsessiva, segundo o autor, será a de promover um apagamento do pai real e promover o pai imaginário a pai simbólico. No entanto, o apagamento do pai real, agente da castração, coloca uma dificuldade para a assunção da castração, para a passagem do ser ao ter, reforçando a identificação fálica do sujeito. É o que Dor confirma quando diz “[...] existe sempre no obsessivo uma incerteza constante entre o retorno regressivo a uma identificação assim [fálica imaginária], e a obediência à Lei e às implicações que esta supõe (Ibid, p. 99)”. Assim, o obsessivo se forja como aquele que pode suprir o que falta ao pai, garantido a posição paterna deste, ao mesmo tempo em que denuncia sua inconsistência.

O obsessivo se dedica a operar praticamente uma negação desse pai real, substituindo-o pelo pai imaginário, logo posto em equivalência com o pai morto. Bem, é preciso que ele pague o preço desse assassinato [...] por que esse apagamento do pai real, agente da castração, para a passagem do ser ao ter – o que trabalha no sentido de reforçar a identificação fálica do sujeito (GAZZOLA, 2003, p. 70).

Dor (1994) diz que o obsessivo, engajando-se em situações de desafio, luta para, ao final, perder, certificando-se do poder da instância castradora. Além disso, há uma inflação fálica na realidade do obsessivo, uma invasão em sua realidade de significantes fálicos, que o impele a um deslizamento metonímico em seu objeto de desejo, dificultando sua escolha.

Esta falicização se observa, por exemplo, na equação metonímica do Homem dos Ratos (rato- dívida- dinheiro- fezes- bebês- ele mesmo- pênis). Segundo Gazzola (2002), esta inflação fálica seria uma presentificação do retorno do significante fálico excluído, através da função do falo imaginário como forma reduzida e degradada do falo simbólico,

“[...] equivale também, arriscaríamos dizer, ao retorno da função, igualmente reduzida e degradada, do pai real” (p.70).

Entendemos com isto que os elementos fálicos também se revestirão de um ‘tom degradado’, tal como pai real que era fálico, porém ocupava um lugar degradado na família. O fálico é ao mesmo tempo o nojento, o sujo, o qual é melhor evitar, o que pode contaminar (tal qual o rato-pênis que pode transmitir sífilis), além de ‘ordinário’ como dizia a mulher para o marido. O falo deste pai era ‘ordinário’, ou seja, não pertencia a uma ordem privilegiada. Gazzola (2002) fala ‘função degradada’, o que nos leva a compreender que, para que se constitua uma neurose obsessiva, o sujeito deve adotar a estratégia de manter com certa segurança sua identificação narcísica ao falo, e, ao mesmo tempo, estabelecer um pai real que seja digno de reprovações (impostura, dívida, honra duvidosa, etc.). Assim, consegue-se que a simbolização do terrível pai imaginário, que se estabeleceu como forma de barra possível diante do excesso experimentado na relação com a mãe, seja dificultada. Desta forma, o pai, nunca completamente morto, faz com que o sujeito recue em seu desejo e viva para garantir a integridade deste pai, possibilitando que o indivíduo não se veja reduzido à condição de objeto de gozo para o Outro.

Pensamos que o gozo encontrado na tortura dos ratos é somado ao imperativo ‘tu deves pagar’ pelo assassinato do pai. O pagamento forjado através da dívida é creditado a um Outro intolerável, obsceno e cruel - o capitão – que exhibe um gozo desregulado, diante do qual o sujeito tenta defender-se através de uma nova forma, por meio de significantes: sua gramática. ‘*Samem*’ e ‘*tantos florins, tantos ratos*’. “Ele tenta pagar ao credor de tal gozo com significantes e não com pedaços de seu corpo” (Ibid., p. 69). O supereu que emana a voz do Outro de gozar do corpo do sujeito, imperativo categórico do qual se tenta fugir, mas talvez não se consiga escapar.

O neurótico obsessivo vive por conta do Outro, tem com este uma enorme dívida tanto pelo intenso desejo parricida quanto pela ‘salvação’ que a castração lhe proporcionou. Por isto, deve pagar. Gazzola (2002) afirma que a dívida neste caso específico foi paga com a própria vida. Lacan já havia apontado para isto. Bem, o fato é que o rapaz acabou por morrer em campo de batalha, em nome da pátria. É bom ressaltar que pátria vem de do adjetivo *patrius* que “[...] refere-se não ao pai físico, mas ao pai no parentesco classificatório” (BENVENISTE, p. 150-151, 1969 apud JULIEN, 1997, p.14).

Teria, então, quando nenhum arranjo significativo pôde mais garantir este lugar, dado a própria carne em nome do pai?

3.3. O pai e a fobia.

O horror da criança (frente ao Outro que goza de seu corpo e o assujeita) é amenizado com a entrada em cena da lei do pai, que lhe permite sair da condição de objeto. Isso, no entanto, não se dá de uma só vez, trata-se de um processo com etapas que ocorrem em tempos lógicos. Para que uma criança adentre no terreno da lei do pai, é necessário que a mãe permita essa passagem, a criança queira fazê-la, e o pai saiba proferir a lei. Este processo que diz respeito à regulação do desejo, do gozo⁴, do lugar do falo e da lei dentro da triangulação edipiana será vivido diferentemente na particularidade da vida de cada sujeito.

A separação, a operação da perda do objeto, de reconhecimento da falta no Outro e conseqüentemente da própria falta, também não se dá de uma vez. A princípio, no momento da privação, a criança vive uma falta real promovida por um pai imaginário. Este é o pai terrorífico, atemorizante, supostamente detentor do falo, com quem a criança rivaliza. É o pai amado, idealizado e, ao mesmo tempo, odiado. A operação da privação produz sofrimento no sujeito, diferentemente da castração que tranqüiliza e pacifica. Para que a entrada na lei do pai aconteça, este pai imaginário e a falta precisam ser simbolizados. Não basta ao ser humano que as coisas fiquem no plano do imaginário, este é meio fora de controle, desmedido, por vezes, extremamente inquietante. É o simbólico que vem apaziguar as formações imaginárias.

Para que o pai entre no terreno do simbólico, ele deve fazer-se significativo. A lei do pai regula as relações, determina espaços, legisla, limita o gozo e permite viver mais tranquilamente. O falo no simbólico dá ao objeto de desejo uma forma e um nome, e pode ser inserido no circuito das trocas. A vida e os significantes passam a ser referidos a um significante-mestre que valora e organiza o mundo do sujeito.

Falemos de real agora como aquilo que não pode ser simbolizado pelo sujeito, portanto, da ordem do trauma. O imaginário é da ordem do sentido e está continuamente

⁴ Reiteramos que este termo será por nós utilizado para designar satisfação de pulsão.

exposto à invasão do real. O simbólico faz face frente ao real traumático e reconstitui o imaginário incessantemente (JORGE, 2002).

Quando as instâncias e elementos que ocupam o lugar do Pai, do significante fálico não são suficientes ou não comparecem, o sujeito vê-se desamparado pelo simbólico, entregue ao imaginário e ao real e disso vem a angústia da qual a neurose permite se defender. A angústia surgiria no desamparo significativo, diante de uma vivência cuja representação psíquica não se faz de modo suficiente para que o sujeito possa lidar com sua experiência. Esta é sentida como algo da ordem de um excesso que incomoda. A fobia permite uma construção simbólica que encobre o real com um manto de significantes, possibilitando certa tranquilidade ao sujeito.

Desde Freud (1926), sabemos que a angústia comparece na falta de objeto definido, enquanto que a fobia tem um objeto delimitado, de modo que permite que o sujeito se proteja e mantenha distância. Freud comenta que a análise das fobias demonstra que estas se constituem como defesa em relação a exigências pulsionais e também possibilitam deslocar para fora ‘perigos internos’. Por Lacan ter elaborado o conceito de ‘objeto a’ e ter nomeado a angústia como aquilo que surge no confronto com este objeto, considera-se que há uma descontinuidade entre Freud e Lacan no que diz respeito à angústia, pois, para o primeiro, seria ‘ausência de objeto’ e, para o segundo, ‘presença de objeto’.

Dunker (2003) resgata o discurso econômico em torno da fobia, retomando os primeiros textos freudianos sobre as neuroses atuais que versam sobre um vazio representacional em torno de uma libido com a qual o aparelho psíquico não saberia lidar. Em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1926), Freud modifica sua tese sobre a angústia ser uma libido transformada e afirma que a angústia viria antes da castração.

Dunker (2003) entende as duas elaborações como não excludentes no sentido de revalorizar o aspecto econômico envolvido na questão. É isto que permite que todo sujeito possa sentir angústia ou ter uma fobia, mesmo que esta não seja um sintoma estrutural. Ele propõe que, considerando o falo simbólico e o ‘objeto a’ como dois operadores lógicos do psiquismo para lidar com a falta, quanto mais o sujeito se aproxima do primeiro, menos gozo e mais representação fálica. Quanto mais se aproxima do segundo, mais gozo e menos inscrição fálica. A angústia seria um ‘erro no cálculo neurótico do gozo’, um excesso de “gozo sem nenhum suporte fálico especular” (p.200), ou seja, em termos

freudianos, uma libido sem representação psíquica. E isto que é da ordem do que está fora do campo da lei, do campo fálico seria, portanto, relacionado a algo que escapa à castração.

Ambertín (2006) propõe pensarmos a questão da angústia de outro modo: Freud fala da ausência do objeto libidinal, enquanto Lacan, com o conceito de Real, fala de ‘objeto a’. Mas se para este o real é exatamente aquilo que se descortina quando o simbólico não comparece, a ausência do objeto libidinal, que é da ordem do significante, revelaria o real, ‘objeto a’. Para a autora, não há, neste sentido, descontinuidade entre Freud e Lacan. Por julgarmos da mesma forma, adotamos esta mesma perspectiva.

A fobia como defesa frente à angústia vem a ser a neurose infantil por excelência, visto que a criança ainda está no momento de passagem pelas operações implicadas no processo de castração. “Não há neurose infantil sem fobia, já que esta intersecciona angústia e castração e a possibilidade de que o inconsciente, estruturado como uma linguagem, consiga produzir um saber não-sabido que circunscreva a questão da sexualidade” (AMBERTÍN, 2006, p. 60). Na clínica com crianças, há uma predominância de questões em torno da angústia. Esta levaria à inibição e ao sintoma, na tentativa de articular uma questão em torno da falta no Outro. Desta forma, seriam predominantes episódios de angústia e/ou fobia em crianças, embora no adulto isto também possa acontecer. A autora afirma ainda que isto não permite dizer que o sujeito continuará nesta neurose que é constituída pelo estabelecimento de um desejo “receoso”. A formação de uma fobia na criança

[...] não diz, ainda que a posição de seu desejo receoso frente à falta no Outro seja definitiva. Se a neurose é a posição do sujeito ante a falta do Outro por meio da demanda, e se o desejo insatisfeito fala da histeria, o impossível da obsessão e o receoso da fobia, a passagem para a neurose infantil através da fobia não assegura a permanência no desejo receoso (AMBERTÍN, 2006, p. 73).

3.3.1. A relação com o desejo da mãe.

Como não é possível falar da atuação do pai sem articulá-la à questão da relação com o desejo da mãe, vamos primeiramente discorrer a este respeito.

Antes da entrada no Édipo, a criança ainda se encontra no jogo especular com a mãe, imaginariamente identificada ao falo materno, como uma espécie de extensão do corpo da mãe. Rilho (2002) fala de “corpo conjugado”, “ficção compartilhada entre mãe e filho” (p.14). Se a criança instala-se neste dispositivo, é porque encontra, no lugar do desejo materno, uma brecha para que se coloque enquanto objeto de satisfação. “O corpo conjugado da fantasia infantil é uma mentira verdadeira da relação mãe-filho” (Ibid., p. 14). Se o filho se coloca aí é porque a mãe compartilha o desejo de que ele ocupe este lugar. Talvez mais que a mãe do obsessivo, uma vez que esta dirige seu desejo a um terceiro lugar, embora se revele ao filho como insatisfeita. Já a mãe do fóbico, por algum motivo, não configura muito diante do filho que seu desejo se dirige ao homem, ela demonstra intensa satisfação na relação com a própria criança.

Este posicionamento do sujeito como objeto de satisfação do Outro promove o medo de ser destruído, aniquilado, devorado. Por isso, Lacan referir-se ao pai como o graveto que impede a boca do jacaré de fechar-se. Na falta de ‘um graveto’, a criança pode recorrer a dispositivos de suplência, construindo ela mesma um graveto-pai substituto, o objeto fóbico. Rilho (Ibid.) ainda considera que o objeto fóbico é o quarto elemento (o falo simbólico), um objeto significativo necessário para sair da relação imaginária mãe-filho-falo e ingressar na ordem simbólica com o pai. A fobia é compreendida como uma “experiência de borda” entre o campo do sujeito e o campo do Outro, ou seja, aquilo que fará limite entre o sujeito e o Outro, promovendo a separação e a desconstrução do ‘corpo conjugado’.

Semelhante ao que Ambertín (2006) elabora: “[...] por meio da fobia como sintoma, [a criança] demarca um limite, um contorno à invasão do Outro materno” (p. 75). Ela considera a angústia proveniente da posição desamparada do sujeito frente à falta do Outro, angústia produzida pela satisfação (da ordem da pulsão de morte) de ocupar este lugar de objeto de gozo do Outro. A fobia é entendida como “engano neurótico bem sucedido para a pulsão”, como forma de construção simbólica de um objeto significativo que possa barrar esta satisfação da ordem da pulsão de morte. Isto nos permite ver “[...] a fobia como um sub-rogado, como substituição dos perigos internos, do acossamento

pulsional – acossamento pulsional do Isso e do supereu que provoca a angústia – a fobia como êxito possível [...]” (AMBERTÍN, 2006, p. 60). Ela considera não só o acossamento do isso como fonte de angústia, mas também o supereu que é, em parte, articulado ao imperativo do capricho materno, impelindo o sujeito à não castração. O supereu em sua faceta de ‘herdeiro do complexo de Édipo’ e, daí, entenda-se de algo da ordem da lei do pai, seria uma restrição insuficiente para a angústia, pois, através de sua outra herança, ele mesmo também impele o sujeito à satisfação das exigências do Isso. A fobia seria seu “artifício-suplência”.

Ambertín (Ibid.) comenta ainda duas formas de angústia: uma mais primitiva, relacionada ao horror frente ao gozo do Outro, uma angústia de ser devorado, engolido, tornar-se um nada; e uma outra angústia, de castração. “A angústia de castração, que se situa na criança em uma dimensão francamente fálica, ressignifica as angústias iniciais de devoração materna [...]” (p. 71-2). Isto se relaciona com a elaboração de Freud (1926) de que cada etapa da vida tem seu objeto de angústia, e, seguindo a proposta de manter a continuidade entre este e Lacan, entendemos, portanto, a angústia como um afeto proveniente basicamente da relação do sujeito ante a possibilidade de aniquilamento (relacionado ao ‘ser’) e/ou da castração (relacionado ao ‘ter’).

3.3.2. A relação como pai.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud ressalta que nas fobias das crianças se produz, de alguma forma, um equivalente ao totemismo com marca negativa, ou seja, o objeto fóbico compreendido como ‘totem’, aquilo que é da ordem do simbólico, do pai morto, que sustenta as proibições e um sistema de legalidade, objeto substitutivo da função paterna. Nas fobias infantis, “[...] a função paterna opera como totem que sustenta o sistema de proibições que produz um salto clínico de pacificação nas crianças” (AMBERTÍN, 2006, p. 73). O objeto fóbico permite manter uma distância regulada em relação à mãe e conseguir um laço mais pacífico com o pai, fugir da ambivalência que a relação com este comporta, o que remete ao que Freud (1926) fala sobre ‘permutar’ um perigo pulsional interno por um externo.

Ocorre que, em um determinado momento, faz-se necessária a construção de um objeto substituto, supostamente porque algo da ordem da realidade falhou em sua função de suporte e transmissão da lei. Deste modo, a lei não sendo suficientemente inserida no

contexto relacional, deixa a criança desamparada frente a um Outro materno que goza de seu corpo, no qual nada ainda veio constituir-se como barra. Sabemos que ***a lei precisa de um suporte no real*** e a fobia constitui-se como uma montagem simbólica da castração. A eleição de um objeto fóbico oferece suporte a investimentos simbólicos e imaginários, de modo que se abre para o indivíduo uma possibilidade de simbolização da lei, por mais que a eficácia da simbolização através desta ‘outra via’ seja discutível, como ressalta Lacan.

Na passagem da operação de privação para a castração, o pai imaginário vira pai real, “um pai como qualquer outro, mas que pode legislar” (AMBERTÍN, 2006, p. 94). O pai real transmite a lei que pacifica e ordena as relações. Já o pai imaginário da privação é ameaçador e não proibidor,

[...] dele não surgem proscricções, mas ameaças de pena. Em lugar de legislar e regular a distância entre o menino e o corpo incestuoso da mãe – laço materno com a lei – apenas potencializa a angústia porque não legisla desde a palavra, mas vocifera ameaçadoramente [...] impõe o gozo desde sua vociferação (AMBERTÍN, 2006, p.87).

O pai privador é necessário para a entrada no Édipo, porém não o suficiente. O que sobra de não simbolizado deste pai permanece como ‘pai vivo’, que convoca ao gozo superegóico com sua incidência sádica, que pune desde suas insensatas ameaças. Fica um registro de pai rival - “imagem bruta do pai” que não legisla.

Na neurose obsessiva, este lado do ‘pai vivo’ do supereu fica mais evidente devido à dificuldade do sujeito em simbolizar o pai imaginário, de modo que o indivíduo permanecerá mais sujeito ao perigo que este representa, engajado na rivalidade, temendo as ameaças paternas e evitando o gozo sexual, por este ser reservado ao pai. A única via para o exercício do gozo torna-se o assassinato do pai, algo que o obsessivo tenta continuamente, mas não consegue de forma eficaz para garantir uma pacificação de seus sintomas. Ainda nesta neurose, os impulsos superegóicos conduzem o sujeito a retornar para si o que queria fazer ao Outro e impulsiona ao desejo de acting-out, “[...] como forma de pedido de auxílio ao outro da lei, um reclame por um pai que ponha bordas e cumpra sua função [...]” (Ibid., 2006, p. 89).

Apenas a operação de privação não é suficiente para a pacificação das pulsões e a entrada no terreno da lei simbólica. É necessário sair da relação imaginária fálica com a mãe para uma “[...] percepção castrada das relações, para o conjunto do casal parental, e responder pelo significado do desejo da mãe” (AMBERTÍN, 2006, p. 71). Neste momento, a criança precisa de um pai real, agente da castração, e pode transferir este lugar para um outro representante, o objeto fóbico. O fato é que a transmissão da lei precisa de um apoio *em um real que certifique o Outro*. A criança, através do objeto fóbico, tenta suprir a falta do pai real, “[...] graças ao artifício da fobia, procura um pai real, esse que Lacan ressalta na operação de castração [...]” (Ibid p. 72).

O fato é que o pai apenas como rival não é suficiente, o sujeito precisa do pai como avalista da lei. Em um caso clínico publicado por Sándor Ferenczi (2003) denominado “O pequeno Homem-galo”, o menino Arpad tenta construir uma fobia, mas não consegue. Não se sabe o que o menino deseja deste galo-pai, já que salta de felicidade a cada vez em que um galo é morto. Ele não constrói um substituto paterno para temer, mas para desafiar. Entretanto, não termina nunca de matar este galo-pai, ficando preso em sua própria armação imaginária.

Ambertín (2006) comentando o caso de Arpad, o entende como “um avesso da fobia”, visto que, para ela, o garoto constrói um ‘totem positivado’, ou seja, representa o pai, mas não enquanto proibição. Diz que o garoto até tentou inserir-se em uma série identificatória (pintinho - galo- cocheiro), na tentativa de identificar-se com o traço daquele que pode conduzir. No entanto, as tentativas do garoto de promover uma simbolização do pai através de seus operadores lógicos (galos e galinhas) não são favorecidas pelo entorno familiar que não sustenta o sistema de ficções do menino, por onde ele tentava articular alguma coisa, dizendo que aquilo ‘são apenas histórias’. E conclui que em Arpad “[...] falta o estabelecimento de uma integração simbólica, pois o menino não terminava de inscrever o Totem negativizado avalista da proibição do incesto e do parricídio” (Ibid., p. 91). E, para confirmar esta sua conclusão, cita o fato de o menino dizer que ia casar com a mãe, como se isto demonstrasse que a proibição do incesto não estivesse ainda bem inscrita no psiquismo de Arpad.

Em Hans, embora haja algumas intervenções atrapalhadas do pai, o menino consegue seguir em frente em sua articulação simbólico-imaginária, embora sua fobia fosse nomeada como ‘a bobagem’. O pai de Hans engajou-se neste processo e a ele deu

importância, empenhou-se na ‘análise’ da qual o menino tirou algum proveito ‘apesar’ dele, tal como no momento em que o pai diz: ‘não se deve pensar isso’, ao que o menino retruca, ‘é bom porque pode falar para o professor depois’.

Sobre casar-se com a mãe, é bom lembrar que, ao final de toda sua análise, Hans faz um comentário semelhante ao de Arpad. Ele se casaria com a mãe, e o pai com a mãe dele, demonstrando uma lógica do ‘cada um com sua mãe’. Podemos considerar isto como indício de algo da ordem de uma simbolização insuficiente da lei, ou desconsiderar, entendendo como apenas uma ‘brincadeira’, embora não tenha sido em tom de brincadeira que Hans tenha falado? Um pequeno retrocesso à posição inicial, mas passageiro? Uma demonstração do desejo que ainda o habita? Mas este não deveria estar recalcado? Seria, então, a revelação de um desejo recalcado através de um dito espirituoso?

É por esses e outros questionamentos que fica em aberta a questão de como ficou, ao final, a simbolização da castração para Hans. A castração, vivida ‘por uma outra via’, teria sido esta suficiente? Lacan chegou a afirmar que em Hans ‘não houve nenhuma simbolização do pênis’. *Nenhuma* não seria demais? Desta forma, o garoto não teria entrado no terreno da psicose? De qualquer modo, esta frase fica ‘meio solta’ no discurso lacaniano, ele concede mais ênfase à dúvida quanto à eficácia da simbolização da castração, embora Freud tenha considerado o caso bem resolvido.

Calligaris (1989) diz que o fóbico tem um saber sobre a inconsistência da metáfora paterna enquanto tal, a falha na instância do saber que protege da demanda do Outro. Isto faria o fóbico oscilar entre duas posições: tentar fazer valer um pai e o pavor diante de ser reduzido a um mero objeto de satisfação para o Outro. Ele defende a idéia de que isso originaria ‘duas faces da fobia’: a significantes, “por mais que este termo seja discutível” (p.61), que seria a objetos cortantes, animais; e a fobia de espaço (altura, lugares abertos) que remeteria o sujeito à dimensão do outro que demanda. Na fobia, o pai é “constitucionalmente insuficiente” e o sujeito revela “um esforço para produzir um excesso de pai” (Ibid., p. 61).

O autor não problematiza o que poderia conferir ao fóbico este ‘saber específico’ acerca da falha na metáfora paterna ‘enquanto tal’, ou seja, não seria algo de específico de como esta teria operado nele próprio, nada em particular, seria um ‘saber’. O que gerou este saber, no entanto, não é discutido. O fato é que ele reconhece no fóbico um ‘pai constitucionalmente insuficiente’ e um ‘esforço para produzir um excesso de pai’, o que de

certa forma se assemelha com o que foi falado até aqui de a fobia vir em suplência a uma carência na atuação do pai, embora ainda seja preciso especificar exatamente do que se trata essa ‘carência’.

3.3.3. O pai no pequeno Hans.

Na entrada do Édipo, o que está em questão é a assunção do falo como significante. Hans de início demonstra grande interesse por ‘pipis’, estes são o tema central de suas pesquisas e teorias sexuais infantis. O falo já era, então, um objeto central de interesse e elaboração psíquica. Diferenciava animais animados e inanimados, classificava os tamanhos, mas não marcava a diferença sexual. Entretanto, o simples ato de comparar não é suficiente para garantir a simbolização.

Rilho (2002) considera que a angústia de Hans era proveniente de um jogo do ‘tudo ou nada’: ou era a imagem que o Outro espera dele, ou é nada, perde-se no Outro, isto é, ou é o falo imaginário desejado pela mãe, ou não é o bastante, pode ser engolido, desaparecer. Já havia, neste contexto, uma agressividade característica do jogo especular em relação ao pai, com quem mantinha “uma rivalidade quase fraterna”, como Lacan já havia nomeado.

Coelho e Nascimento (1997) analisam o caso de Hans e afirmam que, ao menino, de início, não faltava nada, nada se constituía como ameaça, ele estaria no jogo imaginário de tapeação do desejo materno, engajado em uma relação com a mãe de sedução e exibicionismo. O início das ereções marca um momento decisivo em Hans, pois “[...] faltava-lhe um operador que lhe possibilite simbolizar suas ereções” (p. 51). Quando a pulsão se manifesta no pênis real, o garoto não consegue atribuir um sentido fálico, começa a ter sonhos angustiantes, medo de separação da mãe e, depois, inicia-se a construção da fobia.

O pai é mencionado como cumprindo uma “paternidade ocupacional”. “Presente na dialética da agressividade, da identificação e da idealização, trata-se do pai imaginário, que opera na privação, condição necessária ao Édipo, mas não suficiente” (Ibid.,p. 50). O menino já havia sido desalojado de seu posto de filho único com o nascimento da irmã e, agora, abria-se uma hiância entre a imagem pelo qual é amado e aquilo de real que tem para oferecer. A fobia viria fazer frente a um excesso de gozo experimentado na relação com a mãe, perigoso a partir do momento em que o menino se sente insuficiente para

saciar o desejo materno, conseqüentemente, desprotegido. A eleição do cavalo como significante que toma sucessivamente diferentes significados vem para suprir o lugar do pai. Inicia-se uma busca por um representante da lei, um pai que cumpra função de limite e o proteja. Esta busca gera a fantasia de que o pai teria lhe batido. Esta fantasia revela, entre outras coisas, um apelo ao pai real.

[...] é ao pai enquanto real que Hans dirige seu apelo; precisa de um sansão que possa funcionar como barreira e o retire do domínio da relação com a mãe. Só assim pode se efetivar a castração simbólica. Hans busca nele um rival que possa puni-lo [...] Quanto à questão do desejo, parece que para o menino o pai efetivamente não coloca essa mulher no lugar de causa. A inconsistência de seu desejo o faz apenas *semblant* de rival – está ligado à sua própria mãe, a avó de Hans e é em direção a ela que ele o leva. Esta é a sua pai-versão (COELHO; NASCIMENTO, 1997, p. 51).

No contexto relacional desta família, ficava difícil para o menino, configurar o pai como efetivamente desejante em relação à esposa, e por isso, proibidor do corpo da mãe. A análise é considerada atípica, mas bem sucedida. Com Freud, na retaguarda, ocupando o lugar de pai simbólico, foi possível a intervenção do pai real.

Para que um Édipo ocorra ‘normalmente’, o pai real deve fazer valer a lei simbólica da proibição do incesto, possibilitando ao sujeito um acesso moderado ao desejo e ao gozo sexual. A mãe deve ser proibida porque pertencente ao pai, e é bom que este dê provas em algum momento de que possui o falo, por mais que não o tenha.

Por isso, é conveniente que o pai real possa provar que possui o trunfo-mestre, o pênis real: o interdito não poderá fazê-lo passar para uma posição sexuada, a não ser que a mãe proibida para ele só o seja porque o pai a possui, e não porque a sexualidade em geral seja uma atividade vulgar ou inconveniente. Se o pai da realidade pode ser chamado de carente, é porque não assume nesse sentido, a função de pai real (CHEMAMA, 1995, p. 159).

É assim que o menino poderá significar a diferença sexual, atribuindo à diferença anatômica um sentido dentro do circuito do desejo e da sexualidade. Isto é possível através da operação da castração simbólica, esta que o menino tenta buscar, mas se consegue mesmo e até que ponto a castração encontrada é eficaz, é discutível.

Gazzola (2002) considera que o problema de Hans é não encontrar um pai real que responda pelo falo. O pai “[...] era gentil demais, não punha verdadeiramente em cena a castração” (p. 48). Freud ocupava o lugar de pai simbólico, detrás do qual o pai “escondia-se”. Ou seja, o autor demonstra que o pai não entra efetivamente em cena, não cumpre seu papel, buscando ajuda em outro personagem: Freud. No entanto, isto possibilitou ao pequeno Hans vislumbrar a função de pai simbólico, alguém que detém um saber e se relaciona com um outro do saber: Deus. ‘O professor conversa com Deus?’ Assim, o menino pôde começar a constituir, para si, uma instância de saber na qual pôde se apoiar; ‘O professor deve saber’.

O pai de Hans, colocando-se ‘aluno’ do ‘professor’ Freud, insere-se em uma linhagem paterna que confere respaldo à sua palavra. Este pai bem sabia que ele deveria fazer algo, que esta missão era sua, tomou o caso quase como uma questão de honra, observamos que a mãe não se envolveu tanto nesta saga. O pai, mesmo inconscientemente, sabia que devia tomar uma atitude e por isso recorre a Freud. Na sua primeira carta confessa que ‘não sabe o que fazer’. O pai escrevia, perguntava, fazia anotações e interrogatórios com o garoto. Fez-se mais presente junto a este. Engajaram-se juntos - mesmo sem saber - na construção do mito da ‘bobagem’ necessária.

Diante deste vislumbre possível do pai simbólico, Gazzola (Ibid.) afirma que “[...] isso não supre a carência do pai imaginário, do pai verdadeiramente castrador. Trata-se para Hans de que ele encontre uma suplência para este pai que não quer castrá-lo [...]” (p. 48). O autor, nomeando o pai castrador como pai imaginário, aponta-nos o fato de que a carência do pai de Hans não é apenas no pai real, mas também no pai imaginário.

Devemos pensar o que já havia constituído em Hans que fosse da ordem de um pai imaginário. O garoto manifestava alguma agressividade e rivalidade com este pai, queria tomar seu lugar, tinha ciúmes, chorava quando via os pais se beijando, queria seu lugar na cama com eles, gostava quando o pai viajava e ele ficava sozinho com a mãe, ‘sozinho com Mariedl’. No entanto, é justamente quando este ‘sozinho com’ passa a incomodar que ele começa a buscar por um pai.

A dificuldade de Hans se devia ao fato de que o pai real não se prestava muito de suporte a um investimento fálico imaginário. Se o falo é o “[...] centro de gravidade da função paterna, que vai permitir a um Pai real chegar a assumir a sua representação simbólica” (DOR, 1991, p.18), então como este homem poderia ser colocado no lugar de pai? Gazzola (2002) continua dizendo que Freud não só fez entrar em jogo o pai simbólico como também “[...] participa de certo imaginário do pai que se encontra em Hans” (p. 48).

Esta dupla vertente - imaginária e simbólica - da atuação de Freud aplica-se também à evocação do personagem de Deus. Quanto a este, em sua vertente imaginária, seria aquilo que remete a temor, à onipotência, a mestre, a senhor. Em sua vertente simbólica, o autor cita Lacan: “a concepção comum de Deus”, o que entendemos como sendo os diversos elementos da ordem do simbólico: as leis de Deus, a Bíblia que registra sua palavra, os 10 mandamentos, etc. Portanto, o que está em jogo aqui é que o pai real dificultava a configuração de um pai imaginário, que pudesse ser eleito a pai simbólico. Diversos elementos tiveram de ser evocados, inclusive, e principalmente, o cavalo, para suprir a carência de um suporte real para a lei ao mesmo tempo em que atesta sua consistência.

A fobia possibilitou ao menino a construção de uma montagem para a operação da castração, forjando para esta um agente. A fantasia final do bombeiro que lhe desparafusa o traseiro e depois manda que se vire de frente, é considerada por Freud como um indício de que a castração operou. Lacan, ao contrário, afirma que o significado desta fantasia ‘fica em aberto’, uma vez que seu desfecho - “Ele [o bombeiro] te deu um pipi maior e um traseiro maior” – tenha sido dito pelo pai. O garoto confirma a ‘construção’ do pai através de um sucinto “É”. Ao que se segue: “Você gostaria de ser o papai”, diz o pai. “Sim, eu gostaria de ter um bigode como o seu e cabelos como o seu”, diz o garoto. Pensamos que, a fantasia revela que o pênis entrou no circuito das trocas, embora permaneça em aberto, até que ponto, a castração operou, visto o desejo final do garoto de casar-se com a própria mãe. Hans mudou, de fato, seu posicionamento frente ao mundo. Sobre o desejo de ter filhos diz: “Antes eu era mamãe deles, *agora, eu sou o papai deles*” (Freud, 1909a, p.104- grifo do autor)

3.4. Comparações.

Nasio (1991) afirma que, no obsessivo, a ameaça de castração resulta em uma angústia que se desloca para pensamentos, idéias fixas. Já no fóbico, a angústia proveniente da ameaça de castração acaba por ser projetada e localizada no espaço do mundo externo. “De fato, o fóbico é aquele que instala sua angústia de castração no palco do mundo, a fim de localizá-la, controlá-la, evitá-la graças aos deslocamentos motores de seu corpo” (p. 71). Concordamos, embora com uma ressalva: não é tão simples assim.

Se, no Homem dos Ratos, a castração já havia operado bem, talvez até “um pouco demais” como diz Melman (1999); em Hans, ela ainda não havia comparecido o suficiente. Gazzola (2002) entende que, neste, o problema era um pai real difícil de ser investido imaginariamente do falo, enquanto que, no Homem dos Ratos, tratava-se de um pai imaginário difícil de simbolizar. Este pai real com suas ‘falhas’ (impostura, devedor, honra duvidosa) dificultava a simbolização. Assim, o que falta em Hans, encontra-se em excesso no Homem dos Ratos: no primeiro, carência de pai imaginário; no segundo, excesso. Na carência, torna-se necessário fabricar uma suplência.

O que, entretanto, definirá a forma de investimento imaginário não é só a forma de atuação do pai real, mas como esta se dá dentro de toda uma dinâmica desejante própria daquela triangulação em particular. Observamos que, em Hans, o pai real não serviu como um bom suporte ao investimento fálico imaginário por parte do garoto, o que compromete a assunção do pai simbólico. No Homem dos Ratos, o pai real não serviu de suporte à simbolização do pai imaginário terrificante que se instalara.

Melman (1999) compara o valor simbólico dos dois animais nos dois casos e comenta que o cavalo é uma representação simbólica da instância fálica, enquanto que o rato é aquele que se nutre das dejeções do cavalo. A erotização anal traria a fantasia de reabsorção do objeto. Ou seja, se um busca uma barra, uma castração ao excesso de gozo através do objeto fóbico; o objeto do Homem dos Ratos lhe remete a um excesso, uma tentativa de completude, negação da castração. Hans, por não tê-la vivenciado de forma suficiente, busca-a; enquanto o outro, por tê-la experimentado em excesso, tenta negá-la. Será exatamente a *tentativa de construção ou de forclusão*, ou seja, de lidar com a instância paterna que dará a cada neurose uma forma particular.

Ao referir-se à insuficiência do pai de Hans [...], ao caráter de impostura do pai do Homem dos Ratos, marcam-se momentos onde se pode ler, na clínica de Freud, diferentes modos de designar que há uma falha da função paterna. Esta é testemunhada na neurose quando o sujeito produz sintomas que são convocados a supri-la (COELHO; NASCIMENTO, 1997, p. 56).

Na comparação entre os casos, podemos ver que há em ambos uma inconsistência na lei, mas esta será causada por fatores diferentes em cada caso. Uma falha na operação da metáfora paterna é inevitável, já que esta nunca ocorre de forma totalmente eficaz e a neurose é a própria testemunha desta falha. O que mudará em cada neurose dependerá de como foi realizada a metáfora, com sua forma de falha particular. Retomemos, portanto, o texto freudiano, no qual é interessante observar que, sobre Hans, teremos acesso à fala do pai, enquanto que, no Homem dos Ratos, a atuação do pai deve ser apreendida de seus efeitos sobre o filho e nas entrelinhas do discurso do paciente.

Em Hans, se a mãe não fazia muita questão de ficar a sós com o marido, este, por sua vez, complementava este ‘desinteresse’. O menino vinha suprir o que faltava na relação daquele casal, era necessário instalá-lo ali, no meio, onde justamente deveria encontrar-se o falo, enquanto aquilo que representa o desejo entre o casal. Neste espaço intermediário, o garoto recebia as “excessivas demonstrações de afeto” da mãe.

O menino gostava, queria ‘mimar’ com a mãe. Acostumado a ocupar este lugar privilegiado, não gostava quando o perdia temporariamente, entrava em uma dialética de rivalidade imaginária com o pai, mas ‘a girafa grande podia gritar’ (o pai reclamar) que não adiantava nada, ele sentava em cima da ‘girafa pequena’ (ficava com a mãe). O início das ereções em Hans, abriu a hiância entre o que ele podia oferecer e aquilo pelo qual era amado, promoveu a angústia, que, por sua vez, convocou a fobia. A partir daí, o pai entra em cena, munido de um instrumento a mais: a psicanálise do professor, um saber possível sobre a questão sexual. O pai tenta inserir-se na linhagem dos que sabem lidar com o desejo do Outro e com o gozo, mesmo que isto se dê de forma atrapalhada e por uma via explicativa.

No caso do Homem dos Ratos, a mãe desejava o marido, mas apresentava seu desejo insatisfeito. O desejo de satisfação complementar com o filho parece ficar mais

recalcado nesta mulher. Há sempre a figura substituta da babá nos investimentos eróticos precoces do menino. Também este em relação à mãe, já recalcara bem o seu desejo, exibia formações reativas em relação ao seu desejo incestuoso pela mãe, e o desejo parricida em relação ao pai, o atormentava desde a infância.

O pai do Homem dos Ratos tenta colocar-se em relação à dupla mãe-filho como aquele que tem o falo, mas parece não convencer muito. Ele tenta dar provas, é autoritário, quer impor regras, pune e bate. É violento, mas isto é visto como grosseria e não como sinal de força. É autoritário, mas a mãe burla na surdina sua lei. Tenta mostrar-se como provedor, mas sabe-se que ele depende do dinheiro da esposa. Tenta mostrar-se como gozador, que pode falar obscenidades, mas havia cedido em seu desejo. Assim, exibe uma espécie de ‘fachada’ de gozador, empunha seu ‘falo furado’: devedor, pobre, mal educado, suboficial. Peca pelo excesso, quanto mais tenta ostentar seu falo, mais revela que lhe falta algo.

O pai de Hans e o pai do Homem dos Ratos diferem radicalmente na forma de proferir a lei, o primeiro um ‘não’ tímido, e o segundo, um ‘não’ violento. O primeiro parece não fazer questão de assumir o papel de ‘o interventor’ dentro do filme ‘o desejo incestuoso’ no qual o filho é o protagonista. Ele esquiva-se, como quem diz ‘não tenho nada a ver com isso’. No entanto, o enredo do filme complica-se com a formação da fobia que o obriga a entrar em cena, mesmo que atrapalhado, inseguro quanto ao seu texto, ou seja, quanto àquilo que deveria dizer. Já o segundo, o pai do Homem dos Ratos, se compraz em atuar neste papel, isto lhe dá certa satisfação narcísica, parece gostar de mostrar que ele é quem manda, porque, no íntimo, sabe que não é bem assim. O papel de pai dentro deste filme exige dois requisitos daquele que vai representá-lo: saber proferir a lei e dar provas de que tem o falo, tarefa difícil, já que ninguém o possui de fato. Assim, a ‘atuação’ no sentido mesmo de representação, de proferir o ‘não’ da proibição é feita de forma insegura pelo primeiro; enquanto o segundo seria o ‘canastrão’, exagerado. Nenhum dos dois convence muito.

Para que um ator cumpra bem seu papel, ele precisa acreditar no que diz. Quando a peça ou filme é na própria vida, *para que a fala convença, é necessário que esteja de fato vinculada a um desejo*, já que a criança é bem mais sensível às intenções do que ao comportamento objetivo propriamente. Isto faz com que os dois pais em questão se assemelhem no sentido de certa inconsistência no desejo quanto à esposa, o que

compromete a atuação e interfere no curso dos acontecimentos. Isto ira relacionar-se com o fato de uma mulher ‘não querer muito’ o marido, e a outra, ‘estar insatisfeita’; questões estas que modificarão o lugar no qual colocarão o filho dentro de sua economia desejante.

Para que a atuação do pai real fosse bem compreendida, seria necessário pensar sobre o desejo que a motiva, no entanto consideramos muito difícil falar sobre esse desejo, pois seria ‘analisar’ o pai através do caso clínico do filho. Isto seria possível? Por enquanto, vamos limitar-nos com a observação desta atuação e sua relação com o desenrolar do filme.

CONCLUSÕES E QUESTIONAMENTOS.

Entendendo a neurose como estratégia de defesa frente à castração, buscamos deduzir certa tipologia da configuração desejante edipiana vivida pelo sujeito a partir da forma tomada pela sua neurose. A maneira como o neurótico lida *a posteriori* com a instância fálica vem dar testemunho de como esta compareceu em um momento mais original.

Para que o Pai faça sua entrada diante da relação mãe-filho e assim se inicie o Édipo, são necessários no mínimo três elementos: a mãe abrir a porta para sua entrada – primeiramente ele comparece revelado e depois mediado no discurso da mãe – algo da ordem da realidade certificar o lugar desta terceira instância – eis a função do pai real - e a criança querer reconhecê-lo, o que dependerá do lugar que já ocupa na economia desejante familiar.

Este trabalho tratou de casos em que a função de Pai foi exercida pelo pai da realidade, atentando para as dificuldades e diversidade de elementos envolvidos em cada caso. Para isto, observamos como o falo circula na particularidade desejante de cada triangulação edípica, onde cintila mais, para onde se dirigem os desejos, os investimentos, para onde se desloca a libido dos personagens em questão. É difícil, dentro da mobilidade que é típica da libido, tentar estabelecer alguma tipologia na dinâmica estruturante de cada neurose, até porque são muitas as variáveis que entram em jogo e interferem neste processo: a forma como cada um – pai e mãe – internalizou a lei e lida com a castração, os elementos da fantasia e/ou da realidade, que podem tornar um objeto mais ou menos desejável, a reciprocidade ou não do desejo, o tipo de relação de objeto de cada um, circunstâncias reais e momentâneas que interferem na dinâmica desejante dentro da constelação familiar. Tal dinâmica, apesar de tantas variáveis, pode adquirir certa configuração mais estável em um dado momento, e foi isto que investigamos a respeito de cada neurose, e mais especificamente, isolando à medida do possível, a variável ‘pai real’. Como foi a atuação desta variável em cada caso?

O falo como significante do desejo tem seu desdobramento nas dimensões real, simbólica e imaginária. O pai também tem seu desdobramento nestas três dimensões, isto enriquece a compreensão da operação da metáfora paterna, no entanto, quando aprofundamos o estudo, sentimos uma dificuldade de manter esta ‘separação’, visto que,

diante de uma análise mais minuciosa, o imbrincamento comparece novamente. Embora tenhamos encontrado esta dificuldade, prosseguimos com a proposta de ‘isolar’, dentro do possível, a atuação do pai real.

A fim de proteger-se da angústia, o fóbico elege um objeto que ocupe o lugar de pai, a partir daí, é possível manter certo distanciamento em relação a ele. A existência concreta do objeto fóbico parece garantir certa segurança ao sujeito quanto à existência de uma terceira instância. Já o obsessivo, fica em uma eterna luta entre instituir/destituir este lugar. No fóbico, o sujeito luta para manter-se longe da posição de objeto de gozo da mãe, enquanto que, no obsessivo, o sujeito oscila constantemente entre ocupar ou não este lugar; ‘ser ou não ser o falo para o Outro’, eis a questão do obsessivo. *O fóbico parte de uma certeza: não querer ser, enquanto o obsessivo parte de uma dúvida.* Podemos perguntar-nos, então, o que pode gerar a certeza naquele e a dúvida neste.

É possível articular que o fóbico, inicialmente, foi colocado de forma mais intensa no lugar de objeto do gozo de um Outro que muito insuficientemente se referia à instância paterna. É uma configuração em que a mãe coloca a criança como *objeto privilegiado de seu gozo*, é dela que espera satisfação, busca uma vivência imaginária de completude, embora *reconheça minimamente a existência de uma terceira instância* em relação à qual não se mostra muito desejante, nem dá muito crédito à palavra. A criança esteve muito mais *à mercê do gozo deste Outro* que o obsessivo. Tendo experimentado mais de perto o risco de ser tragada pela boca do ‘jacaré mãe’, ela tem mais convicção de que aí não quer ficar.

É uma situação de *horror diante da falta no Outro*, pois a terceira instância *quase* não conta no sentido de mediatizar o desejo desta mãe, sobrando ao filho a função de suprir o lugar de objeto de satisfação desta. É uma posição de perigo, *risco de aniquilamento*, da qual ele *quer fugir*. O fóbico é aquele que *vai atrás de um pai*, busca-o e o constrói. Lembremos quantas vezes Hans insistiu para que o pai cumprisse sua função (‘você tem que estar com raiva’, ‘você já me bateu’, etc.) e este não colaborava muito. A fobia é, neste sentido, um esforço para assegurar sua condição de sujeito. Para isto, ele reforça por conta própria o pequeno ‘graveto’ que cumpre aí a função de pai, aumenta-o, elege um Totem suficiente para constituir uma barra entre ele e o Outro materno.

Se pensarmos a função do pai real como aquela de dar provas de que tem o falo e fazer valer a lei simbólica, este pai não cumpria bem sua função, constituía-se como um

pai carente, insuficiente. Ele não se configurava como imaginariamente fálico diante da dupla mãe-filho, sua palavra era desautorizada, de modo que o menino precisou encontrar uma suplência para esta função, que o pai real não cumpria: a castração. Buscando um elemento que está ‘fora do jogo’, o sujeito lança mão de um *quinto elemento – o objeto fóbico* – como *prótese* para este *pai da realidade praticamente desfalicizado*. O objeto fóbico dará no real um suporte para a Lei, funcionando como objeto significante, que entrará em toda uma construção mítica como foi o caso de Hans, através da qual ele faz sua travessia da castração.

No caso do obsessivo, o sujeito demonstra um eterno impasse entre destruir/ser destruído pelo Outro. Esta posição oscilante, de dúvida, vem do fato de que, no obsessivo, não existiu tanto um horror frente a esta posição de objeto, já que ele não ocupou tanto este lugar, nem o sentiu tão de perto quanto o fóbico. Aquilo que devia cumprir função de barra, o fez de modo suficiente para garantir ao sujeito um distanciamento necessário. Isto, entretanto, acabou por gerar uma dúvida, já que passa a existir mais intensamente o desejo e o medo ao mesmo tempo. Ele não precisa construir um pai; este já existe, cabe a ele aceitar ou não, ultrapassar ou não o limite.

Na constelação inicial do obsessivo, o lugar do falo configura-se como incerto. Existe aquele que cumpre função de barrar a relação mãe-filho, mas o desejo materno ainda se dirige à criança. A situação caminha para uma ambigüidade: *a mãe dirige seu desejo ao pai, submete-se à sua lei, no entanto demonstra-se insatisfeita* e estabelece certa cumplicidade com o filho no sentido de ‘burlar’ um pouco a lei do pai, colocando o filho no lugar de *objeto suplente de sua satisfação*. Ela envia uma *mensagem ambígua* para a criança em relação à Lei do pai. O lugar do objeto de desejo materno oscila mais de posição, ora parece estar com o pai, ora com a criança. Esta, ocupando um posto de suplência ao desejo da mãe e usufruindo de um gozo a mais, incomoda-se com a existência de uma terceira instância supostamente fálica, circunstância que conduz a uma rivalidade e ambivalência mais intensas.

A mãe envia uma mensagem ambígua, e o filho ocupa uma *posição de impasse* diante deste terceiro: quer destituí-lo, ocupar seu posto, ser o único objeto da mãe, mas sabe o risco que isto implica: além do seu possível aniquilamento enquanto sujeito, o pai poderia ter uma vingança desmedida, de modo que se torna preciso mantê-lo neste lugar. Para barrar o excesso de gozo vivido pela criança na relação com mãe, é necessária a

construção de um pai imaginário terrificante, violento, detentor de um sadismo proporcional ao gozo experimentado pela criança. Observamos, no obsessivo, um *grande investimento fálico na imagem do pai ao mesmo tempo em que se tenta desvalorizar esta falicidade* em outros momentos, apontar suas falhas e faltas.

Como o pai faz sua entrada neste contexto? Enquanto pai real, ele deverá servir de suporte para a '*Lei, mas*'...esta será creditada de forma ambígua ao Outro na neurose obsessiva, já que existe na criança uma dúvida quanto ao direito de ele ocupar a posição paterna. Se a mãe é insatisfeita, o pai '*detém o falo, mas*'...alguma coisa deve faltar a este falo, é um 'falo furado' e o obsessivo instala-se imaginariamente como aquele que pode tapar o buraco do falo paterno. É uma saída perfeita: sendo aquilo que falta ao pai, agradará a este, à mãe e a ele mesmo, à medida que, se antes era suplente à satisfação da mãe, não perderá seu status narcísico, colocando-se, agora, como objeto privilegiado junto ao pai, sendo aquele que poderá garantir sua consistência. Ocupará um posto '*privilegiado, mas*'...isto representará para o sujeito um enorme trabalho, constante, '*sacrificante, mas*'...fonte de satisfação narcísica.

Para que tudo isto aconteça, o pai real deve ter colaborado na construção/manutenção de toda esta triangulação ambígua. Enquanto aquele que deve dar provas de que tem o falo, ele mostra que '*tem, mas*'...é um falo furado. Ele se faz porta-voz da '*Lei, mas*'... esta pode ser parcialmente burlada pela mãe junto ao filho.

Com Gazzola (2202), concluímos que o pai real do fóbico é carente em sua função por não se prestar bem a um investimento fálico imaginário. Em relação ao pai imaginário do obsessivo, também concordamos no sentido de vê-lo como o oposto do pai imaginário do fóbico: o que este tem de menos em termos de investimento fálico, o outro tem demais. No entanto, em relação ao pai real do obsessivo ocupar um "lugar simbólico degradado na família" de forma que dificulta a simbolização do pai imaginário, pensamos de modo diferente. Não se trata apenas de um lugar degradado, é, antes de tudo, um lugar contraditório, ambíguo, dentro de uma triangulação edipiana, onde todos os três participantes colaboram para esta '*dinâmica da ambigüidade*'.

Esta contradição no pai do obsessivo é observada em todos os seus níveis: desde quando enunciada ainda no discurso da mãe, a lei é colocada de forma ambígua - existe, mas pode ser burlada. No imaginário, fica uma dúvida a respeito da atribuição fálica do pai, que se resolve através do ele '*tem o falo, mas*'... a este deve faltar alguma coisa. No

real, o pai profere a lei, tenta dar mostrar de que tem o falo, mas não convence muito. Quanto mais exagera, mais denuncia sua falta.

Se a estratégia fóbica foi uma ‘saída pela tangente’ no sentido de ir mais além do triângulo, buscando um quinto elemento¹; a saída do obsessivo deu-se pela sustentação de um ‘equilíbrio precário’, na qual o sujeito deve ocupar o lugar de fiador do pai o tempo todo. Desta forma, o fóbico terá sido bem sucedido à medida que, elegendo um Totem e podendo controlar sua distância em relação a ele, ‘pode ficar livre’ para desejar de alguma forma, a menos que o objeto falhe em sua função e o remeta à angústia. Já o obsessivo, preso nesta rede de sustentação de um impasse, não pode ficar ‘livre’ para assumir seu desejo, *mas...*é isso mesmo que ele quer.

Em ambas as neuroses, parte-se de um excesso de gozo na relação com a mãe. Diante da falta neste Outro, o fóbico constrói um Totem que represente o pai e o obsessivo, fica no impasse entre construir um pai inteiro ou destruí-lo inteiramente. Na neurose obsessiva, com a produção de um pai imaginário terrificante, o horror à castração torna-se muito intenso. Na fobia, o problema maior ocorre diante do desamparo diante do gozo do Outro materno.

Existe o medo de castração na fobia e o terror frente ao gozo do Outro na neurose obsessiva, mas entendemos que, na fobia, o terror frente ao Outro materno é mais determinante, enquanto que, na neurose obsessiva, o temor frente ao Outro paterno torna-se mais decisivo. Seria correto entender a fobia como uma forma de (principalmente) fazer frente à falta no Outro materno e a neurose obsessiva, uma forma de (principalmente) fazer frente a um Outro paterno? Ou seria melhor dizer que se trata de uma predominância do terror àquela castração mais inicial - de devoramento – na fobia, e uma predominância do terror a uma castração fálica na neurose obsessiva?

Na busca de compreender a atuação do pai real é inevitável que se formule uma pergunta acerca de seu desejo. O que se pode falar sobre o desejo que habita o pai real e justifica suas ações? A ação ‘insuficiente’ no pai do fóbico e a ‘ambígua’ no pai do obsessivo seriam motivadas por que tipo de desejo? São perguntas que ficam em aberto para próximas pesquisas, pois o processo de construção do conhecimento é exatamente este: a cada resposta, uma nova pergunta se abre. Afinal, como bem nos mostrou Freud,

¹ Quinto elemento diante da “quaternidade intersubjetiva” do Édipo de que fala Lacan (1999): pai, mãe, criança e o falo.

“Todo conhecimento é um monte de retalhos, e cada passo a frente deixa atrás de si um resíduo não resolvido” (1909a, p. 107).

Diante da crescente constituição de novas configurações familiares, torna-se imprescindível repensar a função e papel do pai. Assistimos ao avanço de práticas de reprodução assistida ou ‘produção independente’, onde o desejo da mulher que se fará mãe, não parece vinculado a um terceiro pólo, ela o realiza por conta própria, colocando o filho que virá em uma linhagem simbólica que gera uma pergunta de como ficará, neste contexto, o lugar do pai para esta criança.

Nesta pesquisa, tentamos iluminar um pouco o lugar do pai real como pai da realidade na compreensão das neuroses no discurso psicanalítico. No paradoxo de buscar exatamente na realidade como se articulam as dimensões não realísticas envolvidas – imaginárias e simbólicas – em uma espécie de processo de escavação, como diria Freud. Escavamos a partir do texto freudiano, como quem busca resgatar o lugar e a importância do pai da realidade, afinal de contas, como já falamos, hoje encontramos as mais diversas configurações familiares, com ou sem pai, no entanto, em muitas, ele ainda existe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBERTÍN, M.C. *Imperativos do supereu: testemunhos clínicos*. Tradução: Mônica Seincman. São Paulo: Escuta, 2006. 309p.

BENVENISTE, E. Vocabulário das instituições indo-européias. Paris: Minuit, 1969. Apud JULIEN, P. *A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997.

CABAS, A. G. *Curso e discurso de Jacques Lacan*. Tradução: Maria Lúcia Baltazar. São Paulo: Moraes, 1982. 292p.

CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*, Porto Alegre: A. Médicas, 1989. 125 p.

CHEMAMA, R. (Org.) *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: A. Médicas, 1995. 240p.

COELHO, M.C.; NASCIMENTO, S.R. A propósito do pai na clínica de Freud. In: *Do Pai: O limite em Psicanálise*. Revista da Letra Freudiana do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 21, 49-58, 1997.

COUVREUR, C. Introdução aos escritos de Freud sobre a neurose obsessiva. In: *A neurose obsessiva*. BRUSSET, B; COUVREUR, C. (orgs.). Tradução; Sérgio J. de Almeida; Dirceu Scali Jr. São Paulo: Escuta, p. 21-38, 2003.

DOR, J. *O pai e sua função em Psicanálise*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991a. 123 p.

_____. *Estruturas e perversões*. Tradução: Patrícia Chittoni. Porto Alegre: A. Médicas, 1991b. 199 p.

_____. *Estruturas e Clínica Psicanalítica*. Tradução: Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus, 1994. 124 p.

DOREY, R. Problemática obsessiva e problemática perversa. In: *A neurose obsessiva*. BRUSSET, B; COUVREUR, C. (orgs.). Tradução; Sérgio J. de Almeida; Dirceu Scali Jr. São Paulo: Escuta, p. 115-140, 2003.

DUNKER, C. I. L. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002. 223p.

FERENCZI, S. O pequeno homem-galo. In: *Psicanálise II. Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.61-65.

FLEIG, M; BELTRÃO, C. A neurose obsessiva ou o melhor dos mundos. In: *A neurose obsessiva: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.17, p. 71-78, 1999.

FREUD, Sigmund - *Obras Psicológicas Completas*, Traduzida do Alemão e do Inglês sob a direção geral de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1980. .

_____. *Carta 64* In: Extratos de documentos dirigidos à Fliess (1950 [1892-1899]). Vol. I

_____. *As neuropsicoses de defesa* (1894) Vol. III.

_____. *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”* (1895a [1894]) Vol. III.

_____. *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* (1895b [1894]) Vol. III.

_____. *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) Vol. III.

_____. *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Vol. XII.

_____. *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907) Vol. IX.

_____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, (1909 a) Vol. X

_____. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909 b) Vol. X.

_____. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) Vol. XI.

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) Vol. XIV.

_____. *Repressão* (1915a) Vol. XIV.

_____. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915b) Vol. XIV.

_____. *Os caminhos da formação dos sintomas* (Conferência introdutória XXIII) (1917a) Vol. XVI.

_____. *A ansiedade*. (Conferência introdutória XXV) (1917b) Vol. XVI.

_____. *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* (1917c) Vol. XVII.

_____. *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) Vol. XVII.

_____. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923a) Vol. XIX.

_____. *O Ego e o Id* (1923b) Vol. XIX.

_____. *A dissolução do complexo de Édipo* (1924a) Vol. XIX.

_____. *O problema econômico do masoquismo* (1924b) Vol. XIX.

_____. *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924c) Vol. XIX.

_____. *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926 [1925]), Vol. XX.

_____. *O mal estar na civilização* (1930 [1929]) Vol. XXI.

_____. *Ansiedade e vida instintual*. (Conferência XXXII) (1933) Vol. XXII.

_____. *Totem e Tabu* (1934 [1930]) Vol. XIII.

_____. *Construções em análise* (1937). Vol. XXIII.

GAZZOLA, L.R. *Estratégias na neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2002. 205 p.

GURFINKEL, A. C. *A fobia*. Coleção clínica psicanalítica. Direção: Flávio Carvalho Ferraz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 167p.

JERUSALINSKY, A. A forclusão do pai na neurose obsessiva. In: *A neurose obsessiva*: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n.17, p. 63-70, 1999.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*: as bases conceituais. Rio de Janeiro; J. Zahar, 2002. 192p.

JULIEN, P. *A feminilidade velada*: aliança conjugal e modernidade. Tradução: Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997. 102p.

_____. *Psicose, perversão, neurose*: a leitura de Jacques Lacan. Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2002. 205p.

KEHL, M. R. Blefe! In: *A neurose obsessiva*: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n.17, p. 79-82, 1999.

LACAN, J. *Hamlet por Lacan*. Textos psicanalíticos 1. Fragmento do seminário O desejo e sua interpretação baseado nas anotações de Octave Mannoni. Tradução: Cláudia Berliner. Campinas: Escuta e Libliú Livraria Editora, 1986. 91p.

_____. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1987.

_____. *A transferência*. Livro 8. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. 386p.

_____. *A relação de objeto*. Livro 4. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. 456 p.

_____. A agressividade em Psicanálise. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Zahar, p. 104-126, 1998a.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Zahar, p. 238-324, 1998b.

_____. Variantes do tratamento padrão. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Zahar, p. 325-364, 1998c.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Zahar, p. 591-652, 1998d.

_____. *As formações do inconsciente*. Livro 5. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1999. 532 p.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, p.29-90, 2003.

MEES, L. A. A neurose obsessiva. In: *A neurose obsessiva*: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n.17, p. 37-41, 1999.

MELMAN, C. A racionalidade como sintoma. In: *A neurose obsessiva*: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n.17, p. 52-62, 1999.

_____. *O homem sem gravidade*: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003. 211p.

NASIO, J. -D. *A histeria: Teoria e clínica psicanalítica*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1991. 172p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID- 10*. Tradução: Dr. Dorgival Caetano. Porto alegre: Artmed, 1993. 351p.

PERES, U. T. Notas sobre a neurose obsessiva em Freud e Lacan. In: *A neurose obsessiva*. BERLINK, M. T. (org.). São Paulo: Escuta, p. 327-398, 2003.

PORGE, E. *Os nomes-do-pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998. 232p.

RABINOVITCH, S. *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2001.

RIBEIRO, M. A. C. *A neurose obsessiva*. Coleção psicanálise passo-a-passo. Direção: Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 59p.

RILHO, V. Fobia: uma experiência de borda. In: *Psicopatologia do espaço e outras fronteiras: revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n.22, p. 09-29, 2002.

ROUDINESCO, E. *Por que a Psicanálise?* Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. 163p.

_____. *A família em desordem*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 199p.

TOLIPAN, E. *A estrutura da experiência psicanalítica*. Dissertação de mestrado sob orientação de Joel Birman. Rio de Janeiro: UFRJ, novembro de 1991.

VALAS, P. *As dimensões do gozo- do mito da pulsão à deriva do gozo*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001. 116p.